

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

LUIZ EDUARDO PRADO DA FONSECA

**RADECKI E A HISTÓRIA DA PSICOLOGIA NO BRASIL:
ALGUMAS REFLEXÕES HISTORIOGRÁFICAS**

RIO DE JANEIRO

2016

LUIZ EDUARDO PRADO DA FONSECA

**RADECKI E A HISTÓRIA DA PSICOLOGIA NO BRASIL: ALGUMAS
REFLEXÕES HISTORIOGRÁFICAS**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de pós-graduação em História das Ciências, das Técnicas e Epistemologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito para a obtenção do título de Mestre em História das Ciências, das Técnicas e Epistemologia.

Orientador: Prof. Dr. Arthur Arruda Leal Ferreira

RIO DE JANEIRO

2016

LUIZ EDUARDO PRADO DA FONSECA

**RADECKI E A HISTÓRIA DA PSICOLOGIA NO BRASIL: ALGUMAS
REFLEXÕES HISTORIOGRÁFICAS**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de pós-graduação em História das Ciências, das Técnicas e Epistemologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito para a obtenção do título de Mestre em História das Ciências, das Técnicas e Epistemologia.

Aprovada em:

Arthur Arruda Leal Ferreira, Doutor em Psicologia Clínica, UFRJ

Henrique Luiz Cukierman, Doutor em Engenharia de Produção, UFRJ

Heliana de Barros Conde Rodrigues, Doutora em Psicologia Escolar, UERJ

Dedico este trabalho a mim, sem o qual não
teria chegado até aqui. Obrigado, Luiz.

AGRADECIMENTOS

Ph'nglui mglw'nafh Cthulhu R'lyeh wgah'nagl fhtagn.

À genialidade de Richard fucking Garfield, por ter criado Magic: The Gathering, o jogo mais complexo envolvendo tiras de papelão e sextas-feiras da Toys manchando o score da galera que sabe o que está fazendo no Friday.

it's a beautiful day outside. birds are singing, flowers are blooming... on days like these, kids like you....Should be burning in hell.

Aquela menção necessária à Half-Life porque ninguém mais aguenta tanto tempo sem o jogo. Vou virar Doutor pelo HCTE e nada de Half-Life 3.

Ao Hugo, pela incrível contribuição nesses dois anos de mestrado e pelas discussões infundas que tínhamos sobre história da psicologia, história da ciência e planos de estudo. Que nos próximos anos você reclame tanto que o Arthur resolva comprar presunto de parma e pão preto para os encontros de pesquisa!

À Maira, por ser uma amiga sempre presente e amável, embora ande com o inimigo, frequente uma instituição de ensino superior inferior e seja uma espiã para roubar meus planos de dominação mundial. Obrigado por me aturar com seu infindo estoque de afetividade. Sério.

Ao meu digníssimo orientador, verdadeiro pesquisador da História da Psicologia e das Ciências do Brasil e da América Latina, bandeirante do conhecimento e da produção em Ciências Humanas e inestimável Mestre, Professor e baluarte da produção intelectual. Que os Anais da História recebam seu nome como Pioneiro da Psicologia no Brasil!

À Clara e ao Julio pela maravilhosa estadia em Montevideo, pelos três meses em que pude ficar fora do meu país, sem falar uma frase inteira em espanhol e tendo uma das melhores experiências da minha vida. Gracias!

Aos professores Henrique Cukierman e Heliana Conde por fazerem parte da banca de defesa: Obrigado!

Escrevi estes agradecimentos tendo em mente também a parte que cabe ao grupo Psychologia, por fomentar grande parte de minhas intenções em pesquisa e ensino de História da Psicologia no Brasil.

E, é claro, não poderia esquecer também do grupo de Quinta. Obrigado, cavalheiros.

Tenho a certeza que iniciei uma nova linhagem de discípulas: À Gabriela, que está iniciando o curso de Psicologia e à Júlia, que está terminando. Façam o legado da minha influência valer a pena! E parabéns pelas conquistas.

À Jéssica, Nicolle e Ana, grandes amigas numa péssima terra. Obrigado pela presença mesmo atrás da cortina de poluição e deserto que é São Paulo. Veio até um gosto ruim na boca.

Aos meus amados filhos, Rafael, Larissa e Leandro. Pensando bem, só à Larissa e ao Rafael, visto que ALGUÉM se “”deserdou””. Ingrato.

Ao número 574 da Rua Uçá, especialmente à Tia Mari, aos deslizes do Igor gaguejando sem parar com sua consorte Helena de Troia (igualmente gaga) e ao meu chofer oficial, Pedrinho. Que a casa não vire prédio, como tudo no Jardim Guanabara acaba virando.

Acho que vocês deveriam conhecer a BIG'S, o MAIS NOVO empreendimento de HAMBURGUERIA da ZONA NORTE CARIOCA! Aconselho TRIO MAROMBA: o BIG TREMBOLONA, as CREATINA'S CHIPS com MILK-WHEY!

Às pessoas que somem e se desencontram, como Daniele, Duda e Luiza. Não esqueci de vocês. (Mas Dani reclama muito quando ela mesma some.)

À minha psicóloga Raquel, pois sem a promoção de uma terapia cientificamente comprovada eu jamais experimentaria um processo psicoterapêutico sério e sem divãs (ou ter que pagar 200 reais por sessão).

Ao Teta, no Japão, ao Gustavo, aqui na Ilha, e ao Fabinho fazendo zona no Facebook alheio. E ao Ian, que a cada ano ímpar muda onde está morando.

Quem estiver nos agradecimentos da tese de doutorado e tiver aparecido nestes e nos da monografia (fucking oldschool) pode pedir música em 2020. Três vezes, pede música.

Enfim, os agradecimentos da Monografia foram como Avengers (2013): um sucesso estrondoso. Espero que os da Dissertação não sofram da síndrome de Avengers: Era de Ultron (2015) e sejam um sólido “meh”. Isso significa, portanto, que os agradecimentos do Doutorado serão uma Guerra Infinita?

Que eu consiga, no mestrado, meu intercâmbio para a Inglaterra me aplicar para o Ministry of Silly Walks. Tenham fé em mim.

Deus ainda não existe para eu agradecer a ele aqui. Continue tentando.

“Maldito da parreira o néctar que excita,
Maldita a tentação, o amor e a incontinência,
Maldita a Esperança, e a Crença maldita!
Maldita antes de tudo é toda a Paciência.”

Goethe – Fausto, para Mefistófeles.

RESUMO

FONSECA, Luiz. **Radecki e a história da psicologia no Brasil**: Algumas reflexões historiográficas. 2016. 131f. Dissertação (Mestrado em História das Ciências, das Técnicas e Epistemologia). Programa de Pós-graduação em História das Ciências, das Técnicas e Epistemologia. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2016.

Este trabalho apresenta um estudo de caso sobre o personagem Waclaw Radecki e suas relações com o campo da história da psicologia no Brasil. A partir de conceituações do campo da história das ciências e da historiografia francesa dos *Annales*, se estabelece uma reflexão acerca dos modos como o personagem foi inserido nas narrativas e discursos históricos da psicologia no Brasil através de certos grupos de interesse. Se discute o lugar ocupado pelo texto que redescobriu Radecki para alguns historiadores da psicologia no país e se propõe a demonstrar as diversas modalidades e operações realizadas em cima de Radecki, de modo a resgatá-lo do lugar de desconhecido para um pioneiro da psicologia no país. Apresenta como resultado possível a ideia de uma ponderação crítica acerca dos usos de personagens pioneiros para a história da psicologia do Brasil e propõe uma reflexão sobre o tema.

Palavras-Chave: História da psicologia, História das Ciências, Historiografia da Psicologia, História da Psicologia no Brasil, Waclaw Radecki.

ABSTRACT

FONSECA, Luiz. **Radecki e a história da psicologia no Brasil**: Algumas reflexões historiográficas. 2016. 131f. Dissertação (Mestrado em História das Ciências, das Técnicas e Epistemologia). Programa de Pós-graduação em História das Ciências, das Técnicas e Epistemologia. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2016.

This essay presents a case study of the character Waclaw Radecki and his relations with the field of brazilian history of psychology. Using some concepts from the field of History of Science and *Annales* french historiography, this study establishes a reflection over the ways that the presented character was inserted in the narratives and historical speeches of psychology in Brazil through some groups of interest. This study debates the meaning that the article responsible for the discovery of Radecki holds to some historians of psychology in Brazil, and proposes to point out some modalities and operations worked over Radecki that led him from a unknown character to a pioneer of the psychology in Brazil. This essay shows as result the possibility of a critical pondering over the uses of pioneer characters in brazilian history of psychology and proposes some considerations about those problems.

Keywords: History of Psychology, History of Science, Historiography of Psychology, History of Psychology in Brazil, Waclaw Radecki.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1- REFLEXÕES HISTORIOGRÁFICAS.....	17
1.1- ALGUMAS PISTAS SOBRE A ESCRITA DA HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS.....	17
1.2- REUNINDO AS PISTAS.....	26
1.3- UMA BREVE APRESENTAÇÃO DE IDEIAS DA ESCOLA DOS ANNALES.....	27
1.4- A OPERAÇÃO HISTÓRICA.....	33
1.5- CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
2- ALGUMAS CARACTERÍSTICAS DA HISTORIOGRAFIA DA PSICOLOGIA NO BRASIL.....	39
2.1- UMA HISTÓRIA (DA HISTÓRIA) DA PSICOLOGIA NO BRASIL: UMA POSSÍVEL VERSÃO.....	40
2.1.1- TEXTOS HISTÓRICOS DA PSICOLOGIA ANTES DE 1960.....	41
2.1.2- TEXTOS HISTÓRICOS ENTRE 1960 E 1980.....	45
2.1.3- OS TEXTOS HISTÓRICOS DA DÉCADA DE 1980.....	46
2.2- A “IDADE DE OURO” E A VISITA DE JOSEF BROZEK.....	51
2.3- A HISTÓRIA DA PSICOLOGIA NO BRASIL DOS ANOS 2000 EM DIANTE.....	53
2.4- ALGUMAS CARACTERÍSTICAS HISTORIOGRÁFICAS.....	54
2.4.1- HISTORIOGRAFIA DA PSICOLOGIA MODERNA.....	54
2.4.2- HISTÓRIA DA PSICOLOGIA NO BRASIL: DO PERÍODO COLONIAL ATÉ 1934.....	59
2.4.3- A PSICOLOGIA NO BRASIL: LEITURA HISTÓRICA DE SUA CONSTITUIÇÃO.....	61
2.5- CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	63
3- “RADECKI E A PSICOLOGIA NO BRASIL” – A OPERAÇÃO HISTÓRICA.....	66
3.1- RADECKI E A PSICOLOGIA NO BRASIL.....	66
3.2- UM BREVE HISTÓRICO DE WACLAW RADECKI.....	67
3.3- A (RE)TOMADA – A PRIMEIRA FASE DA OPERAÇÃO HISTÓRICA.....	71
3.4- DA (RE)TOMADA AO PIONEIRISMO – A SEGUNDA FASE DA OPERAÇÃO HISTÓRICA.....	79
3.5- DO PIONEIRISMO ÀS LINHAGENS – A TERCEIRA FASE DA OPERAÇÃO HISTÓRICA.....	83
4- CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	88
4.1- CONSIDERAÇÕES SOBRE A HISTORIOGRAFIA DA PSICOLOGIA NO BRASIL.....	88

4.2- CONSIDERAÇÕES SOBRE O PERSONAGEM DE WACLAW RADECKI E SEUS USOS.....	91
4.3- CONCLUSÃO.....	94
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	95
APÊNDICE- DOSSIÊ RADECKI.....	100

Introdução

Este é um estudo sobre a história da psicologia no Brasil. Seu intuito é, ao partir de um conjunto de reflexões historiográficas, aplicar um olhar crítico sobre a produção historiográfica do saber psicológico em terras brasileiras, utilizando de um estudo de caso para identificar problemas e questões a serem enunciados ao final do trabalho, com pretensões de indicar alguns sintomas que poderiam fazer parte de algumas narrativas sobre a disciplina no país.

Não é, contudo, uma tarefa de nenhum modo generalista. A escolha de um estudo de caso parte não apenas de uma extensa pesquisa realizada anteriormente sobre o caso escolhido, como também pela fecundidade de exemplos que dele podem ser retirados. Ao examinarmos o personagem central do estudo que iremos iniciar, tentaremos apontar algumas ideias que podem servir de reflexão para a história da psicologia no Brasil e na escrita de suas narrativas.

O objeto de estudo deste caso é Waclaw Radecki, polonês egresso da Europa para o Brasil no ano de 1923. Em terras brasileiras Radecki teria iniciado atividades envolvendo teorias psicológicas que o levariam a uma vaga numa instituição asilar do início do século, a Colônia de Psicopatas do Engenho de Dentro, no ano de 1924. Tal é o período mais versado acerca de Radecki nos livros e manuais brasileiros de história da psicologia, pois o polonês converteu o laboratório da instituição – o qual teria ajudado a fundar – em um Instituto de Psicologia, no ano de 1932. O Instituto foi de curta duração – fechado no mesmo ano – mas figura até hoje nas páginas de diversos livros de história da psicologia no Brasil.

Curiosa, entretanto, é a evolução do personagem nos escritos de história da psicologia no Brasil. Radecki não foi desde sempre considerado um personagem de importância ou mesmo digno de um resgate. Para seus contemporâneos, alunos e colaboradores, era visto como um personagem algo controverso, tendo inclusive rugas com profissionais brasileiros na época que saiu do Brasil, logo após o fechamento do Instituto de Psicologia que almejava. Entretanto, a partir da década de 1980, Radecki será retomado por uma história da psicologia como um personagem heroico, suscitando transformações em sua figura que o tornarão um pioneiro da psicologia brasileira. De especialista estrangeiro que colaborou com a psicologia brasileira em meio a tantos outros, Radecki se transformou, a partir de um artigo publicado em 1982, em um personagem pioneiro, fruto de uma narrativa que busca os marcos e heróis da psicologia brasileira.

Talvez o mais curioso acerca de Radecki seja a importância que ganhou dentro de alguns livros básicos e gerais da história da psicologia em solo brasileiro, importância essa que habita o mesmo espaço que alegações claras e diretas acerca do mistério que ainda persiste acerca do polonês. Em outras palavras, é possível detectar um duplo aspecto da impressão que alguns historiadores da psicologia tiveram sobre Radecki: foi importante e, ao mesmo tempo, não se sabe muito sobre o que ele fez ou mesmo o que pretendeu. Este quadro se agrava quando se leva em consideração que existe apenas um artigo que trata de Radecki escrito em 1982, e um segundo artigo em 2003 apenas para dar conta do sistema que o polonês teria criado. Cabe notar que ambos os artigos são do mesmo autor, Rogério Centofanti, e que as menções a Radecki em livros sobre a história da psicologia no país consistirão em comentários e demais acréscimos de narrativas, progressivamente alçando-o a um patamar de “pioneiro” da história da psicologia brasileira.

Este breve período aqui descrito rendeu todo um grande esforço para detectar problemas e demais questões que circundaram a manufatura das narrativas acerca de Radecki São problemas que, no entanto, não são exclusivos da história da psicologia no Brasil. De fato, a listagem de alguns desses problemas só foi possível por existir previamente extensa bibliografia acerca da produção da historiografia por parte do historiador e sobre as disciplinas em geral. A saber, bibliografias da Filosofia, História e História das Ciências.

São, na verdade, problemas bastante conhecidos e muitas vezes denunciados em trabalhos já relativamente antigos: histórias de teor monumental, histórias excessivamente lineares e histórias que parecem propor uma conexão sem rupturas entre o passado e o presente. São narrativas que não se apresentarão como erradas ou equivocadas, mas, sob certas críticas, limitadas em suas intenções. Todos esses problemas serão descritos à exaustão nas próximas páginas, e não são, de forma alguma, uma acusação de incompetência por parte dos historiadores brasileiros da psicologia.

Pelo contrário: todos os problemas citados acima são muitas vezes uma armadilha na qual o próprio historiador pode vir a ficar preso, e isto se dá pela dificuldade que é escrever uma narrativa histórica sem incorrer numa versão ingênua de história descompromissada com seu objeto, ou mesmo na capacidade de se escrever uma história “pura”, sem maiores problemas filosóficos sutilmente inseridos nas narrativas e discursos escolhidos pelo historiador.

Portanto, o principal objetivo deste estudo é fazer uma análise minuciosa da presença ou ausência de demais problemas historiográficos na narrativa que envolve o personagem de

Waclaw Radecki. Tendo sofrido uma retomada tardia de sua figura, onde se pode detectar uma mudança de interpretação de seus feitos e sua obra, podemos supor que essa retomada do personagem não veio sem algumas intenções por trás da narrativa que o tornaria um pioneiro da psicologia brasileira.

Logo de início é preciso dizer que este esforço de estudo e análise parte de uma certa escolha de valores e ideias do que seria uma possível forma de realizar a escrita da história. Portanto, logo de início o leitor irá dispor das principais reflexões que serão introduzidas mais adiante, quando o caso for apresentado em detalhes. Deste modo, será possível notar os argumentos que levantamos para a crítica vindoura e a escrita já realizada acerca do caso. Partiremos de um conjunto de ideias específico de um tipo de escrita histórica.

Muitas reflexões aqui contidas virão da *Nova História*, ou *Escola dos Anais*, grupo de historiadores franceses que iniciou o século XX com muitos questionamentos acerca da historiografia, e tais ideias nos serão bastante úteis para pensar o campo da história da psicologia no Brasil, em muitos modos tecnicamente bastante recente. Os problemas e métodos levantados pelo grupo francês nortearão o estudo mais profundo do caso de Radecki, por se tratar de uma revisão crítica dos modos de se fazer uma história.

Outra fonte de reflexões virá da História da Ciência, uma disciplina que ganhou força na metade do século XX e que os serviu para ilustrar inúmeros exemplos de como a historiografia pode vir a se tornar um problema quando não está munida do devido arsenal de crítica e reflexão necessários para se escapar das armadilhas das narrativas e discursos históricos problemáticos à própria disciplina a que se referem. Usando os exemplos da História das Ciências, poderemos identificar quando e como eles aconteceram nas páginas produzidas sobre Radecki, e com isso seremos capazes de nos questionar se algumas narrativas históricas da psicologia no Brasil não poderiam se valer desses exemplos.

Por fim, fontes afins aos problemas historiográficos surgirão na medida em que precisarem ser evocadas. A Filosofia da Ciência, que aparecerá representada pelas ideias de Thomas S.Kuhn; A Filosofia, com algumas incursões ao pensamento diverso e útil de Michel Foucault e seus usos da História; A Sociologia do Conhecimento, que auxiliou a História da Ciência mais recente com críticas e limites à historiografia, dentre outros.

É importante esclarecer que este é um trabalho que pretende, em primeiro lugar, a ser uma crítica historiográfica à história de Radecki. Trataremos a questão em termos mais “técnicos” e “teóricos” no que se refere principalmente à historiografia já realizada acerca de

Radecki (e, por extensão, alguns tipos de historiografia da psicologia praticada no Brasil). Nosso intuito primário não é, portanto, escrever a *história* de Radecki, mas comentar criticamente a *historiografia que subjaz a escrita de sua história*. É uma distinção que pode parecer arbitrária, mas se fará importante nas páginas seguintes.

O primeiro capítulo deste estudo será uma revisão das ideias que irão amparar nossa crítica e nossa visão de história. Ideias do campo da História das Ciências e da historiografia francesa dos *Annales* serão apresentadas como ponto de partida e ferramentas conceituais para nosso estudo. O segundo capítulo, por sua vez, dará conta de introduzir o leitor aos historiadores que mais se interessaram pela figura de Radecki. Tentaremos contextualizar o escrito a partir dos modos em que ele foi utilizado, abrindo caminho para o estudo sobre as operações históricas que esse texto, e por consequência, a figura de Radecki, sofreram ao longo dos anos.

No terceiro capítulo, trabalharemos a gradual transformação de Waclaw Radecki nos textos de história da psicologia no Brasil que mencionam sua figura. Demonstraremos como, pouco a pouco, de figura controversa e pouco mencionada, o polonês irá ser interpretado como um herói da psicologia brasileira, enfim alcançando o status de pioneiro da psicologia no Brasil. Por fim, encerraremos o estudo refletindo sobre este processo de transformação do personagem e como podemos extrair críticas construtivas às narrativas em história da psicologia que buscam tais construções de heróis, mitos e pioneiros nacionais.

Por acreditarmos que não há uma única forma de se escrever história, não temos por intenção corrigir ou modificar os trabalhos que iremos apresentar e criticar. Temos, no entanto, uma contribuição a realizar nesse sentido. Para tanto, ao final deste estudo, que é eminentemente historiográfico, apresentaremos um capítulo extra, fruto de nossa pesquisa sobre Radecki e com uma tomada diferente dos textos que iremos estudar. Tal capítulo se utilizará de diversas fontes alternativas sobre o personagem (jornais de época, publicações ainda não exploradas e demais documentos), e se prestará a ser um escrito histórico, uma proposta de narrativa nova para o personagem.

Nesse capítulo poderemos entrar em detalhes sobre a trajetória e a produção de Waclaw Radecki no Brasil, tanto pela contribuição à história da psicologia brasileira como por termos realizado extensa pesquisa sobre o personagem, desde a Europa e sua passagem pelo Brasil até sua atuação no Prata e seu falecimento no Uruguai. Será, portanto, uma adição a este estudo.

Acreditamos que, ao levantar o caso de Radecki como construção lenta de uma figura de importância, poderemos atentar para limites e possibilidades na escrita da história, de modo a possibilitar narrativas mais críticas no campo da história e historiografia da psicologia brasileira. Esperamos que nossa contribuição seja útil e que possa fomentar novas discussões no campo.

1- Reflexões Historiográficas

Antes de colocarmos o estudo de caso para o leitor, precisamos elencar os problemas e reflexões das quais iremos partir. Em outras palavras, seguirá uma apresentação dos principais meios que serão utilizados para o estudo acerca da historiografia de Waclaw Radecki. Cabe dizer que estas reflexões, ainda que aplicáveis amplamente aos estudos sobre o polonês, podem servir para inúmeros outros casos da história da psicologia no Brasil.

A princípio, serão expostas críticas historiográficas de historiadores da ciência, neste caso enquanto campo autônomo e sem necessariamente usar o exemplo de alguma disciplina específica. As muitas críticas da história e historiografia da ciência tem, ao longo dos anos, se mostrado muito úteis para se pensar o desenvolvimento de uma disciplina científica e, sobretudo, como a escrita do passado dessa disciplina pode demonstrar muito sobre os almejos acerca do futuro dela. Não só a nível filosófico são úteis como também a nível prático: ajudam a organizar a escrita do historiador e dão preciosas direções e pistas de como se faz a manufatura da história de uma ciência em busca de autonomia, como é o caso da psicologia no Brasil.

Em seguida, reflexões de cunho mais geral da própria História serão levantadas, muitas delas das quais os próprios historiadores da ciência partiram. É importante pautar este estudo na disciplina da história por ser difícil produzir um discurso histórico sem estar a par das principais críticas e limites que os historiadores de ofício e de formação levantam para sua própria disciplina. Estar desconectado do discurso crítico da história ao se produzir uma história incorreria num contra-senso problemático, e tentaremos aqui evitar este problema. Por fim, são reflexões também de cunho prático e que ensinam muitas armadilhas e problemas ao se produzir uma história. Valem, portanto, o breve estudo aqui dedicado.

Por último, muitas dessas reflexões e proposições incorrem em reverberações na obra de outros autores fora da história ou da história das ciências. Portanto, sempre que for pertinente iremos tomar de empréstimo aqui e acolá os conceitos e ideias desses autores, de modo a ampliar o escopo de nossa crítica. Este é um trabalho eminentemente interdisciplinar, e nossa escolha de autores, métodos e escolas de pensamento pretende refletir isso de modo a criar um estudo mais amplo e produtivo possível, dialogando com distintas fontes.

1.1- Algumas pistas sobre a escrita da história das ciências

A história das ciências, enquanto um campo de estudos autônomo e independente, é recente em termos históricos¹. Videira (2007) aponta que tal campo de estudos só emergiu com força a partir da segunda metade do século XX, após os eventos da Segunda Guerra Mundial propiciarem o surgimento de críticas à ciência e aos seus ideais de progresso e avanço da sociedade, indiscutidos até aquele momento histórico. A escrita histórica anterior a este momento detinha inúmeros problemas, mas após a Segunda Guerra houve uma mudança:

“A história da ciência no século XX pode ser resumidamente apresentada como tendo realizado o deslocamento de um lugar, onde era considerada primordialmente como processo responsável pela legitimação de imagens da ciência – o que a tornava dependente da ciência – para outro, no qual o ponto em questão é a análise crítica de todo e qualquer domínio científico.” (VIDEIRA., 2007, p. 127).

Antes do surgimento dessas correntes críticas, a história das ciências era apenas uma “disciplina auxiliar” das disciplinas científicas, amparando sua produção e a formação de novos cientistas. Sobre este problema, temos a palavra de Thomas Kuhn, físico e historiador da ciência que, em um texto de 1968 intitulado apenas de “A História da Ciência”, escreveu:

“Até bem pouco tempo atrás, aqueles que escreviam a história das ciências eram, em sua maioria cientistas profissionais, algumas vezes destacados. Em geral, a história era para eles um produto incidental da pedagogia e nela encontravam, além de seu interesse intrínseco, um meio de elucidar os conceitos de sua especialidade, estabelecer a tradição e atrair os estudantes. A introdução histórica com que ainda hoje iniciam tantos tratados técnicos e monografias é uma ilustração contemporânea daquilo que durante muitos séculos foi a principal forma e a fonte exclusiva da história da ciência.” (KUHN, 2011, p.128).

Observamos que, antes das críticas que viriam a chacoalhar as concepções de história das ciências como algo “auxiliar” ou “produto incidental da pedagogia”, mera introdução para novatos no campo, a situação da escrita naquela época era muito marcada por uma falta de cuidado ou mesmo preocupação com o modo de se produzir a história da disciplina. Relegava-se às primeiras páginas de textos maiores, como forma de condução do passado ao presente. No entanto, com a virada em meados dos anos 50, o status da história das ciências viria a mudar.

¹ Como introdução ao campo e algumas tendências gerais, iremos seguir o texto introdutório de Antônio Augusto Passos Videira (2007). Outras fontes e introduções são possíveis mas, para simplificar a introdução ao tema, iremos escolher esta por ser simples e clara.

Tal virada na forma de escrever a história das ciências foi possibilitada por um tipo de crítica “social” ao corpo científico², sobre a qual dissertaremos adiante. No entanto, críticas de cunho prático também surgiram através dessa mudança, principalmente as que dizem respeito à auto-imagem que a história de uma disciplina gera sobre a ciência.

A história passa aqui a não ser apenas um discurso “neutro” sobre um determinado saber científico, mas sim aquilo que pode (ou não) legitimar tal ou qual imagem de ciência que um historiador, inadvertido ou não, pode produzir. Em outras palavras, é capaz que um historiador escreva uma história de uma determinada disciplina de modo a reforçar uma certa imagem já existente, corroborando com um discurso corrente e promovendo sua manutenção para as gerações próximas de cientistas. Esta é a concepção “cientificista” de história das ciências:

“Segundo alguns opositores dessa concepção de história da ciência, a legitimação pressupõe uma imagem de ciência excessivamente problemática posto que anacrônica, presentista e configurada por interesses individuais ou de grupo, só para citarmos alguns dos “defeitos” na historiografia científicista da ciência.” (VIDEIRA, 2007, p. 114).

As críticas vão mais além a este “modelo”, e podem ser melhor entendidas no parágrafo abaixo, que se refere à antiga ideia de história das ciências como disciplina auxiliar da disciplina que escreve sobre:

“A concepção de história da ciência como uma disciplina auxiliar é facilmente percebida no tipo de história produzida pelos cientistas. O gênero de história a que eles se dedicam pode ser postulado de história de problemas. Na verdade, são possíveis várias denominações para este tipo de história. Seu maior problema decorre do fato de que este gênero historiográfico dificilmente escapa à teleologia, na medida em que conduz, sempre tentando fazer com que essa condução seja a mais natural possível, à solução atual do problema, ou, ao menos, como ele é considerado resolvido, no momento em que a história é contada. Ou seja, a história conceitual tem como ponto de chegada os dias de hoje. Se conseguirmos recuperar a solução científica válida atualmente, a descrição histórica é julgada satisfatória, e afirma-se que ela explica o desenvolvimento daquela parte da ciência.” (VIDEIRA, 2007, p. 115).

Temos, portanto, inúmeras críticas surgidas a partir de um período histórico turbulento para as disciplinas científicas, que passaram por uma revisão sistemática de seus valores e ideais

² Não cabe, neste trabalho, nos aprofundarmos no tema das críticas às ciências “duras” e suas implicações para a história e historiografia da ciência. No entanto, a menção destas críticas é fundamental para se compreender como foram possíveis as revisões na maneira de se escrever a história das disciplinas científicas.

subjacentes. A partir deste ponto, a história da ciência tornou-se mais crítica e atenta aos discursos sutis, porém legitimantes da história que interessava aos cientistas³.

Kuhn, que vivenciou a emergência destas críticas, e sendo ele também um historiador da ciência, traça um paralelo entre os historiadores mais antigos, que tinham esta visão de história como disciplina auxiliar, e os historiadores, românticos, presos em narrativas de tempos idos e melhores:

“Ainda que não concordassem em outros pontos, tanto o historiador romântico quanto o cientista historiador, continuaram a ver o desenvolvimento da ciência como uma marcha quase mecânica do intelecto, a revelação dos segredos da natureza, em sucessão regular, diante de métodos convincentes, aplicados com habilidade. Foi apenas no século XX que os historiadores da ciência aprenderam aos poucos a ver seu tema de estudo como algo diferente do acúmulo cronológico de resultados positivos numa especialidade técnica definida em retrospecto.”
(KUHNS, 2011, pp. 129-130).

Videira (2007)⁴ enuncia alguns pontos que o historiador deve deixar claros antes de iniciar sua narrativa, de modo a demonstrar o cuidado com o discurso histórico a ser produzido e o tipo de narrativa que se pretende empregar num texto de cunho histórico: Que concepção ou imagem de ciência foi empregada na narrativa? Que questões o historiador considera relevantes? Quais os objetivos ao tentar responder estas perguntas? Sobretudo, a qual público é destinada aquela história?

Podemos pensar nestas perguntas como básicas para um historiador não cair nas armadilhas diversas das narrativas históricas, e elas servirão muito a este estudo nas páginas seguintes. Sobretudo, tais perguntas irão reforçar a preocupação com a historiografia das ciências.

Historiografia é, segundo Jacques LeGoff (2013, p. 9), o “[...] ramo da ciência histórica que estuda a evolução da própria ciência histórica no interior do desenvolvimento histórico global”. É o estudo da escrita da história, ou a “história da história”. Para os historiadores, seja da disciplina da História ou para a história da ciência, o cuidado com a historiografia é aquilo que permite as críticas acima levantadas com relação a concepções do início do século XX, apontadas por Videira como presentistas, anacrônicas e enviesadas por grupos. Foi a tomada de

³ Outra questão importante, mas que não cabe ser abordada aqui, é a extensa discussão acerca da história das ciências: seria domínio do cientista ou do historiador? Por ser um debate longo e inconclusivo para este estudo, além de pouco importante para este estudo, a questão não será aprofundada aqui, mas a menção se faz necessária para demonstrar algumas tensões do campo.

⁴Op. Cit. p. 116.

consciência acerca das concepções de história anteriormente empregadas que possibilitaram a crítica e autocrítica do campo da história das ciências.

Para Videira (2007)⁵: “A historiografia é um discurso crítico, que procura mostrar, o mais claramente possível, as bases epistemológicas, históricas, políticas e axiológicas sobre as quais os discursos históricos são construídos”. Vemos como essa preocupação com as bases e os modelos que os historiadores da ciência empregam, podem comprometer a confiabilidade de seu trabalho. Não se trata de julgar o valor ou a competência da narrativa, mas a capacidade de autocrítica empregada por ela.

A escrita contínua da história acaba por gerar, com o tempo, a preocupação não só com o que é escrito, mas também com o modo como a história é escrita, daí a importância da historiografia, história da história. Cabe frisar que essa preocupação é recente na história das ciências, como indicado no início do texto, iniciada em meados do século XX e deflagrada pelas críticas da história social das ciências.

Em termos cronológicos, Videira (2007)⁶ estabelece que a história das ciências passou por três fases: positivista (1950 – 1962), pós-positivista (1962 – 1970) e pós-moderna (1970 até os dias de hoje). As diversas críticas apresentadas aqui partiram dos períodos pós-positivista e pós-modernista ao período positivista, sendo especialmente o período da história social das ciências originada no período pós-modernista.

Tal divisão é didática, pois não excluiria a possibilidade de outros historiadores escreverem fora das ideias e métodos apresentados por seu modelo. Um exemplo é o de Thomas Kuhn, físico que, ao debruçar-se sobre a filosofia da ciência, encontrou na história críticas interessantes e até então inéditas para se pensar o desenvolvimento da ciência e do corpo científico como uma comunidade. Seu trabalho, por exemplo, iniciou-se no período positivista, e só com a produção de seu livro “*Estrutura das Revoluções Científicas*”, de 1962, é que boa parte destas críticas ganharam forma, iniciando o período pós-positivista⁷.

Sobretudo, o que nos interessa é o distanciamento com o período anterior, marcado por uma história e historiografia apenas auxiliares às suas disciplinas. Outra marca da história das ciências pós-positivista e pós-modernista é a heterodoxia de seus escritos, uma profunda

⁵ Cf. Videira (2007) p. 122

⁶ Op. Cit. pp. 131 - 133

⁷ De fato, a escolha de Videira para o início do período pós-positivista em 1962 é precisamente por causa da publicação do “*Estrutura...*” e das consequências desta publicação.

interdisciplinaridade que seria essencial à escrita do historiador das ciências que se afasta de uma visão positivista e cientificista.

“Relacionando-se concomitantemente com as ciências, a filosofia e a história geral, a história das ciências encontra-se numa situação totalmente particular, isto é, na própria fronteira das ciências humanas, das ciências puras e das técnicas. Sua posição privilegiada numa zona de tão fecundas confluências transforma-a num instrumento cultural de alto valor. Surge assim como um dos principais fundamentos do humanismo científico, cuja aplicação se tornou tão necessária pelo rápido desenvolvimento e a especialização cada vez mais precoce dos estudos científicos e técnicos.” (TATON, apud VIDEIRA, 2007, p. 130).

Esta declaração poderia resumir boa parte dos esforços deste estudo. A história das ciências do período pós-moderno, que tanto nos interessa pelas críticas historiográficas apresentadas até então, traz consigo esta heterodoxia, que se reflete nestas páginas e nas seguintes. O discurso crítico é amparado por inúmeras fontes de vários saberes, constituindo um argumento forte de modo a evitar uma concepção tradicional e problemática de história das ciências: presentista, cientificista e positivista.

Interessa-nos pois a preocupação com o uso da história, e este é o principal motivo para debruçarmo-nos tanto em cima da historiografia como principal aspecto de relevância do trabalho do historiador de uma determinada ciência. Novamente como exemplo do período positivista, tão desconectado do discurso crítico historiográfico, temos o exemplo da “história *whig*”, um “modelo” de história problemático:

“A historiografia positivista deu origem a uma modalidade em história da ciência que ficou conhecida como *whig*. Esse termo foi cunhado em 1931 por Herbert Butterfield. Ao inventá-lo, pretendia Butterfield combatê-lo como sendo o pecado mais mortal que um historiador poderia cometer. Sua condenação da história *whig* deve-se ao fato de que ela é presentista, atendendo somente à apresentação dos momentos históricos em que a ciência foi vencedora. Uma outra possibilidade de caracterizar a história de tipo *whig* é como uma ratificação, quando não uma glorificação, do presente. Uma considerável parte dos debates historiográficos, depois que Butterfield criticou violentamente a historiografia *whig*, deu-se em torno desta questão.” (VIDEIRA, 2007, pp. 141-142).

Talvez este seja o maior problema que o historiador da ciência pode vir a encontrar ao longo de sua escrita. O perigo de ser tomado pelo presentismo de seus escritos devido à sua visão de uma ciência vencedora e sem maiores críticas à sua produção pode incorrer na visão *whig*, uma historiografia isenta de crítica e que toma como linear o desenvolvimento da ciência que descreve.

O problema reside, sobretudo, para as futuras gerações de cientistas e profissionais do campo, que não experimentaram as tensões históricas na época em que ocorreram e que tomam seu corpo de saber como algo uno, que nunca sofreu com controvérsias e problemas ao longo do seu desenvolvimento. Esta é uma crítica que, inclusive, habita a Sociologia do Conhecimento e os Estudos CTS, “herdeiros” da crítica social (do período pós-moderno) ao corpo científico. Citando Bruno Latour, ao ser perguntado por um colega psicólogo se acreditava que a ciência era cumulativa: “‘Creio que sim’, respondi, ‘embora nesse caso eu não seja tão taxativo. É que as ciências se esquecem muito, muito de seu passado e muito de seus antigos programas de pesquisa. No todo, porém, digamos que sim.’ [...]” (LATOURE, 2001, pp. 13 – 14).

Não se trata de advogar aqui a ausência de uma série de acontecimentos que levaram à ciência a estabelecer-se da maneira que se encontra atualmente, mas sim atentar para as pequenas – e algumas vezes grandes – rupturas e tensões que acontecem, e apontar para quando a construção do historiador pode vir a favorecer uma certa visão dos acontecimentos que, fortuitamente, favorece a autonomização, por parte do historiador, da disciplina, de uma maneira quase que sem falhas, de cunho heroico e hagiográfico.

Como exemplo, trazemos aqui o problema do envolvimento com o objeto da história que se escreve. Na escrita da história, um pesquisador pode se encontrar, inúmeras vezes, com a necessidade de manipular o conteúdo do que escreve. Um historiador da Física por vezes precisa dominar, mesmo que a nível básico, alguns conteúdos teóricos da física sobre a qual escreve a história. No entanto, o trabalho do historiador da ciência não pode ser confundido com o trabalho do cientista. Nas palavras de Martins: “Um artigo sobre história da ciência não tem o objetivo de transmitir informações sobre a própria ciência. No entanto, podemos encontrar nos trabalhos historiográficos (de forma explícita ou implícita) muitas informações sobre esse nível.” (MARTINS, 2005, p. 119).

Justamente no manejo de uma informação conceitual ou teórica acerca da disciplina historiografada, um historiador pode cometer alguns deslizes que comprometeriam sua escrita e a tornariam problemática em diversos níveis, apenas por não tomar cuidado com algumas palavras e modalidades de discurso. Por exemplo, a terminologia de uma descrição pode comprometer o historiador e, sem querer, fazer com que ele valide algo que pode não ter meios para fazê-lo. Segue:

“A terminologia utilizada em uma descrição histórica determina, portanto, de forma crucial, se o historiador está ao mesmo tempo fazendo afirmações científicas ou não. Se um historiador afirmar que ‘fulano observou [isto e aquilo]’, ele estará ao mesmo tempo afirmando

que isto e aquilo existe ou ocorre ou é possível. Se afirmar que ‘fulano afirmou ter observado que [isto e aquilo]’, o historiador não estará se comprometendo com a realidade dos fenômenos que fulano diz ter observado.” (MARTINS, 2005, p. 124).

Não cabe ao historiador da ciência confirmar a observação que um determinado pesquisador teria realizado. Este deslize pode ser totalmente não intencional e não programado, mas ainda assim pode comprometer a escrita. Sobretudo, pode passar adiante uma certa visão de que acontecimentos do passado ocorreram “de fato” e que não foram alvo de críticas ou controvérsias, o que compromete ainda mais uma historiografia crítica e pode vir a validar uma certa visão de ciência “vencedora”, algo que o historiador deve evitar.

Há, no entanto, que se apontar o problema: não é apenas o cientista que incorre nesse erro ao escrever a história de uma ciência, mas qualquer historiador. O problema não reside no tipo de escrita (com mais ou menos conteúdos técnicos), mas no modo que se escreve e na atenção que se presta no intuito do texto.

“As contribuições historiográficas escritas por cientistas costumam possuir uma maior quantidade de descrições históricas contendo afirmações do tipo científico [afirmações acerca de conceitos/teorias]. Poderíamos imaginar que apenas os próprios cientistas, quando escrevem sobre a história da ciência, introduzem uma quantidade tão grande de conteúdos de natureza científica. Isso não é verdade.” (MARTINS, 2005, p. 123).

Este exemplo serviu apenas para demonstrar como a escrita histórica reserva algumas nuances que o historiador da ciência precisa estar atento para evitar maiores problemas ou comprometimentos, de sua parte, com o texto que escreve. São detalhes que precisam ser lembrados de modo a evitar recair na historiografia do tipo *whig* que acima descrevemos, pois é sempre prudente manter o discurso crítico da historiografia. O comprometimento com eventos do passado por causa de um deslize de terminologia certamente não significaria apenas um mau uso de terminologia, mas talvez o comprometimento com uma certa visão da história de uma disciplina.

Podemos, agora, resumir algumas características da historiografia do tipo *whig*, elencadas por Videira (2007)⁸: “crença generalizada na eficácia cognitiva de agentes individuais; existência de um momento ‘eureca’; crença na capacidade de solucionar das polêmicas científicas de modo direto, impessoal e objetivo”.

⁸ Cf. Videira (2007), p. 142.

Vemos aqui que o foco desta historiografia tradicional (presentista, cientificista, *whig* etc) até então descrita nesta seção tem um foco bastante individual. Não à toa encontra-se nos relatos da história da ciência grandes relatos sobre os cientistas e seus esforços isolados para resolver os problemas que encontrara em suas pesquisas. Estes modos de escrever a história das ciências também são bastante criticados pela historiografia mais crítica e pós-positivista/pós-moderna (especialmente a pós-moderna), na figura de dois problemas: o eurocentrismo e as biografias.

A crítica ao eurocentrismo é antiga e revela-se sutilmente arraigada nas bases do pensamento de inúmeros cientistas. A ciência “resultaria de ações promovidas por cientistas brancos e do sexo masculino, quase sempre trabalhando em solo europeu.” (VIDEIRA, 2007)⁹. Além disso, desmerece os saberes locais em favorecimento dos saberes já legitimados pela própria ciência europeia, quando não os assimila e encaixa nos seus próprios modelos. Um bom exemplo é o de Oswaldo Cruz, médico sanitarista brasileiro que, ao se basear nas “nações civilizadas”, lança o país num novo projeto de “modernidade” aos moldes da ciência europeia, e é encarado como nosso equivalente de Louis Pasteur (CUKIERMAN, 2007).

O foco nos agentes individuais também é de relevância para a crítica da historiografia tradicional das ciências. Os grandes relatos, por vezes heroicos e exaustivos, podem tanto ser úteis como representar uma seleção de certas partes da história que servem a um determinado grupo:

Ao se empenharem na produção de biografias, os cientistas contavam tornar pública, donde visível, certas partes da ciência. Algumas outras partes, talvez deliberadamente, permaneceriam longe dos olhares de eventuais curiosos, fossem eles cientistas ou não. (VIDEIRA, 2007, p. 145-146).

Latour, em seu “Vida de Laboratório” (1998), demonstrou como, em alguns casos, as sagas científicas de descoberta (no exemplo do livro, o hormônio TRF) seriam muito menos fruto do esforço de um cientista individual (Roger Guillemin, chefe da pesquisa que Latour acompanhou no Instituto Salk) do que de um grande grupo. Enunciados, discussões, problemas e até impasses graves na pesquisa fazem parte da construção da pesquisa, e no entanto podem ser retirados da história da ciência caso o foco seja num agente individual e sua elevada capacidade cognitiva de alcançar a solução dos problemas.

⁹ Op. Cit., p. 144.

Após estas reflexões, podemos agora retomar um ponto crucial da introdução deste estudo que como vimos é um empreendimento eminentemente historiográfico. Como proposto, o intuito é realizar uma crítica à historiografia da psicologia no Brasil partindo do exemplo de Waclaw Radecki e o que dele foi escrito. Já munidos de críticas historiográficas introdutórias, podemos enfim explicar que este é um estudo *meta-historiográfico*.

Esta é uma divisão que auxilia o historiador a entender seu trabalho. Sendo a atividade científica o objeto de estudo do historiador da ciência, podemos dizer que a atividade científica é o primeiro nível e a história da ciência é o segundo nível. O modo como se escreve esta história, a *historiografia* da ciência, é o terceiro nível de atividade científica. A *meta-historiografia* viria após o terceiro nível apenas. Nas palavras de Martins:

“Trata-se de uma reflexão sobre as atividades dos historiadores da ciência – sendo por isso uma atividade meta-meta-científica. Discussões sobre a metodologia de pesquisa do historiador da ciência, ou sobre as várias correntes da historiografia da ciência, pertencem a este quarto nível.” (MARTINS, 2005, p. 2).

Definido nosso campo de atuação – uma discussão sobre a historiografia da psicologia no Brasil – podemos passar adiante para um estudo mais detalhado acerca da história e suas críticas mais específicas sobre o trabalho do historiador. Como dito anteriormente, podemos ter de manipular dados diretos acerca da história da psicologia (segundo nível, história da ciência), mas este é um trabalho secundário que pode vir a se servir de todas estas reflexões.

1.2- Reunindo as pistas levantadas

Esta seção pretendeu ser uma grande seleção de pistas acerca da escrita da história e historiografia das ciências. No entanto, como pode ser percebido, tais pistas foram muito mais escolhidas pelos problemas que elas suscitam e podem suscitar do que efetivamente por algum fio condutor mais teórico. A escolha deste tipo de introdução ao problema se deu por dois principais motivos: primeiro, é mais interessante, a princípio, demonstrar os problemas envolvidos na escrita da história da ciência do que escolher um modo de escrevê-la; e segundo, a escolha de teorias, métodos e modelos fica para a segunda parte desta seção, onde serão examinados conceitos específicos da História que serão explorados mais profundamente.

O uso da história das ciências nesta parte do estudo envolve muito mais uma tentativa de deflagrar a crítica a algumas modalidades de história, sutilmente instaladas nas pesquisas de muitos historiadores quando se empenham em escrever sobre uma disciplina e seus processos de autonomização, disciplinarização, institucionalização etc. Como este é um estudo sobre

alguns problemas envolvendo a historiografia da psicologia no Brasil envolvendo um único personagem, tornou-se mais interessante apresentar a história da ciência como uma fonte de reflexões e não tanto como uma cartilha a ser seguida. Um estudo mais preciso apenas sobre historiografia da psicologia no Brasil talvez pudesse conter uma crítica mais detalhada a partir da história da ciência, mas este não é o lugar para este tipo de empreendimento: faltaria tempo, fontes e espaço hábil. Ficaremos, portanto, apenas com as reflexões e usaremos os conceitos mais como um norte e menos como um mapa.

Para a seção seguinte, manteremos o mesmo espírito crítico até então, visto que muitas ideias levantadas aqui partiram justamente das ideias da Escola dos *Annales*. Nesta parte, examinaremos alguns conceitos e problemas mais específicos da História, enquanto disciplina, que ainda nos servem pois tratam da pesquisa propriamente dita: manipulação de dados e acontecimentos, documentação e, sobretudo, construção de uma história. Alguns pontos podem soar repetitivos – e certamente o soarão – mas apenas servirão para reiterar as críticas mais modernas à historiografia enquanto uma tendência difícil de ignorar.

1.3- Uma breve apresentação de ideias da Escola dos *Annales*

Conhecidos por, do início do século XX em diante, operarem uma virada em algumas conceituações e modelos de produção de história, os membros da Escola dos *Annales* representam uma tendência muito prolífica na historiografia moderna. São responsáveis por inúmeras críticas a métodos anteriores, tanto às tendências historiográficas positivistas como às marxistas. Um resumo das ideias deste grupo por um membro do movimento, Jacques Le Goff, pode ser encontrado adiante:

“Podemos resumir estas ideias como crítica do fato histórico, da história *événementielle* [“crônica de acontecimentos”] e, em especial, política; a procura de uma colaboração com outras ciências sociais [...], substituição da história-narrativa pela história-problema, a atenção pela história do presente.” (LE GOFF, 2013, p. 126).

Para os historiadores desta escola, também chamada de “História Nova”, o ofício do historiador é científico e a História é uma ciência. Para Le Goff (2013)¹⁰: “A melhor prova de que a história é e deve ser ciência é o fato de precisar de técnicas, de métodos e de ser ensinada.”¹¹. É uma escola que critica a ingenuidade positivista de tomada dos “fatos históricos”

¹⁰ Op. Cit., p. 204.

¹¹ Em seguida, emenda com as palavras de Lucien Febvre: “Qualifico a história de estudo *cientificamente orientado*, e não de *ciência*” (FEBVRE, apud LEGOFF, p. 104, grifo nosso). Não se trata aqui de justificar o uso destas ideias por sua cientificidade (ou pretensão de cientificidade), mas de indicar que estes historiadores criticam os velhos métodos sem necessariamente abandoná-los.

e documentos *per se*, mas não abandonam o metodismo e as práticas organizadas da disciplina da história. Outro objetivo que os historiadores dos *Annales* não abandonam é a “objetividade”. No entanto, não trabalham com ela sem dar seu toque de crítica: “A objetividade histórica – objetivo ambicioso – constrói-se pouco a pouco através de revisões incessantes do trabalho histórico, laboriosas verificações sucessivas e acumulações de *verdades parciais*.” (LE GOFF, 2013)¹².

Por outro lado, não se toma por análises radicais marxistas, as quais seus métodos também delegaram críticas e limites. À época vulgarizado e tomado como ponto de partida obrigatório de muitas reflexões históricas, o marxismo perdeu impacto e, apesar de muitas fontes de reflexão histórica, acabou não tendo mais a força de outrora¹³:

“O trabalho histórico e a reflexão sobre a história desenvolvem-se hoje num clima de crítica e desencanto perante a ideologia do progresso e, mais recentemente, de repúdio pelo marxismo, pelo menos do marxismo vulgarizado. Toda uma produção sem valor científico que só podia iludir pela pressão da moda e de um certo terrorismo político-intelectual perdeu completamente o crédito. Assinalemos que, em sentido contrário e nas mesmas condições, se gerou uma produção de pseudo-história antimarxista que parece ter tomado como bandeira o tema gasto do irracional.” (LE GOFF, 2013, p. 124).

São historiadores preocupados com o uso da história e com a maneira como ela é produzida. Sobretudo, são preocupados com uma certa noção de “objetividade” das narrativas históricas, que precisam ser criticadas e, em certo momento, combatidas. Em um artigo intitulado “A História Nova”, LeGoff expande o resumido cabedal de ideias acima exposto e condensa a tarefa do historiador inspirado nos *Annales* em três grandes problemas: a questão do documento, o problema da cronologia e do tempo histórico e o comparatismo.

Sobre a noção de documento, algo entre a crítica de uma ideia positivista e a reinvenção de um dos alicerces da pesquisa histórica, uma certa “reinvenção” da noção de documento:

“Não há realidade histórica acabada que se entregaria por si própria ao historiador. Como todo homem de ciência, este, conforma a expressão de Marc Bloch, deve,

¹² Op. Cit., p. 36, grifo nosso.

¹³ Assinalamos que, ao final da citação, a crítica ao marxismo não implica num abandono da crítica marxista na história. Pelo contrário: em seguida a esta citação, LeGoff segue: “Como o marxismo, se excetuarmos Max Weber, foi o único pensamento coerente da história no século XX, é importante ver o que se produziu à luz da desafeição pela teoria marxista e a renovação das práticas históricas no Ocidente, não contra o marxismo mas fora dele, embora se concorde com Michel Foucault que alguns problemas capitais para o historiador ainda não podem ser postos, senão a partir do marxismo.” (LEGOFF, 2013, p. 124). Trata-se apenas do abandono do marxismo enquanto “pressão da moda” e “terrorismo político-intelectual”.

‘diante da imensa e confusa realidade’, fazer a ‘sua opção’ – o que, evidentemente, não significa nem arbitrariedade, nem simples coleta, mas sim construção científica do documento cuja análise deve possibilitar a reconstituição ou explicação do passado.” (LE GOFF, 1998, pp. 31-32).

Cabe aqui uma explicação: a importância dada pelos historiadores da História Nova ao documento não é exaustiva ou algum ponto específico de sua agenda. Como dito acima, este movimento se afastou de um positivismo historiográfico que foi predominante nas academias, e tal positivismo alicerçava o ofício do historiador em cima da figura do documento como base da pesquisa histórica. Logo, estas críticas não são apenas uma seleção útil a este estudo (certamente o são), mas são uma das críticas mais importantes deste movimento ao ofício do historiador. Em breve os documentos serão retomados neste texto, mas por hora seguem os problemas restantes.

Uma segunda tarefa, de extrema importância e que, de certa forma, deriva deste cuidado com a tomada do passado, é a questão da cronologia histórica: “Uma retratação da noção de tempo” é a ideia desta tarefa, e consiste em repensar a ideia de um grande tempo único. Nas palavras de Le Goff, “Demolir a idéia de um tempo único, homogêneo e linear.” (p. 54). Não mais tomar a análise dos objetos históricos por seu surgimento e desaparecimento, mas entender a relação destes na história, de modo a “... constituir uma nova cronologia científica, que data os fenômenos históricos muito mais segundo a duração de sua eficácia na história do que segundo a data de sua produção” (p. 54 – 55). Não se trata dos inícios e pioneirismos ou fins e derrocadas, mas o quanto os tempos da história afetam a humanidade e a memória. Sobre o passado, Le Goff assim se pronuncia:

“De fato, o que sobrevive não é o conjunto daquilo que sobreviveu no passado, mas uma escolha efetuada quer pelas forças que operam no desenvolvimento temporal do mundo e da humanidade, quer pelos que se dedicam à ciência do passado e do tempo que passa, os historiadores.” (LE GOFF, 2007, p. 485).

Por fim, a última tarefa proposta remete ao comparatismo na história. É comum o mau uso de comparações entre tempos históricos diferentes de modo a gerar sistemas de explicação sobre estes, e Le Goff critica tal operação por entender que entram em comparação realidades distintas, não necessariamente afins entre si ou mesmo possíveis de serem comparadas. Não se trata, no entanto, de abolir o comparatismo, mas de refiná-lo a torná-lo uma ferramenta de análise mais acurada:

“O aperfeiçoamento dos métodos de comparatismo pertinentes, que possibilitem comparar apenas o que é comparável. Por exemplo, a propósito do feudalismo,

evitar uma definição demasiado ampla, que coloque sob um mesmo rótulo realidades demasiado distantes no tempo e no espaço e que não dependam de sistemas históricos comparáveis – os pretensos feudalismos africanos, no fundo, não tem muita coisa a ver com o feudalismo europeu dos séculos XI e X (ele próprio a ser diferenciado em várias fases) – mas também não se contentar com uma concepção estreita que só julgaria comparáveis o feudalismo europeu e o feudalismo japonês.” (LE GOFF, 1998, p. 55).

Esta tarefa se remete, portanto, a ideia de tratar os objetos da história dentro de suas realidades, de forma plausível. Não buscar comparar coisas que não habitam o mesmo lugar, mas também não estreitar a comparação de modo a tolher possibilidades diversas de análise e trabalho histórico.

Todas estas críticas, no entanto, foram promovidas num movimento de crítica tanto de um lado ao positivismo quanto de outro ao marxismo. Le Goff conta que a história nem sempre teve a função de ser crítica ou mesmo deteve métodos ou reflexões acerca de seu próprio saber. Em tempos de virada do século XIX para o século XX, era forte a corrente da história positivista, onde reinava a primazia do documento. Nesta corrente, o documento era o que detinha o “fato histórico”, a verdade mais objetiva a ser desvelada. E é contra esta concepção que os historiadores dos *Annales* irão se voltar em muitos momentos:

“O documento não é inocente, não decorre apenas da escolha do historiador, ele próprio é parcialmente determinado por sua época e seu meio; o documento é produzido consciente ou inconscientemente pelas sociedades do passado, tanto para impor uma imagem desse passado como para dizer “a verdade”. [...] É preciso desestruturar o documento para descobrir suas condições de produção.” (LE GOFF, 1998, p. 54).

Desta forma, a escola dos *Annales* irá conduzir uma crítica a esta forma antiga de produção de uma história, criticando não só a tomada do documento sem analisá-lo e desestruturá-lo como também criticando a própria noção de uma verdade objetiva, à espera de ser descoberta pelo historiador nos confins dos arquivos e bibliotecas. Sobre isto, seguem as palavras de Georges Duby, outro membro dos *Annales* junto com Jacques Le Goff:

“Fomos progressivamente descobrindo que a objetividade do conhecimento histórico é um mito, que toda a história é escrita por um homem e que quando este homem é um bom historiador põe na sua escrita muito de si próprio. Descobrimos, por outro lado, que o campo de ação do historiador se desloca ao longo dos tempos, que a função da história na sociedade se transforma e que temos absolutamente de ter em consideração, no trabalho dos historiadores que nos precederam, o meio em que viveram e sua própria personalidade, para aproveitarmos ao máximo suas contribuições.” (DUBY, 1986, p. 7).

Começamos a perceber como se delineia o trabalho do historiador que se inspira na Escola dos *Annales* para produzir sua história. É preciso não se deixar levar pela ideia de que há algo a ser desvelado nos tempos passados e que este algo constitui a verdade em si dos acontecimentos. Tudo acaba sendo atravessado pelas condições de possibilidade de sua época, e os assuntos da história, portanto, não seriam mais simplesmente neutros. São na verdade construídos ao longo do tempo, e a própria história deles também será construída.

Cabe aqui inserir o “oposto” do documento, aquilo que lhe seria seu contraste. Antes do documento ser tomado como importante, os historiadores positivistas criticavam a ideia do “monumento” como um artefato histórico. Dentre os objetos da memória da qual dispõe o historiador, o monumento seria a “herança do passado” e o documento a escolha do historiador. Segue Le Goff:

“Desde a antiguidade romana, o *monumentum* tende a especializar-se em dois tipos: uma obra comemorativa de arquitetura ou de escultura [...]; [ou] um monumento funerário destinado a perpetuar a recordação de uma pessoa no domínio em que a memória é particularmente valorizada: a morte. [...] O monumento tem como características o ligar-se ao poder de perpetuação voluntária ou involuntária das sociedades históricas (é um legado à memória coletiva e o reenviar de testemunhos que só numa parcela mínima são testemunhos escritos).” (LEGOFF, 2013, p. 486).

A partir do repúdio do monumento pelos positivistas é que o documento, o testemunho textual, passa a ter valor para o historiador e se torna o objeto mais importante de pesquisa histórica¹⁴, bem como o lugar onde reside a verdade dos acontecimentos do passado, longe das manipulações que os monumentos, erigidos sob condições específicas, tendem a engendrar. Esta virada é tida como a “revolução documental” por Le Goff, um processo lento de troca dos monumentos pelos documentos (2013)¹⁵.

Esta busca de objetividade nos documentos, no entanto, é fortemente criticada pela História Nova. Como dito acima, os historiadores deste movimento não encaram o texto escrito como aquilo que detém a verdade objetiva de uma época, apenas esperando ser descoberto pelo historiador em um arquivo ou biblioteca. Há toda uma construção em torno do documento, construção que é difícil de escapar tanto para quem produz um texto como para o

¹⁴ “O documento que, para a escola histórica positivista do fim do século XIX e início do século XX, será o fundamento do fato histórico, ainda que resulte da escolha, de uma decisão do historiador, parece apresentar-se, por si mesmo como prova histórica à sua objetividade. Parece-se opor-se à intencionalidade do monumento. Além do mais, afirma-se essencialmente como documento *escrito*.” (LE GOFF, 2007, p. 486).

¹⁵ Op. Cit. pp. 487-488.

historiador que o seleciona: o documento é produto de uma época e tem condições de produção que devem ser levadas em conta.

Isto abre caminho para, talvez, a proposição mais radical e importante desta escola: Não há diferença entre documento e monumento. Tido como algo em grande parte intencional, o monumento era evitado como objeto. No entanto, sendo também o documento inevitavelmente intencional, não cabe apenas desestruturá-lo e entendê-lo em seu contexto, mas desmentir a oposição e trabalhar com ela: *todo documento é monumento*:

“O medievalista (e, poder-se-ia acrescentar, o historiador) que procura uma história total deve repensar a própria noção de documento. A intervenção do historiador que escolhe o documento, extraindo-o do conjunto dos dados do passado, preferindo-o a outros, atribuindo-lhe um valor de testemunho que, pelo menos em parte, depende da sua própria posição na sociedade da sua época e da sua organização mental, insere-se numa situação inicial que é ainda menos "neutra" do que a sua intervenção. O documento não é inócuo. É antes de mais nada o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio. O documento é uma coisa que fica, que dura, e o testemunho, o ensinamento (para evocar a etimologia) que ele traz devem ser em primeiro lugar analisados desmistificando-lhe o seu significado aparente. O documento é monumento.” (LEGOFF, 2013, p. 496-497)

Não se trata, no entanto, de abandonar o uso de documentos. Há, na verdade, uma tomada diferenciada deles. Documentos podem, sim, ser utilizados pelo historiador, mas desde que sejam compreendidos como ferramentas de trabalho a serem usadas com cuidado. A análise do documento agora toma um novo rigor, que antes não existia:

“O historiador conta uma história, uma história que ele forja recorrendo a um certo número de informações concretas. Não me faça dizer que repudio o método histórico criado e aperfeiçoado com tanto rigor pelos nossos predecessores do século XIX e do século XX [corrente positivista da história]. Pelo contrário, é absolutamente necessário preservar esta preocupação crítica relativamente à informação de que possamos dispor. Mas, repito, nós utilizamos este material, criticamente analisado com a maior liberdade, tendo plena consciência de que jamais chegaremos a uma verdade objetiva.” (DUBY, 1986, p. 11).

O intuito nesta parte foi coletar e apresentar algumas das principais idéias que norteavam a produção do trabalho dentro da História Nova proposta pelos membros da Escola dos Annales. No entanto, não temos o intuito de fornecer uma apresentação total deste fecundo movimento, tampouco de exaurir as fontes de pesquisa. Ainda poderíamos tratar, por exemplo,

da História das Mentalidades¹⁶, ramo de estudos de grande importância dentro da História Nova e que rendeu muitos frutos e aliados para o futuro, bem como a relação dos *Annales* com as outras áreas de conhecimento¹⁷, sugerindo uma certa abordagem “transdisciplinar”.

Sobretudo, atingimos um ponto onde a escrita do historiador é deliberadamente colocada como uma construção, uma montagem a partir de uma seleção de problemas, documentos/monumentos e pontos de partida inescapáveis àquele que está historiografando acerca de um determinado período, época ou problema. A história, então, precisa ser encarada como uma coisa produzida, e, para este ponto, precisamos lançar mão de uma tomada mais específica deste ponto de vista.

1.4- A Operação Histórica

Michel De Certeau nos serve como inspiração por seguir muitas ideias que estão presentes nos estudos da História Nova, bem como por propor uma reflexão sobre a historiografia. Tal reflexão figura no livro “*História: Novos Problemas*”, organizado por Le Goff e Pierre Nora, mantendo nossa linha de raciocínio em consonância com o até então apresentado.

Seguindo com a ideia de uma história construída, encontramos algumas ideias que ajudam não só a pensar melhor nesta hipótese como operacionalizar a escrita a partir da ideia de uma *fabricação* da história. Neste texto, De Certeau irá colocar a história como uma operação, e para tal irá lançar mão de duas grandes características de tal operação: o lugar de onde parte o historiador e os procedimentos dos quais ele irá se valer para produzir esta história:

“Considerar a história como uma operação será tentar, de um modo necessariamente limitado, compreendê-la com a relação entre um *lugar* (um recrutamento, um meio, um ofício etc) e *procedimentos* de análise (uma disciplina). É admitir que a história faz parte de uma “realidade” da qual trata, e que essa realidade pode ser captada “enquanto atividade humana”, “enquanto prática”. A partir desta perspectiva, gostaria de demonstrar que a operação

¹⁶ Sobre as Mentalidades, uma breve passagem, também de Le Goff: “A história das mentalidades obriga o historiador a interessar-se mais de perto por alguns fenômenos essenciais de seu domínio: as heranças, das quais o estudo ensina a continuidade, as perdas, as rupturas (de onde, de quem, de quando vem esse hábito mental, essa expressão, esse gesto?); a tradição, isto é, as maneiras pelas quais se reproduzem mentalmente as sociedades, as defasagens, produto do retardamento dos espíritos em se adaptarem às mudanças e da inegável rapidez com que evoluem os diferentes setores da história.” (LE GOFF, 1976, p. 72). O estudo das mentalidades será considerado, ainda, o “tempo histórico mais lento”, e tem ligação com a ideia de refinar os modos de comparatismo, já que entender a mentalidade de uma época ajuda a situar melhor os sistemas de comparação sem forçar analogias indevidas, algo proposto como tarefa por Le Goff.

¹⁷ A própria revista que deu origem a Escola dos *Annales* teve, em sua origem, profundas relações com a Economia e a Geografia. Mais futuramente, relações com outras ciências como a Psicologia, Antropologia, Biologia e até com a Psicanálise serão propostas, como formas de ampliar o trabalho do historiador.

histórica se refere à combinação de um *lugar social* e de *práticas científicas*.” (DE CERTEAU, 1988, p. 18).

De modo bastante direto, De Certeau condensa os problemas apresentados por Le Goff e Duby na seção acima e os coloca de modo a produzir uma ferramenta útil na produção da história: a operação histórica. Para tanto, disseca o *lugar social* do historiador para, depois, dissecar as *práticas científicas* as quais ele irá se remeter para produzir sua história. Cabe, no entanto, uma passagem especialmente útil para nosso trabalho, que trata de uma problemática da História Nova não tratada na seção anterior mas que é de grande importância para o trabalho da Escola dos Annales: o *presentismo*, conceito de extrema importância.

Trata-se da ideia de que a história não é o movimento do passado em direção ao presente, como uma linha reta que se estende dos tempos imemoriais até os dias atuais, mas senão exatamente o oposto: a história é um fazer, donde o historiador parte do presente no qual habita e debruça-se sobre o passado, de modo não a elucidar apenas os tempos anteriores, mas produzir, sobre seu próprio presente, uma história que o ajude a ser entendido. Isto implica, claramente, na denúncia do lugar de onde partiu o historiador para produzir a história, e é sobre isto que trata De Certeau:

“Certamente não existem considerações, por mais gerais que sejam, nem leituras, por mais longe que as estendamos, capazes de apagar a particularidade do lugar de onde eu falo e do domínio por onde conduzo uma investigação. Essa marca é indelével. No discurso onde faço representar as questões gerais, essa marca terá a forma de um *idiotismo*: meu dialeto demonstra minha ligação com um certo lugar.” (DE CERTEAU, 1988, p. 17).

Sobre a questão do lugar social, De Certeau é taxativo: não há como escapar das implicações dele sobre o trabalho do historiador. É ele quem determina certas abordagens, métodos e interpretações, da mesma forma que é ele quem inibe alternativas diferentes. É por isso, portanto, que é preciso saber de onde se parte: justamente para deixar claro que possibilidades de análise estão em jogo e quais, possivelmente, ficarão de fora. A operação histórica partirá exatamente do entendimento deste lugar. Conforme o autor:

“Antes de saber o que a história diz de uma sociedade, importa analisar como ela ai *funciona*. Esta instituição inscreve-se num complexo que lhe *permite* somente um tipo de produções e lhe *interdita* outros. Tal é a dupla função do lugar. O lugar *torna possível* determinadas pesquisas, por meio de conjunturas e problemáticas comuns. Mas *torna* outras *impossíveis*, exclui do discurso o que é sua condição num dado momento; desempenha o papel de uma censura com relação aos postulados presentes (sociais, econômicos, políticos) da análise. Indubitavelmente esta combinação entre a *permissão* e a *interdição* é o ponto cego da pesquisa

histórica, e a razão pela qual ela não é compatível com *não importa o quê*. É igualmente sobre esta combinação que age o trabalho destinado a modificá-la.” (DE CERTEAU, 1988, p. 27).

Deste modo, De Certeau levanta vários aspectos que podem permitir e ao mesmo tempo interditar o trabalho do historiador: sua profissão e o lugar que ocupa nela, a comunidade de estudiosos do qual faz parte, sua situação sócio-econômica e cultural, a situação política de uma época, dentre outros. Tudo isto implica no tal ponto cego da pesquisa histórica, e cabe ao historiador deixar claro para que ele possa ser detectado em análises futuras. Fica, portanto, a dificuldade estabelecida:

“É impossível, portanto, analisar o discurso histórico independentemente da instituição em função da qual ele é organizado em silêncio; ou sonhar com uma renovação da disciplina que seria assegurada apenas pela modificação de seus conceitos, sem que haja uma transformação das situações estabelecidas.” (DE CERTEAU, 1988, p. 22).

Partindo para as práticas, De Certeau aqui propõe que a operação histórica se faça não a partir de tomadas simbólicas do que seria a história, como um “estudo do passado” ou uma história que tem por objeto “o tempo”. É bem claro, aqui, que a ideia de operação histórica existe para evidenciar o teor de fabricação da história por parte do historiador. Para tal, uma fortuita analogia é traçada por De Certeau:

“Sem dúvida é excessivo dizer que o historiador tem “o tempo” como “material de análise” ou como “objeto específico”. O historiador trata, segundo seus métodos, os objetos físicos (papeis, pedras, imagens, sons etc.) distinguidos, no *continuum* do percebido, pela organização de uma sociedade e pelo sistema de pertinências próprias a uma “ciência”. O historiador trabalha sobre um material para transformá-lo em história. Efetua então uma manipulação, que, como as outras, obedece a regras. Tal manipulação assemelha-se à fabricação efetuada com o minério já refinado. Transformando de início as matérias-primas (uma informação primária) em produtos *standart* (informação secundária), transporta-o de uma região da cultura (as “curiosidades”, os arquivos, as coleções etc.) a uma outra (a história). Um trabalho “histórico” participa do movimento pelo qual uma sociedade modificou sua relação com a natureza, transformando o “natural” em utilitário (por exemplo, a floresta em exploração) ou em estético (por exemplo, a montanha em paisagem), ou fazendo passar uma instituição social de um estatuto a outro (por exemplo, a igreja convertida em museu).” (DE CERTEAU, 1988, p. 29).

Colocando a história desse modo, De Certeau subverte as antigas tomadas do fazer histórico pelos positivistas e pelos marxistas. Trata-se de pensar o fazer histórico como uma prática que parte de coisas concretas e que fabrica seu discurso a partir do refinamento delas, exatamente como a analogia do minério sendo refinado até se tornar algo lapidado.

Neste ponto é que a história ganha o teor crítico e reflexivo tão proposto pelos criadores do movimento da História Nova. Passa a se produzir uma história que não mais cria sistemas universais de entendimento ou histórias totalizantes de cunho moral, mas uma história que vai buscar o passado para se repensar o presente:

“Seus métodos, com efeito, não consistem mais em conseguir objetos “autênticos” para o conhecimento; seu papel social não é mais (a não ser na literatura especulativa dita de vulgarização) prover a sociedade de representações globais de sua gênese. A história não ocupa mais, como no século XIX, esse lugar *central* organizado por uma epistemologia que, perdendo a realidade como substância ontológica, procurava encontrá-la como força histórica, *zeitgeist* e devir oculto na interioridade do corpo social. Não possui mais a função totalizante que consistia em revezar com a filosofia o seu papel de dizer o sentido.” (DE CERTEAU, 1988, p. 35).

Tal fabricação não é solitária, entretanto. O historiador não pode, sozinho, almejar ser capaz de elaborar seus dados e objetos de estudo sem auxílio. Para tanto, e exatamente congruente com os ideais de interdisciplinariedade propostos por Bloch desde a primeira edição da revista dos *Annales*, há a necessidade de se trabalhar com o auxílio de outros saberes. A história perde seu sentido de sistema de entendimento do mundo e ganha teor crítico e reflexivo, mas agora com o auxílio de outros saberes, os quais usa para ser capaz de fomentar suas críticas. A operação histórica vai tomar muito disto como norte para suas análises, como demonstra De Certeau nesta passagem:

“A história intervém sob a forma de uma experimentação crítica dos modelos sociológicos, econômicos, psicológicos ou culturais. Diz-se que ela se utiliza de um “instrumental de empréstimo” [...]. É verdade. Contudo, mais precisamente, ela o *experimenta* através de uma transferência desse instrumental para terrenos diferentes, tal como se “experimenta” um automóvel de turismo fazendo-o funcionar em pistas de corrida com velocidades e em condições que *excedem* suas normas. A história torna-se um lugar de “controle”. Aí, é exercida uma “função de falsificação”. Aí podem ser colocados em evidência os limites de significabilidade relativos aos “modelos” que sucessivamente são “ensaiados” pela história em campos estrangeiros àquele de sua elaboração.” (DE CERTEAU, 1988, p. 36).

Temos, então, um panorama do que seria a operação histórica proposta por De Certeau: um cuidado, em primeiro lugar, com o lugar de onde se parte, e um cuidado, por fim, com as técnicas e modos de análise dos quais irão se utilizar o historiador em sua prática. Prática esta concreta, que visa transformar os objetos históricos em material de análise futuro através de uma fabricação cuidadosa e refinada. Nas palavras do próprio autor, em uma segunda e final definição: “A operação histórica consiste em retalhar o dado segundo uma lei presente que se

distingue do seu outro (passado), em tomar distância com relação a uma situação conhecida e, dessa forma, em marcar por um discurso a mudança efetiva permitida por esse distanciamento.” (DE CERTEAU, 1988, p. 40).

1.5- *Considerações finais*

Pretendemos, ao longo destas breves passagens por alguns textos e reflexões dos autores da História Nova, apresentar uma base do que será nosso trabalho histórico que está por vir. As reflexões dos historiadores dos Annales são úteis por indicar tanto uma inviabilidade de se obter a “verdade” a partir dos fatos históricos e, com isto, abre uma via muito mais fecunda. Ao abandonar o almejo pela história verdadeira e objetiva, problemática pela própria proposta que traz consigo, temos agora uma história muito mais crítica e passível de ser fabricada sob reflexões e auto-crítica constantes.

Sobretudo, serve a este estudo também como mais uma ferramenta para se pensar a escrita da história junto com as reflexões da história das ciências. De um lado, temos as reflexões sobre a dificuldade de historiografar uma disciplina sem recair em antigos problemas de teleologia, discurso demasiado implicado e auto-afirmação de um passado glorioso, quando não sintomas de uma historiografia *whig*. De outro, temos algumas ferramentas possíveis para contornar os problemas da objetividade e do anacronismo que um historiador pode empregar ao produzir uma história demasiadamente interessada em reafirmar as conquistas de sua disciplina e seu grupo social: a possibilidade de um presentismo como forma de repensar a atualidade do campo científico em questão, e não retificá-lo como realidade vencedora ou única possível.

É na confluência destas reflexões e ferramentas que pretendemos realizar a crítica historiográfica acerca de Waclaw Radecki, como personagem relevante e inventado, em muitos aspectos, por uma certa historiografia da psicologia no Brasil. No entanto, antes de partirmos para a análise propriamente dita do personagem, precisamos empreender um breve exame acerca do que a algumas histórias da psicologia no Brasil compreendem por *história* e *historiografia*.

Como posto na introdução desta seção, o historiador precisa deixar claro seus problemas, métodos, valores e objetivos ao buscar escrever uma narrativa histórica. Portanto, antes de operarmos qualquer crítica que seja em cima dos escritos sobre Waclaw Radecki (e, por consequência, a grupos de historiadores da psicologia no Brasil), precisamos levantar um mínimo de informações acerca da maneira como as páginas escritas até então foram produzidas.

A partir deste conjunto de objetivos e valores enquanto historiadores é que poderemos operar nossa crítica.

2- Algumas características da historiografia da psicologia no Brasil

Tendo exposto os principais pontos de partida do nosso empreendimento de pesquisa, temos as ferramentas necessárias para começar a buscar algumas tendências, rumos ou padrões que alguns historiadores da psicologia no Brasil tenham apresentado, utilizado ou declarado.

Logo de início, retomamos, portanto, a distinção que fizemos no capítulo anterior ao final da discussão sobre história das ciências: dos diversos níveis de atividade científica – ciência, história da ciência, historiografia da ciência e meta-historiografia da ciência – iremos nos focar aqui nos níveis meta-históricos e meta-historiográficos. A princípio, um exemplo de alguma proposta de história da psicologia no Brasil talvez pudesse servir para detectarmos algumas tendências do campo, mas optamos por manter a discussão a nível meta-histórico e meta-historiográfico (historiografia da ciência e discussões acerca dessas possibilidades de historiografia) pois este esforço é por si só dispendioso e, para os propósitos deste estudo, bastanos por agora empreender uma busca apenas por tendências gerais, deixando para o futuro a possibilidade de ampliação desta pesquisa específica.

Focaremos nossa análise nos escritos dos historiadores da psicologia brasileira que se envolvem em grupos como o Grupo de Trabalho em História da Psicologia da ANPEPP (*Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia*) e o CDPHA (*Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff*). Este foco se dá pelas publicações, em forma de livros, que tais historiadores organizarão de modo a fazer uma escolha de textos e de um certo passado da psicologia no Brasil. Alguns autores recorrentes nestas associações – Marina Massimi, Mitsuko Antunes, Regina Helena de Freitas Campos, dentre outros – serão responsáveis pela edição de volumes que fazem a escolha de certos escritos e de um certo passado para a psicologia no Brasil. A melhor representação talvez se dê pela *Coleção Clássicos da Psicologia Brasileira*¹⁸, esforço em conjunto do GT de História da Psicologia da ANPEPP e o Conselho Federal de Psicologia como projeto do resgate das memórias da profissão no país através da reedição de livros considerados de importância.

Para tanto, será realizado o exame de como estes grupos se referem aos “primeiros ensaios” da história da psicologia no país por meio de uma coleção de oito textos escritos entre 1944 e 1988. Estes textos se encontram no volume intitulado *História da Psicologia no Brasil*:

¹⁸ Os diversos volumes da Coleção podem ser encontrados no site do CFP, <http://site.cfp.org.br/multimidia/projeto-memorias-da-psicologia-brasileira/livros/>.

*Primeiros Ensaios*¹⁹ (2004), de autoria de Mitsuko Antunes e volume parte da *Coleção dos Clássicos da Psicologia Brasileira*. Trata-se de uma edição organizada com o intuito de resgatar o que a autora e os membros do GT de História da Psicologia da ANPEPP se referem como sendo os primeiros ensaios de história da psicologia no país, fazendo uma seleção que passa por grandes nomes da profissão no Brasil. O exame deste volume em especial nos serve para tentar compreender os motivos pelos quais tais textos foram escolhidos para serem tidos como os primeiros ensaios do campo da história da psicologia brasileira. Posteriormente, como analisaremos, outras articulações serão realizadas em cima dessa proposta de historiografia levantada por estes autores.

Após a análise do *Primeiros Ensaios*, analisaremos o volume intitulado *Historiografia da Psicologia Moderna: Versão brasileira*²⁰ (1998), de Marina Massimi e Josef Brojek. Este volume nos servirá ao analisarmos como este se propõe como um livro básico para a historiografia da psicologia no Brasil, além de reconhecer o campo através de autores da época e suas publicações: a própria Marina Massimi, Mitsuko Antunes, Regina Helena de Freitas Campos e menções a influências americanas. Por fim, trabalharemos como este volume reitera uma versão da historiografia da psicologia no Brasil ao indicar a década de 1980 como crucial para o desenvolvimento desta área no país.

Por fim, a análise de alguns volumes publicados ou organizados no Brasil por estes autores servirá para encerrar esta discussão em torno das tendências historiográficas destes, que, de certa forma, se articulam através de interesses comuns e sugerem uma versão da história da psicologia no Brasil, contendo valores e pontos de partida específicos que favorecem algumas narrativas.

2.1- Uma história (da história) da psicologia no Brasil: uma possível versão

Massimi e Brojek (1998)²¹ afirmam que “a historiografia da psicologia no Brasil é uma área de estudos relativamente recente, apesar de haver acenos e tentativas fragmentárias de reflexão a seu respeito desde as primeiras décadas do século XX”. Mais precisamente, Brojek irá estabelecer que a década de 1980 foi a “idade de ouro” da história da psicologia como especialidade no Brasil (1998)²². Tendo este pressuposto como base, temos então que 1980 é

¹⁹ A partir deste ponto, este volume específico será referenciado no texto apenas como *Primeiros Ensaios* de modo a facilitar a leitura.

²⁰ A partir deste ponto, *Historiografia da Psicologia Moderna*.

²¹ Op. Cit. p. 209.

²² Op. Cit. p. 223.

uma espécie de “marco” para essa versão da história da psicologia no Brasil. E, como dissemos na introdução, estes grupos irão constituir uma versão da historiografia da psicologia no país. Para tanto, alguns escritos serão encarados como os “primeiros” no campo da história da psicologia brasileira e posteriormente publicados em livro. Trata-se do *Primeiros Ensaio*s, livro que reúne escritos dos anos de 1944 (Olinto), 1950 (Cabral), 1955 e 1969 (Lourenço Filho), 1975 (Pessoti), 1981 (Netto), 1982, (Centofanti) e 1988 (novamente Pessoti).

Não se trata apenas de uma escolha de historiadores partir dos primeiros ensaios, mas também do interesse que temos neste volume: ele contém o texto escrito por Rogério Centofanti e publicado na revista *Psicologia, Ciência e Profissão (Radecki e a Psicologia no Brasil*, ano 3, nº1, 1982), exatamente um dos objetos centrais deste estudo. Aqui, desponta o primeiro indício de uma operação histórica: o texto que apresenta à psicologia brasileira o personagem de Waclaw Radecki irá, de sua publicação em 1982, sofrer sucessivas tomadas e retomadas, de modo a despontar em 2004 como um ensaio primevo do campo da história da psicologia como especialidade no Brasil. Já começa a surgir, neste ponto, os motivos pelos quais o texto – e seu personagem principal, o polonês Radecki – representam tamanha importância para a psicologia no país.

No entanto, se a “idade de ouro” foi cogitada de 1980 em diante, é condizente que os “primeiros ensaios” se encerrem nesta década, de modo assim a antecederem os estudos que irão contribuir para a consolidação tão forte destas versões, por sua vez dando a Brozek razões para intitular esta uma idade dourada. Entretanto, isto nos deixa com o problema de localizar os textos anteriores: apenas três habitam a idade de ouro da história da psicologia no país (os de Netto, Centofanti e o segundo de Pessoti), nos deixando com cinco textos anteriores ao período que mais nos interessa (os de Olinto, Cabral, os dois de Lourenço Filho e o primeiro de Pessoti). É, portanto, necessária uma breve digressão para compreendermos onde estes textos se inserem historicamente. E uma boa forma de compreendermos seu lugar na história é se levarmos em consideração os círculos em que cada um se inseria.

2.1.1- *Textos históricos da psicologia antes de 1960*

A psicologia experimental no Brasil, 1944, de Plínio Olinto, *A psicologia no Brasil*, 1950, de Anitta Cabral e *A Psicologia no Brasil*, 1955, de Lourenço Filho são os três textos que abrem o *Primeiros Ensaio*s (2004). Todos eles compartilham das mesmas características: escritos por personagens atuantes no campo da psicologia (tangencialmente, no caso de Plínio Olinto, que era médico, e mais diretamente por Anitta Cabral e Lourenço Filho); e de teor

descritivo: versavam sobre quem fazia psicologia em quais lugares e sob quais influências teóricas, bem como quem foram os primeiros a iniciar os estudos em psicologia.

O texto de Plínio Olinto, por exemplo, foi publicado na *Imprensa Médica*, e este era um professor da *Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro*. Olinto fala, em seu texto, dos laboratórios de psicologia do país, em especial dos quais foi voluntário. Em pouco mais de três páginas, retira algumas conclusões, como: “Por muito tempo entre nós, a Psicologia Experimental foi exercida como esporte. Começava-se a brincar com ela, era distraído e agradável, mas cumpria buscas noutras fontes o pão nosso de cada dia.” (2004, p. 30). A visão do autor sobre o ramo da psicologia experimental estava algo atrelada à sua visão da Psicologia como disciplina na época:

“[A Psicologia] É hoje essa figura esbelta e sadia, sempre muito estimada, como o foi desde menina. Já agora acatada, respeitada, cortejada, dispõe de um apartamento mobiliado em cada uma das faculdades de Filosofia e Letras do país. Deixou de ser regional, passou a ser brasileira. Reúne em torno de si admiradores de todos os estados. Abençoadas sejam, pois, essas jornadas psicológicas pelo entusiasmo com que nos animam a cultivar e a cultuar a Psicologia Experimental no Brasil.” (OLINTO, 2004, p. 30-31).

Notamos um texto algo valorativo, descrevendo o estado da psicologia naquela época e dando seu “veredito” sobre os desenvolvimentos da Psicologia Experimental até aquele momento. Sobretudo, notamos o autor enxergando uma inserção do saber psicológico em faculdades, algo que notaremos mais vezes adiante.

O texto de Annita Cabral, de 1950, é ainda mais interessante nesse aspecto pois se prestou a ser uma publicação internacional²³ para delinear os rumos da psicologia em nosso país, e conta com uma grande introdução dissertando sobre o Brasil: geografia, clima e uma breve história econômica e social do país. Quase metade do texto é ocupado por essa introdução, uma apresentação do Brasil ao mundo e da psicologia aqui exercida.

O texto de Annita Cabral é tido como um dos primeiros em história da psicologia, mas a autora, ao começar a versar sobre as produções no ramo da psicologia da época, sentencia: “A história da Psicologia, propriamente, no Brasil, ainda está por se fazer” (CABRAL, 2004, p. 48). É importante percebermos a inserção de um escrito que, de certa forma, indica a necessidade de uma história da psicologia, logo no início de um volume que organiza seus primeiros textos do campo: uma escolha estratégica.

²³ Mais precisamente, um capítulo de um livro intitulado “World Psychology”, de George Kisker.

Já sobre o estado da psicologia enquanto um campo profissional, a autora diz:

“É provável que a solução do problema de uma formação científica de psicólogos no Brasil dependa, antes que de esforços pessoais e isolados, da criação de subseções autônomas de Psicologia nas seções de Ciências das faculdades de Filosofia. As dificuldades para isso são várias, entre elas a de se obter pelo processo democrático, longo e complicado, uma lei a respeito, e outra, talvez maior, a força daquela venerável tradição com a qual, na própria França, de onde essa tradição foi importada, tanto clamou, entre outros, P. Guillaume.” (CABRAL, 2004, pp. 66 – 67).

A questão institucional aparece, aqui, na figura de uma organização profissional. Enquanto Olinto celebrava o “apartamento mobiliado” da jovem psicologia nas faculdades de Filosofia e Letras, Cabral já vislumbra o problema de uma formação de psicólogo nos setores científicos propriamente ditos das faculdades. Novamente a psicologia como uma disciplina científica é levantada, e esta impressão é algo constante nos escritos do *Primeiros Ensaios*.

É o que o texto de Lourenço Filho, publicado em um volume intitulado *As Ciências Sociais no Brasil*, de 1955, reforça. Segue o autor, comentando sobre o surgimento da psicologia no Brasil entre médicos, educadores e demais pensadores de diversas áreas:

“Toda transformação nos modos de conhecer retrata inquietação de ordem filosófica geral, e essa, muito marcada, existia entre os homens cultos no Brasil, como entre os de todos os países do Ocidente, na última metade do século XIX, quanto à significação e os rumos de novos estudos científicos sobre a natureza humana.” (LOURENÇO FILHO, 2004, p. 73).

Este escrito, assim como os dois anteriores, narra detalhadamente a contribuição de profissionais de diversas áreas para a psicologia brasileira: trabalhadores de medicina, educadores, engenheiros e administradores, especialistas estrangeiros, sacerdotes e líderes católicos, além de versar brevemente sobre a situação do ensino da disciplina e de demais órgãos e publicações na área. Lourenço Filho faz uma interessante conclusão, que vale nosso exame:

“A Psicologia Científica encontra-se, hoje, no Brasil, em período de plena afirmação. Vencida a fase heroica, dos autodidatas, em que alguns campos alcançou o terceiro decênio do século XX, atinge agora um ciclo de grande expansão de estudos e aplicações, ao mesmo tempo que de coordenação, revisão e crítica dos resultados obtidos. Não mais se mantém os estudos na estrita dependência do resultado da pesquisa de outros países.” (LOURENÇO FILHO, 2004, p. 103).

Apontamos, aqui, como os três escritos acima analisados constroem, apresentados nessa ordem, uma certa narrativa de continuidade: uma progressiva expansão da psicologia enquanto

campo de estudos e atuação profissional, sempre tendo os autores calcados na noção de uma psicologia *científica*. Ou seja: o teor descritivo de tais textos aponta uma certa preocupação com a apresentação da psicologia e a construção de sua trajetória e progresso até a época da publicação. São textos que delimitam um certo “estado da arte” da psicologia no país, assim como uma preocupação com a atuação profissional do psicólogo. Tal impressão podemos encontrar em Massimi e Brojek (1998, p. 210):

“A reflexão acerca desse processo [regulamentação da profissão], em sua dinâmica histórica, acompanhou o desenvolvimento da psicologia no país, surgindo por obra de alguns pesquisadores e profissionais atuantes na área. Não se trata, portanto, de uma historiografia da psicologia autônoma, dotada de consciência própria enquanto campo de pesquisa e ensino. Ao invés, é, inicialmente, expressão de consciência que vários psicólogos brasileiros tiveram acerca da dimensão histórica de seus trabalhos, bem como da psicologia enquanto tal. Nesse sentido, tais estudos, de caráter histórico, são prioritariamente atentos ao desenvolvimento da psicologia no contexto brasileiro. ”

Entretanto, uma característica comum a esses três escritos é sua datação: são todos anteriores a 1960. Uma boa razão para terem estas características é o fato de versarem descritivamente sobre a psicologia brasileira, característica que fará autores como Antunes (2006) utilizar estes e outros textos para propor um período de *consolidação* da psicologia no Brasil entre 1930 e 1962:

“[...] caracterizado pela efetivação e desenvolvimento do ensino, da produção de estudos e pesquisas e dos campos de aplicação, assim como o incremento da publicação de obras da área, criação dos primeiros periódicos especializados, promoção de congressos e encontros científicos e criação de associações profissionais;” (ANTUNES, 2006, p. 80).

Segundo a autora, seriam os seis períodos da *História das Ideias Psicológicas e da Psicologia no Brasil*: os períodos Pré-Institucional, Institucional, de Autonomização, de Consolidação, de Profissionalização e o de Ampliação dos campos de atuação do psicólogo e explicitação de seu compromisso social (2006)²⁴. Neste caso é postulado, portanto, que o período posterior é o de profissionalização, dado pela lei de 1962 que regulamentou a profissão de psicólogo no país.

Vemos também como a escolha cuidadosa dos escritos leva a uma também cuidadosa progressão: A grande narrativa que Mitsuko Antunes apresenta como *História das Ideias Psicológicas e da Psicologia no Brasil* sugere a institucionalização e subsequente

²⁴Op. Cit. pp. 79 – 80.

autonomização do saber psicológico, seguido de sua consolidação (como os escritos acima analisados sugerem) e profissionalização. Massimi e Brozek seguem pela mesma via: no *Historiografia da Psicologia Moderna*, em 1998, se baseavam em grande parte nos mesmos escritos que constituem o *Primeiros Ensaios*²⁵.

Esta periodização é algo recente, mas que irá incidir na organização dos textos que serão considerados os primeiros em história da psicologia no Brasil. Adiante, quando adentrarmos nos volumes que irão trabalhar com mais clareza esses períodos, ficará mais claro como esse tipo de periodização contribui para uma certa organização dessa versão de história da psicologia que é defendida por estes autores.

2.1.2- Textos históricos entre 1960 e 1980

Aqui, é preciso contextualizar brevemente uma situação: antes de tratar dos próximos textos do *Primeiros Ensaios*, é preciso lembrar que em 1962 é assinada a Lei nº 4119, que regulamenta a profissão de psicólogo no Brasil. Ainda teríamos em 1964 o Decreto nº 53.646 de 1964, a Lei nº 5766 de 1971 e, por fim, o Decreto nº 79.822. Todos estes trataram de regulamentar as atribuições do psicólogo no país, sua formação e sua organização através do Conselho Federal de Psicologia e suas ramificações locais, os Conselhos Regionais.

Qual é a importância da regulamentação da profissão de psicólogo e a subsequente criação do Conselho Federal e suas instâncias regionais para a historiografia da psicologia? Podemos ter uma medida da importância através da análise de dois textos do “Primeiros Ensaios” que foram publicados nesta época: do de Lourenço Filho, em 1969, e o de Isaías Pessoti, em 1975.

A Psicologia no Brasil nos últimos 25 anos, 1969, de Lourenço Filho, foi publicado em um fascículo da *Fundação Getúlio Vargas*, FVG, e nela podemos observar claras diferenças em termos de narrativa com relação ao texto imediatamente anterior do mesmo autor. Dos antecedentes da disciplina no país até uma lista de “fatos capitais do período” (2004, pp. 112 – 115), Lourenço Filho dedica boa parte do escrito à Lei nº 4119 e aos trâmites seguintes de organização, dos quais participou (2004, p. 117), e dá grande importância à regulamentação da profissão e dos cursos de formação, que o fazem afirmar que: “Os estudos da Psicologia no

²⁵ Sobre tal semelhança na condução do progresso da história da psicologia, é interessante notar que o capítulo onde se encontra a citação acima, “*Historiografia da Psicologia no Brasil*”, cita todos os escritos presentes no *Primeiros Ensaios*, de 2004. Tendo Mitsuko Antunes como uma das colaboradoras do *Historiografia da Psicologia Moderna*, é interessante notar como essa versão da historiografia da psicologia brasileira é algo antiga e fomentada entre os pesquisadores do campo.

Brasil, nos últimos 25 anos, transitaram da fase primária de organização – em que se acusava estrita dependência a especialistas de outros países – para um *estágio de crescente afirmação*. “. (2004, p. 118, grifo nosso).

Mais uma vez, a sequência de escritos apresentados nos coloca uma condução muito sutil do processo de estabilização da psicologia no Brasil. Do período de consolidação anterior, este período de profissionalização é apresentado aqui de modo tranquilo, sem a apresentação de maiores controvérsias interessantes à história da disciplina e, mais especificamente, de sua profissionalização²⁶.

O texto “Dados para uma história da psicologia no Brasil”, 1975, de Isaías Pessoti, compartilha dessa suposta afirmação, ao iniciar alegando que “As informações seguintes são obviamente incompletas e podem até conter inexatidões, já que são escassos os escritos a respeito do assunto e poucas as pessoas que puderam ser consultadas” (2004, p. 122). Nota-se, também, que neste momento, Pessoti não *descreve* a profissão ou a atuação, mas *fornece dados para uma história*. Desde a citação a teses até a regulamentação da profissão, Pessoti cita uma extensa lista de profissionais, instituições, publicações e demais atores da psicologia, desde 1836 a 1965. Encerra seus dados para uma história da psicologia no Brasil com a seguinte passagem:

“Hoje, os velhos pioneiros se alegrariam com a criação dos cursos de pós-graduação, a difusão dos cursos de psicologia, a decidida profissionalização do psicólogo na indústria, na clínica e na escola, com a criação dos exercícios de controle do exercício profissional, com o progresso editorial no campo da Psicologia. Os caminhos da Psicologia se multiplicaram e não é possível segui-los todos.”. (2004, p. 136).

Aqui podemos notar a grande diferença dos escritos pré-1960 e pós-1960. A lei que regulamentou a profissão (e as subsequentes que organizaram o ensino de psicologia) são celebradas no segundo texto de Lourenço Filho e no escrito de Pessoti. Para a organização do *Primeiros Ensaios*, seguem com a proposta de apresentação tanto da disciplina de modo algo organizado e, para a historiografia, resgatam uma sequência de acontecimentos muito bem sequenciados entre si.

2.1.3- Os textos históricos da década de 1980

²⁶ Indicativos das controvérsias do período podem ser encontrados em Baptista (2010), que analisa os muitos outros projetos de regulamentação da profissão antes de 1962 e uma coletânea de depoimentos de profissionais, *30 anos de regulamentação* (1992), dispondo de memórias sobre o processo de profissionalização da época.

Como indicamos acima, os textos antes de 1960 são de teor mais descritivo, enquanto que os textos entre 1960 e 1980 começam a indicar a necessidade de uma história da psicologia: tanto pela ideia de uma crescente afirmação do campo por Lourenço Filho como pela iniciativa de Pessoti de fornecer os dados para a construção dessa história. E, os últimos três textos clássicos do *Primeiros Ensaios* são: *A Psicologia no Brasil* (1981) de Samuel Pfromm Netto, *Radecki e a Psicologia no Brasil* (1982) de Rogério Centofanti e, por fim, *Notas para uma história da psicologia no Brasil* (1988) de Isaías Pessoti.

O trabalho de Netto, publicado originalmente em uma coletânea de textos sobre a História das Ciências no Brasil, já revelaria traços de um trabalho historiográfico mais elaborado. Netto tenta traçar a história da psicologia no Brasil desde raízes na filosofia e religião herdadas da colonização portuguesa. Buscando “traços psicológicos” nos escritos filosóficos ao longo dos séculos, opera um corte a partir da autonomização da psicologia como ciência através dos laboratórios e parte para traçar os primeiros laboratórios de psicologia do país, e termina com as diversas contribuições da medicina, educação e psicologia do trabalho, dando especial atenção ao crescimento dos cursos de psicologia pós-regulamentação. Cabe menção quando o autor versa sobre a criação da primeira academia de psicologia do país:

“Acontecimento de maior relevância, em fins de 1979, foi a criação da Academia Paulista de Psicologia, sob a presidência de Carlos Del Nero e com a participação dos mais respeitados nomes da psicologia bandeirante. A academia vem dedicando particular atenção à pesquisa, à *divulgação da história da psicologia no Brasil e à análise da obra dos pioneiros desta*.” (1981/2007, p. 164, grifo nosso).

Neste texto é possível observar um inicial e crescente interesse pelo resgate dos pioneiros da psicologia brasileira através das obras de história da psicologia veiculadas por instituições, como a *Academia Paulista de Psicologia*. Entretanto, há outras instituições importantes que fomentarão a busca por estes pioneiros.

Anexo a análise desse texto, queremos mencionar a criação da revista *Psicologia, Ciência e Profissão*, pelo *Conselho Federal de Psicologia* em 1979. Este é um número nada menos que simbólico, pois: “Neste ano do Centenário da Psicologia como Ciência, quis o CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA colocar nas mãos dos Psicólogos deste País urna revista de caráter científico e profissional, dando início a uma nova série de suas publicações.” (1979, p. 4).

A tendência de se associar à fundação da psicologia como ciência é pode ser notada no artigo posterior, de autoria de Antônio Rodrigues Soares. Num prólogo breve a um extenso

texto, Soares comenta como lhe fora pedida uma história do *Conselho Federal*, e, sobre este, diz:

Ademais, o Conselho Federal desponta dentro de um contexto histórico e numa moldura cultural, dos quais é o resultado necessário e a necessária síntese. Sua história, por consequência, resultará de urna profunda e intensa pesquisa de documentos que, no Brasil já trazem as marcas dos séculos, pois, têm raízes nas primeiras atividades acadêmicas das Faculdades de Medicina da Bahia e do Rio de Janeiro, onde, em se filosofando, se haveria de deparar com a vetusta Psicologia Racional, berço primeiro e seio gerador da Psicologia Científica. Através dela, de fato, impulsionada pelas contribuições das ciências de experiência e afins, é que, em 1879, dava seus primeiros passos a Psicologia Científica. (SOARES, 1979, p. 7).

Soares segue o prólogo explicando o quanto é necessária uma história da psicologia no Brasil²⁷, e termina estabelecendo um desafio aos profissionais futuros:

Fica o desafio lançado para todos. A história merece mais páginas para enriquecer de Psicologia seus juízos e suas informações. A Psicologia merece mais urna história, com mais fatos e mais valores, para favorecer a iluminação de sua gestação, através do tempo, entre nós. (SOARES, 1979, p. 8).

Nas páginas seguintes, o extenso texto de Soares irá listar diversas e importantes figuras para o desenvolvimento da psicologia em solo brasileiro. Nos interessa, entretanto, sua conclusão, demonstrando como o *Conselho Federal de Psicologia*, na qualidade de uma instituição que une profissionais e lhes fornece uma identidade e uma unidade como grupo, contribui para que a história da psicologia inicie um processo de busca por grandes narrativas e seus pioneiros:

“A História já está a exigir, de quantos compõem a expressiva classe dos Psicólogos brasileiros, um trabalho histórico completo, onde todos os bandeirantes dessa imensa empreitada tenham seu lugar e recebam suas honras. Deixo aqui o desafio. Talvez muitos não apareçam, nas páginas da História, mesmo que a tenham escrito nos gestos, na criação e nos atos. Todos, entretanto, no exercício da promoção do homem, objeto da Psicologia, "brilharão como estrelas nas perpétuas eternidades", que é o lugar de quantos acreditam na ciência e fazem dela a perquirição indormida da Verdade.” (SOARES 1979, p. 59).

Nos interessa tal passagem em tal publicação pois é indicativa de uma tendência. O penúltimo texto do *Primeiros Ensaios* é de especial importância para nossa pesquisa, pois trata

²⁷ Não sem atentar para suas dificuldades: “Ao começar a escrever, logo percebi, em meio á riqueza de documentos manuscritos e impressos, em meio ao produto de natureza acadêmica e de provimento de cátedra, em meio aos documentos oficiais e às notas históricas e, mais tarde, em meios ao acervo de pesquisas e de achados, que já se poderia, e mesmo se deveria, envidar esforços para publicar urna obra de fôlego sobre o passado e o presente da Psicologia no Brasil.”. (1979, p. 7-8).

exatamente do exemplo que motiva todo este estudo historiográfico: a construção da figura de Waclaw Radecki. No escrito *Radecki e a Psicologia no Brasil*, de Centofanti.

Este foi originalmente publicado na *Psicologia, Ciência e Profissão* de 1982, três anos após Antônio Rodrigues Soares clamar pelo resgate dos “bandeirantes dessa imensa empreitada” que foi a psicologia no Brasil. Acreditamos que o interesse institucional tenha fomentado uma parcela das pesquisas em história da psicologia no país, visto que a busca dos pioneiros estaria presente no texto sobre Radecki. Como é parte central de nosso estudo, analisaremos com detalhes o texto de Centofanti no próximo capítulo, partindo agora para o último escrito que resta.

Ainda haveria o último texto do *Primeiros Ensaios, Notas para uma história da Psicologia no Brasil*, de 1988, publicado por Pessoti em uma coletânea intitulada *Quem é o psicólogo brasileiro?*, editada pelo CFP. De certa forma, repete a fórmula do anterior: cita datas, fontes e nomes de importância, desta vez já reconhecendo o campo da história da psicologia no país ao citar a dissertação de mestrado de Marina Massimi, publicada em 1984, intitulada *História das Ideias Psicológicas no Brasil em obras do período colonial*²⁸.

Aqui encerramos a análise detalhada do *Primeiros Ensaios*. Como sugerimos no início desta seção, podemos supor uma certa escolha de escritos e textos diversos que, de certa forma, contribuem para uma versão da história e historiografia da psicologia no Brasil. Sobre isto, podemos chamar atenção para duas considerações iniciais.

A primeira delas é: ao longo do volume, o nome de Radecki aparece inúmeras vezes dentro dos outros textos. Na verdade, em todos os ensaios compilados pelo volume, Waclaw Radecki é mencionado ao menos uma vez. No entanto, afóra o texto de Centofanti, todas as menções são menores ou mesmo marginais. Sendo o texto de Centofanti o penúltimo do livro, tanto por organização como cronologicamente (após ele, apenas o segundo texto de Pessoti tem datação posterior a 1982), observa-se que a figura de Radecki, até então, era uma menção repetidamente realizada por conta dos ensaios do livro sempre citarem as mesmas fontes pré-regulamentação (os textos de Olinto, Cabral e Lourenço Filho).

²⁸ Junto com sua tese de doutorado, estes serão a base do livro *História da Psicologia no Brasil: do período colonial até 1934*. Fica mais clara a ideia da “idade de ouro”, pois na década de 1980 os escritos em história da psicologia já resgatam suas raízes, tentam promover narrativas e caminham para publicações que consolidarão a periodização de Antunes (2006).

Ou seja, a menção de Radecki era marginal, sem maiores detalhes ou dotações de importância. Isso é importante para demonstrar que o texto de Centofanti foi responsável por alçar a figura de Radecki a um lugar de visibilidade na história da psicologia: antes desse escrito, Radecki era apenas mais um personagem, sem maior importância específica. No próximo capítulo, ao analisarmos seu texto, mostraremos as menções diversas ao longo do *Primeiros Ensaio* e como estas menções foram se transformando após a publicação de 1982.

A segunda coisa importante que devemos chamar a atenção é o surgimento, na década de 80, de textos que este grupo chama “genuinamente” de história da psicologia. Os escritos de Netto e Centofanti, tidos aqui como algo próximo a “clássicos” da história da psicologia, denotariam uma nova tendência no campo da história da psicologia para os autores que aqui apresentamos. Esse dado é importante, pois, como afirmam Massimi e Brojek (1998, p. 215):

“O interesse pelo estudo histórico epistemológico da psicologia, a partir da década de 80, parece ter motivações bem diferentes das que inspiraram os trabalhos anteriormente citados. Já não se trata de “criar” uma tradição cultural que fundamente os desenvolvimentos rápidos e amplos da psicologia no país, mas da necessidade de retomar as raízes de um processo cultural que, ao presente, desvela suas facetas problemáticas e contraditórias. A própria possibilidade de chegar a um paradigma unitário da psicologia científica, bem como a dificuldade desta em responder aos desafios sociais e culturais da realidade brasileira, criou recentemente um “contexto crítico” em que a psicologia, sua identidade e função na sociedade moderna tem sido questionadas, debatidas, reformuladas. A historiografia da psicologia proporciona então perspectivas de reflexão crítica acerca do presente.”

Após a “idade de ouro”, surgem, na década de 1990, os primeiros livros que versam sobre a história da disciplina no país, advindos desse grupo. E o mais interessante é observar como estes livros vão estar de acordo com a periodização que Antunes (2006) utilizou: após o período de profissionalização (o quinto, com a lei de 1962), segue na *História das Ideias Psicológicas e da Psicologia no Brasil* justamente o período de ampliação do campo psicológico (o sexto).

No entanto, há ainda mais um fator que ajudou a fomentar as discussões da história da psicologia no Brasil. Trata-se da visita de Josef Brojek ao Brasil em 1988, o que fomentaria uma articulação de psicólogos em torno da pesquisa histórica. Nas próximas páginas, analisaremos os impactos da visita de Brojek através de sua influência para os autores aqui citados, bem como um breve exame do volume que editou junto com Marina Massimi, *Historiografia da Psicologia Moderna*. Já mencionamos este volume algumas vezes, e agora dedicaremos uma breve análise deste para compreendermos como uma certa articulação de

autores da história da psicologia brasileira com Brozek irá, de certa forma, estabilizar uma coleção de interesses historiográficos pela psicologia no país.

2.2- A “idade de ouro” e a visita de Josef Brojek

Brozek foi um psicólogo nascido na Boêmia, hoje República Tcheca. Atuou em seu país e depois em outros pela Europa até mudar-se para os Estados Unidos 1939 devido à Segunda Guerra Mundial (Massimi, Campos, 2004). Brozek foi atuante tanto em pesquisas psicológicas sobre comportamento e desnutrição como em história da psicologia, mas foi na segunda área que despontou em importância. Participou ativamente da Divisão 26 da *American Psychology Association* (APA), dedicada à história da psicologia e posteriormente foi um dos membros responsáveis pela fundação da *Cheiron*, sociedade americana de história da psicologia.

A importância de Brozek para este grupo de historiadores da psicologia brasileira pode ser percebido na passagem a seguir. Segundo Marina Massimi e Regina Campos:

“Suas visitas entre nós foram determinantes para a criação e articulação do grupo de historiadores brasileiros da psicologia, bem como para a publicação de trabalhos na área. Ele mesmo encarregou-se, em colaboração com M. Massimi, da preparação da versão brasileira da “Historiografia da Psicologia Moderna” (1998), que considerava a “jóia da coroa” (*crowning glory*) de sua colaboração com os pesquisadores brasileiros. “ (MASSIMI, CAMPOS, 2004).

É desta forma que, dez anos após sua primeira visita e após ter travado contatos com diversos pesquisadores da área, Brozek, em conjunto com Marina Massimi, publica o *Historiografia da Psicologia Moderna*, um livro editado baseado na versão original, *Historiography of Modern Psychology*, que havia escrito com Ludwig J. Pongratz.

Este livro não apenas condensa os anos em que conviveu com uma certa comunidade de historiadores da psicologia no Brasil, que estavam experimentando a auto-referida “virada historiográfica” dos anos 80, como também se torna uma das principais fontes de pesquisa acerca da historiografia na qual a história da psicologia do Brasil se inspirou. As principais tendências e direcionamentos são expressos no livro, que contém inúmeros textos metodológicos e conceituais sobre a pesquisa história em psicologia.

Nele também estarão colaborações de diferentes psicólogos que, a partir da década de 90 até os dias de hoje, são os principais nomes destes grupos da história da psicologia no Brasil, seja pelas suas publicações de textos básicos como por um certo tipo de pesquisas gerais sobre o conhecimento psicológico em solo brasileiro. Não iremos tomar este livro como uma espécie de “divisor de águas”, mas dele partir para pensar como a delimitação dessa versão de

historiografia ganhou vulto após a visita de Brozek: não por causa de alguma espécie de talento intrínseco ou esforço monumental de pesquisa, mas por trazer consigo um certo modo de pensar a historiografia da psicologia que servirá muito bem a uma certa comunidade emergente de historiadores. Aliando ao interesse institucional de resgate dos pioneiros, essa tradição e estes métodos serão, a nosso ver, o que possibilitaria que o texto de Centofanti alçasse de mero resgate histórico ao estabelecimento de um pioneiro da psicologia brasileira.

Nesta esteira, surgiram diversos volumes interessantes que, se examinados em sua cronologia, revelam aspectos interessantes da historiografia da psicologia no Brasil. Já na década de 1990, por exemplo, Marina Massimi publica em 1990 *História da Psicologia no Brasil: do período colonial até 1934*, fruto da conversão de sua dissertação de mestrado e tese de doutorado combinadas. Esse talvez não tenha sido tanto subsidiário da influência de Brozek (por ter chegado apenas em 1988), mas certamente representa o movimento que estamos tentando chamar atenção.

Em 1992, Antônio Gomes Penna publica *História da Psicologia no Rio de Janeiro*, já tendo publicado em 1987 um volume intitulado *História e Psicologia*, compilação de diversos artigos seus e com algumas reflexões sobre historiografia. Brozek tinha vindo ao Brasil por convite de Penna (Massimi, Campos, 2004), e o psicólogo estrangeiro terá um particular apreço pelo modo como Penna pensa a historiografia. Entretanto, afora o volume sobre a psicologia no Rio, Penna não tem maior incursão nos círculos de autores que estamos aqui estudando em termos de demais articulações através de Grupos de Trabalho, congressos, publicações, dentre outros.

Em 1998 temos as publicações de *A Psicologia no Brasil: Leituras História de sua Constituição*, de Mitsuko Antunes e o já citado. É importante frisar que no *Historiografia...*, já se encontram textos de Massimi, Penna e Antunes, bem como Regina Helena de Freitas Campos, outro nome deste grupo, que organizaria em 2001 o *Dicionário Biográfico da Psicologia no Brasil: Pioneiros*. É interessante perceber aqui como a emergência de textos mais gerais sobre a psicologia no Brasil, bem como todas as pesquisas menores e articulações no campo da historiografia e história da psicologia no Brasil foram aos poucos abrindo caminho para livros como o dicionário, o que demonstra uma preocupação generalizada acerca da memória da psicologia e de sua preservação, bem como de seus “pioneiros”. Esta é também uma das primeiras edições onde o *Conselho Federal de Psicologia* entra como colaborador, interessado em sua publicação.

2.3- A história da psicologia no Brasil dos anos 2000 em diante

Em 2004, mais dois importantes volumes denotam a importância da história da psicologia dada pelos próprios historiadores, voltados à construção de uma história para a disciplina: *História da Psicologia no Brasil: Novos Estudos*, organizado por Marina Massimi e Maria do Carmo Guedes, compilando diversos estudos recentes no campo; por fim e talvez o mais emblemático, o já citado *História da Psicologia no Brasil: Primeiros Ensaio*s, de 2004, organizado por Mitsuko Antunes e sendo outra publicação fomentada pelo *Conselho Federal de Psicologia*. Neste caso, a história da psicologia no Brasil é fomentada pelo conselho maior da profissão, e a preocupação com o passado e com a legitimação da disciplina do país é marca destes livros, preocupados em esclarecer passagens obscuras da história e trazer à tona novos “pioneiros” e instituições.

Instituições que, por sinal, ganham um volume próprio: em 2007 também é editado *Instituições e Psicologia no Brasil*, organizado por Regina Helena de Freitas Campos e Rita de Cássia Vieira. Em 2011, outro volume cobriria a importância e o valor das instituições para a história da psicologia no Brasil: Ana Maria Jacó-Vilella organiza a edição do *Dicionário Histórico de Instituições de Psicologia no Brasil*, novamente com o incentivo do Conselho Federal de Psicologia. Por fim, um último livro recente em termos de cobrir os avanços no campo da história da psicologia no Brasil é o *História da Psicologia e Contexto Sociocultural: Pesquisas Contemporâneas, Novas Abordagens* (2012), organizado por Regina Helena de Freitas Campos, Érika Lourenço e Rita Maria de Assis, organizado pelo *Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff* (CDPHA).

Essa pequena retomada da história da história da psicologia no Brasil pretendeu, como anteriormente mencionamos, se manter nos livros e publicações afins, por demonstrarem melhor as consequências das agitações e inovações no campo desta versão da história por serem comumente o destino final dos resultados das pesquisas. O mesmo estudo poderia ser realizado com anais de congressos, publicações em periódicos e demais grupos de pesquisa. Haveria ainda a possibilidade de se estudar a história do grupo de trabalho de História da Psicologia da *Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia* (ANPEPP), local de encontro de muitos destes historiadores, mas, para os fins de traçarmos as tendências da história da psicologia no Brasil, fazemos essa breve retomada.

Levantados alguns textos desse grupo, iremos agora realizar o exame e estudo dos escritos que versam sobre historiografia e sobre a escrita da história. Começaremos pelo

Historiografia da Psicologia Moderna, por conter orientações que seriam replicadas em vários volumes aqui citados, e também poder este volume propor-se como básico para qualquer estudante e pesquisador interessado em história da psicologia (1998, p.10). Do exame dele, partiremos para os textos “avulsos” contidos nos volumes aqui citados, de modo a tentar estabelecer uma rede de relações mais ou menos estável entre as orientações que estariam presentes nos escritos desse grupo de autores.

2.4- *Algumas características historiográficas*

2.4.1- *Historiografia da Psicologia Moderna*

Este volume é especialmente interessante pois se divide em quatro partes de modo a abordar a historiografia da história da psicologia. A primeira parte, *Prolegomena*, contém textos básicos de diversos autores introduzindo problemas e conceitos em historiografia e história das ciências. A segunda parte trata da historiografia da psicologia no mundo, contendo dois textos sobre a situação do Brasil. A terceira parte trata de arquivos para a pesquisa histórica e a última parte foca-se em elencar abordagens de pesquisa em história da psicologia.

O livro se baseia fortemente num foco da história da psicologia através da história das ciências. Ficará clara na exposição a seguir a intenção dos diversos autores em situar o campo da história da psicologia dentro das discussões e debates da historiografia das ciências, campo que passamos em revista brevemente na sessão anterior. Essa tomada de um projeto via história das ciências é tanto o motivo pelo qual nos amparamos nas reflexões da sessão anterior como o ponto de chegada para nossas considerações.

Basicamente, tentaremos responder a pergunta: em qual versão de história da ciência este grupo de historiadores se baseia? Se formos capazes de traçar os indícios de uma resposta mais ou menos concreta, já teremos capacidade de avançar no estudo. No entanto, a resposta é mais complexa pois nem toda historiografia irá se assumir dentro de tal ou qual modelo. Por isso, iremos tentar inferir os aspectos a partir das metodologias, valores e intenções visados por estes historiadores com a escrita da história.

Entretanto, por ser um livro denso, precisaremos focar nossos esforços. Para tanto, comentaremos apenas os escritos de autores brasileiros: a saber, textos de Regina Helena de Freitas Campos, Antônio Gomes Penna, Marima Massimi e Mitsuko Antunes. Os outros escritos ou são gerais ou tratam da história da psicologia de outros países, fugindo do escopo do nosso trabalho até agora.

Logo na introdução do livro, encontramos um breve texto de Regina Helena de Freitas Campos, *Introdução à historiografia da psicologia*. Chama a atenção o foco dado à questão documental: Campos evoca a figura de Josef Brozek e disserta sobre a importância de seus debates, cursos e ideias acerca da historiografia da psicologia:

“Para ele, ao empreender a reconstrução do passado, o historiador identifica vestígios para poder coletá-los, organizá-los, avalia-los e interpretá-los. Como não se pode registrar todos os acontecimentos, é indispensável a escolha das fontes relevantes para o estudo aprofundado. A arte do historiador manifesta-se precisamente neste processo de identificação das fontes apropriadas para a reconstituição e a interpretação históricas, essência da historiografia. Por outro lado, apenas a crônica dos acontecimentos não é suficiente para fazer história. É preciso saber distinguir indícios significativos, interpretando-os a partir de uma hipótese que poderá vir a ser comprovada ou rejeitada à luz da evidência disponível. Nessa perspectiva, a reconstrução historiográfica, para Brozek, tem um sabor popperiano: é preciso levantar uma questão ao passado, e buscar responde-la, mesmo que seja pela negativa.” (CAMPOS, 1998, p. 15).

Esta passagem levanta dois pontos importantes: um, já citado, que é a importância da figura de Brozek para a história da psicologia no Brasil, e outro, que se revela agora: o uso da história a partir da “reconstrução historiográfica”. O “sabor popperiano” é, ao nosso ver, um indicativo do tipo de história praticada por Brozek e que será, de certa forma, passada adiante através do livro.

Para Campos (1998)²⁹ “O historiador, assim, tendo por ofício a elaboração historiográfica, busca coletar, catalogar e descrever os acontecimentos, para, somente então, interpretá-los.”. E propõe que, para a história da psicologia, existiriam cinco abordagens: Biográfica, Descritiva e Analítica, Quantitativa, Social e Psicossocial (1998)³⁰. Não nos aprofundaremos nelas, mas já começam a se delinear algumas tensões no campo da história da ciência: a saber, a divisão internalidade/externalidade da narrativa. A divisão entre a narrativa de cunho interno (focada nas ideias e nas teorias científicas) entra em alguns conflitos com as abordagens que buscam a compreensão do campo de modo mais conectado com a sociedade e o “mundo lá fora” (foco nas condições socioeconômicas e nos momentos históricos).

O resto do texto trata da contribuição de Brozek à história da psicologia e da importância, tida por Campos como “inestimável” (1998p. 18)³¹. No entanto, nos chama a atenção a seguinte passagem:

²⁹ Op. Cit. p. 15.

³⁰ Op. Cit. p. 16.

³¹ Op. Cit. p. 18.

“Ou seja, a historiografia da psicologia trata do desenvolvimento da consciência humana sobre a extraordinária riqueza e diversidade da experiência concreta. É fascinante por focalizar precisamente a história da consciência do ser humano sobre si mesmo, sobre sua própria essência.” (CAMPOS, 1998, p. 19).

Eis uma passagem que confunde um pouco o leitor. A historiografia, antes tida como o ofício do historiador, em um sentido mais técnico, agora ganha uma coloração diferente, quase essencialista. Em termos de história das ciências, ficaria ainda mais confuso se levarmos em consideração a divisão entre os níveis da atividade científica: aqui a autora parece estar falando mais da história da psicologia (história da atividade científica que estuda a consciência humana) do que a historiografia da psicologia (história dos modos e métodos de se historiografar o campo específico da psicologia enquanto ciência).

Ainda nos *Prolegomena*, é possível se encontrar um escrito de Antônio Gomes Penna, intitulado *A presença do pensamento filosófico na psicologia contemporânea*. Ainda que seja um autor brasileiro, Penna pouco teve incursão em círculos como o grupo de trabalho em História da Psicologia da ANPEPP ou associações com publicações financiadas pelo *Conselho Federal da Psicologia*.

Era um autor algo autônomo, mas que, provavelmente pelo reconhecimento de Brozek, figurou com um escrito na organização do livro. Brozek, inclusive, dedica uma análise aos escritos de Penna em um texto intitulado *A história da psicologia no Brasil visitada por Josek Brozek*, uma união de dois textos menores do autor publicados fora do Brasil³². O texto de Penna não trata da história da psicologia no Brasil, então não analisaremos ele aqui.

O próximo texto de brasileiros no livro está na segunda parte, *Historiografia da psicologia no mundo*, e é intitulado *Historiografia da Psicologia no Brasil*, de Massimi e Brozek. Trata-se de um breve escrito que tenta dar conta do que fora produzido em história da psicologia no Brasil até o início da década de 1990, época em que o volume fora publicado. É, inclusive, neste escrito que nos amparamos para começar a organização desta seção: aqui, Massimi e Brozek estabelecem que a década de 1980 foi prolífica para o campo da história da psicologia brasileira. Neste texto, podemos observar uma tentativa de criar um panorama da produção no país, de modo a iniciar em um volume de 1912 de Raimundo Farias Brito, *A base física do espírito*, até a época da publicação do *Historiografia da Psicologia Moderna*.

³² São eles: *Recentes desenvolvimentos na historiografia da psicologia no Brasil e Brasileira: o final da década de 80*.

Chama a atenção, entretanto, os escritos comentados ao longo do breve capítulo de pouco mais de quatro páginas. Muitos autores são citados, mas é interessante apontar que todos os autores que figuram no *Primeiros Ensaio*s estão aqui citados como importantes: Plínio Olinto, Annita Cabral, Lourenço Filho, Isaías Pessoti, Samuel Pfromm Netto e Rogério Centofanti. Aqui, o exame *Primeiros Ensaio*s no início do capítulo aparece como estratégia de análise: em 2004 se edita uma seleção de textos que, pelo menos desde a década de 1990, já se entendiam, por este grupo de autores, como principais para o campo da história da psicologia no país. Acreditamos que, muito provavelmente, a articulação destes autores com Brozek ajudou na estabilização desta versão da historiografia brasileira da psicologia.

Por isso escolhemos iniciar pelo exame do *Primeiros Ensaio*s: nele, podemos ver como a escolha de autores foi cuidadosa. No capítulo de Massimi e Brozek aparecem inúmeros outros autores, mas de todos os citados, apenas oito foram escolhidos como os primeiros ensaios de importância para a psicologia brasileira. Independente de um julgamento positivo ou negativo, acreditamos que esta escolha se configura como uma operação histórica nas narrativas históricas da psicologia brasileira. E, fechando a análise deste capítulo, temos uma passagem interessante para nosso estudo:

“Assim, as tendências metodológicas dominantes na historiografia da psicologia no Brasil são, atualmente, diversas: Em primeiro lugar, há uma historiografia internalista (Penna), buscando reconstruir o desenvolvimento histórico das teorias e métodos psicológicos a partir da lógica interna à ciência psicológica como tal. Há também uma histórica cultural da psicologia, visando individualizar as raízes do pensamento psicológico no âmbito da cultura (Figueiredo, 1994; Massimi, 1985, 1995). Nesse mesmo sentido, já citamos também a abordagem da história conceitual de Pessoti (1979, 1984, 1994, 1996). Muito importante, também, é compreender a contribuição dos historiadores externalistas, ou da história social, procurando compreender as relações entre conhecimento e práticas psicológicas e processos e transformações sociais e políticas (Antunes, 1989; Campos, 1989).” (MASSIMI E BROZEK, 1998, p. 217).

Excluindo os trabalhos de Luis Claudio Figueiredo e Isaías Pessoti ali citados, pois não tratam exatamente de história da psicologia brasileira³³, notamos como a autora estabelece as “tendências dominantes” no campo. Isso nos servirá, pois, como veremos, na década de 1990 Marina Massimi e Mitsuko Antunes irão lançar cada uma um volume sobre a história da

³³ Pessoti trabalha com uma história de conceitos (Massimi e Brojek, 1998, p. 215), enquanto Figueiredo escreve sobre o desenvolvimento histórico da psicologia em linhas mais gerais, sem privilegiar o Brasil (Figueiredo e De Santi, 2014, pp. 9-10).

psicologia no Brasil, algo relacionado a estas tendências e reforçando a versão por eles privilegiada de uma historiografia da psicologia brasileira.

Caberia mencionar, ainda, o texto *A história da psicologia no Brasil visitada por Josef Brozek* mais uma vez, pois é neste escrito que o autor estabelece a ideia da “década de ouro” da história da psicologia no Brasil. É um texto interessante pois o autor estabelece diversas personalidades e instituições de importância, bem como seminários e encontros de discussão sobre a história da psicologia na América Latina e, especialmente, no Brasil. Nos interessa a menção à monografia de Marina Massimi (BROZEK, 1998, pp. 231-234), *História da Psicologia no Brasil: do período colonial a 1934* (1990). Esta será analisada na próxima seção deste capítulo.

Há um capítulo de Mitsuko Antunes na última parte do livro, intitulado *Algumas reflexões acerca dos fundamentos da abordagem social em história da psicologia*. Sobre as intenções, diz a autora que a historiografia já se utilizara de uma abordagem social, mas que esta ainda não era visível no campo da história da psicologia:

“Entretanto, vale reiterar que a história da psicologia, e particularmente a história da psicologia no Brasil, carece de estudos que procurem compreendê-la enquanto produção social articulada ao movimento histórico global da sociedade, e foi com base nessa constatação e no reconhecimento desta necessidade que o presente artigo procurou lograr sua contribuição.” (ANTUNES, 1998, p. 374).

Este capítulo nos serve pois, já no *Historiografia da Psicologia Moderna*, a presença de Antunes indica sua articulação com Massimi, Campos e Brozek. Sobretudo, tal abordagem social em história da psicologia irá aparecer em seu livro *A Psicologia no Brasil: Leituras Históricas de sua Constituição* (1998).

Encerramos aqui a análise da Historiografia da Psicologia Moderna. Com o intuito de continuar com a análise desta versão da história e historiografia da psicologia no Brasil, caberá ainda um exame dos livros acima citados de Massimi e Antunes. Não só são as primeiras tentativas de narrativas mais gerais sobre a história da psicologia do Brasil dentro desta versão como também serão a base do que Antunes irá intitular a *História das Ideias Psicológicas e Psicologia do Brasil* no artigo que citamos de 2006³⁴.

³⁴ Infelizmente, para o escopo deste trabalho, não temos indícios de que a autora sugira um projeto maior ou mesmo um modelo de explicação da história da psicologia no país. Entretanto, o nome soa, a princípio como uma espécie de união de seu trabalho com o de Marina Massimi. Não apostaremos na hipótese de uma narrativa total unindo os dois trabalhos, mas acreditamos haver este ponto de articulação que tentamos estabelecer neste capítulo.

2.4.2- História da psicologia no Brasil: do período colonial até 1934

Um nome de importância que já citamos à exaustão é Marina Massimi, que publicou seu *História da Psicologia no Brasil: do Período Colonial até 1934* em 1990. Sendo um empreendimento que remonta desde as comunidades indígenas do Brasil colonial até o início do século XX uma série de indícios de “ideias psicológicas”, pré-condições para a fundação da disciplina como tal nos dias de hoje. Este será o principal mote de seus estudos e suas narrativas sobre a história da psicologia no Brasil, e, ao defender a importância do estudo histórico, Massimi alega:

“Além disso, o desconhecimento da psicologia brasileira com relação às próprias origens tem razões em uma abordagem metodológica característica do positivismo radical, que inspirou a historiografia da psicologia tradicional, pelo menos até os anos 60. Ao desvalorizar a contribuição da cultura pré-científica à evolução do conhecimento humano, essa corrente restringe a história da psicologia ao desenvolvimento da psicologia científica dos últimos séculos. A exclusão do domínio historiográfico dos conhecimentos psicológicos difundidos no seio das diferentes tradições culturais e julgados não relevantes implica a renúncia à memória das raízes dessa disciplina presente em tais tradições e o esquecimento das questões originais que determinaram seu surgimento, ou favoreceram a sua influência e seu desenvolvimento em específicos ambientes culturais. Outra consequência é a redução da psicologia à apenas a psicologia europeia e norte-americana, revestidas de uma pretensa universalidade.” (MASSIMI, 1990, p. 2-3).

Esta é uma passagem estimulante para o debate historiográfico. Se por um lado o positivismo radical da psicologia científica do início do século XX implicou no abandono de certa parte da memória da psicologia no país em prol da promoção de uma história da psicologia científica, segundo Massimi, e que portanto a pesquisa histórica deva retomar estes conteúdos abandonados. Por outro lado, o uso das “ideias psicológicas” para explicar a fundamentação da psicologia em solo brasileiro soa um tanto quanto presentista. O apelo para a existência de conteúdos prévios na sociedade brasileira de modo a explicar o estabelecimento de uma ciência psicológica soa um pouco teleológico a princípio.

Qual seria o uso, então, da ideia de “ideias psicológicas” para uma historiografia crítica da psicologia? A princípio, o que seria uma maneira interessante de traçar como uma cultura toda herdada de tradições filosóficas vindas da Europa pelos colonizadores através da figura dos padres e seus tratados de teologia, moral e posteriormente filosofia fundamentaram uma “mentalidade” brasileira torna-se uma forma de explicar por que temos psicologia no Brasil – e para isso usando conhecimentos psicológicos desde os índios e jesuítas. Fomentamos,

portanto, o debate do uso das “ideias psicológicas” na história da psicologia: a quem serve, e para o que servem?

Outro texto mais recente de Massimi trata de uma conceituação mais aprofundada do tema. Intitulado *A construção da psicologia (saberes e ciências psicológicas) na cultura brasileira: Uma perspectiva histórica*, Massimi tenta definir a linha de pesquisa “história dos saberes psicológicos na cultura brasileira”³⁵.

A ideia geral é de levantar, a partir de diversas fontes historiográficas e de diversos gêneros, reconstruir os saberes e conhecimentos psicológicos no Brasil que foram responsáveis pela construção do espaço que viria a ser ocupado pela psicologia atualmente. Seguem as palavras da autora:

“Nesse domínio, coloca-se a história dos saberes psicológicos, tendo por objeto aspectos de visão de mundo de uma cultura, relacionados a conceitos e práticas psicológicas. A definição de psicológico deve ser tomada como uma categoria convencional e provisória, a ser substituída no decorrer da pesquisa pela terminologia e pela demarcação de campo, próprias dos específicos universos socioculturais abordados. Na cultura brasileira, destacam-se, como vimos, diferentes sujeitos culturais protagonistas da história dos saberes psicológicos, nos diferentes períodos históricos. ” (MASSIMI, 2012, p. 58).

O trabalho da autora é notável em termos de pesquisa e de fontes: os gêneros são os mais diversos, indo de cartas e missivas dos padres jesuítas a tratados de teologia moral, oratória, livros de filosofia, catálogos e informes, peças de ficção e poética de diversos períodos históricos etc. Todo o tipo de fonte passível de ser consultada foi arregimentada pela autora para esta linha de pesquisa.

No entanto, mantemos a pergunta: qual o sentido de uma “história dos saberes psicológicos”? Ao supor um saber (ou saberes) psicológico(s) desde a colonização, não seria supor uma certa categoria trans-histórica no âmbito da psicologia? Diversos estudos na história nos mostram como os tempos históricos diferentes são detentores de categorias históricas diferentes e diferentes formas de ver e conceber o mundo. Isto Massimi reconhece e inclusive cita na passagem acima, mas seria algo mais radical: não se trata apenas de um sujeito de outro tempo histórico que tem um “saber psicológico”, mas um sujeito de outro tempo histórico que

³⁵ Apontamos a expansão do tema, de apenas “história das ideias psicológicas” para uma “história dos saberes, práticas e ideias psicológicas”. Apontamos, ainda, que, durante a escrita deste trabalho, houve o anúncio da publicação de um novo volume da autora, intitulado “Saberes psicológicos no Brasil: história, psicologia e cultura”. É possível que haja avanços nesses estudos, então adiantamos que nossa análise já é algo limitada tendo em vista este novo volume.

se relaciona consigo e com o mundo sem uma certa categoria de “psicológico” que já é nossa e detectável historicamente a partir de um certo período.

Como exemplo, citamos o trabalho de Michel Foucault no livro *A Hermenêutica do Sujeito* (1982), onde Foucault demonstra como diferentes técnicas de si (exercícios, meditações etc) mudaram da antiguidade pagã para o cristianismo primitivo, e como estes exercícios ajudaram a fomentar uma relação com a verdade sem a qual saberes como a Psicologia talvez não fossem possíveis. Não se trataria, nessa concepção de história, de buscar as “técnicas psicológicas” que antecipariam, de algum modo, a psicologia. Parece-nos ser mais interessante, segundo nossos critérios de história e historiografia, que estes estudos serviriam mais para compreender quais técnicas, saberes e práticas fomentaram a experiência de um sujeito que pode ser “psicologizado”. Em outras palavras, historicizar as “ideias/práticas/saberes psicológicos” e lhes retirar o adjetivo “psicológico”, tomando-as como *condição de possibilidade* desse adjetivo.

2.4.3 – A Psicologia no Brasil: Leitura Histórica de sua constituição

Outra autora de importância é Mitsuko Antunes. Figurando no *Historiografia da Psicologia Moderna* defendendo a “abordagem social” na história da psicologia, tem seu livro *A psicologia no Brasil: Leitura histórica de sua constituição* como um bom exemplo de foco na autonomização da psicologia enquanto ciência. Seguem as palavras da autora:

“Buscou-se compreender como a psicologia conquistou seu espaço próprio como área de conhecimento e campo de práticas no Brasil, atingindo sua autonomia e reconhecimento como ciência específica, em consequência da produção de ideias e práticas psicológicas no interior de outras áreas do saber. Assim, o foco dessa obra incide de maneira mais privilegiada no período que vai da última década do século XIX à terceira década do século XX, período de grandes transformações sociais, econômicas e políticas no Brasil e, particularmente, de significativa produção cultural.” (ANTUNES, 1998, p. 10).

Partindo de três grandes eixos para explicar a autonomização da psicologia no Brasil, teremos as práticas da psicologia nas instituições médicas, instituições educacionais e na organização do trabalho. O foco nas instituições não é à toa, pois, com elas, a autora enxerga um aumento nas práticas psicológicas, o que aos poucos levou à autonomização da psicologia no Brasil que lentamente desvinculou-se das áreas onde outrora habitava como disciplina “auxiliar”. Sobre o pensamento psicológico em outras áreas do saber:

“Por outro lado, embora dependente [das áreas de saberes médicos e educacionais], foi essa produção que se constituiu na base sobre a qual foi possível a psicologia desenvolver-se no

período subsequente. Tendo sido por esse meio que a preocupação com os fenômenos psicológicos obteve tal grau de desenvolvimento que preparou o terreno, a partir do incremento de seus estudos, para que a psicologia conquistasse as condições para se tornar autônoma e com um grau de desenvolvimento que a tornava preparada para aqui ser incorporada na condição de ciência, tal como vinha ocorrendo na Europa e nos Estados Unidos, principalmente. “ (ANTUNES, 1998, p. 104.)

A autora comenta, então, como essa psicologia na emergência de tornar-se ciência foi aos poucos beneficiando-se das instituições que a abrigavam: nos asilos e hospitais psiquiátricos, onde começou a diferir-se da psiquiatria (no entanto colaborando com ela na psicopatologia) pelos laboratórios (p. 104-105); e nas escolas e instituições de ensino, onde era chamada a contribuir por ser ciência emergente (p. 107). A autora inclusive aponta como essa psicologia exercida dentro das instituições educacionais foi a base para a ampliação da mesma para outras áreas, como o trabalho e a psicoterapia (p. 109).

Apesar do foco nas práticas ser declarado pela autora, em certos sentidos a prática da psicologia aparenta ser um tanto quanto dependente das ideias. Reconhece-se a importância do contexto social, mas sempre amparado numa ideia de contexto social que “influencia” a prática psicológica. Não há um aprofundamento em como o contexto social poderia vir a moldar uma determinada prática psicológica de forma mais elaborada: a psicologia encontrou seu lugar nos asilos e ali foi praticada até sua importância fazê-la separar-se naturalmente; ao mesmo tempo, na educação, a mera prática da psicologia a fez expandir suas aplicações para áreas que antes mal existiam como campo de atuação. Tais práticas amparadas na figura de pioneiros, em instituições que propagavam suas ideias inovadoras a um país que clamava por progresso. Segundo a autora:

“Esse é, em síntese, o quadro histórico hoje possível da psicologia no Brasil, nesse período em que por caminhos diversos e processos diferentes, esta ciência conquistou espaço próprio como área de conhecimento e área de ação, concomitantemente e diretamente relacionado à penetração de teorias, modelos de atuação e técnicas da psicologia, já na condição de ciência autônoma tal como concebida na Europa e nos Estados Unidos. Esse processo foi determinado por fatores presentes na sociedade brasileira, os quais constituíram-se como condições necessárias para que tal desenvolvimento pudesse ocorrer. Entretanto, esse conjunto de determinantes não foi o único, nem ocorreu de forma isolada, pois a evolução geral da psicologia na Europa e nos Estados Unidos constituiu-se como elemento fundamental para que, integrando-se aos fatores locais, pudessem orgânica e conjuntamente gerar as condições que possibilitaram à psicologia efetivar-se como ciência e prática no cenário social brasileiro.” (ANTUNES, 1998, pp. 112 – 113).

Muito parecido com as conclusões de Massimi, as de Antunes também soam um pouco presentistas. Praticamente temos justificada a trajetória da psicologia, sem nenhuma menção maior a descaminhos ou mesmo a contextos que poderiam ter impedido a fundamentação da psicologia como é hoje em dia. O problema não reside necessariamente na falta de descaminhos apresentados, mas na aparente tranquilidade com a qual a história da psicologia fluiu – dentro das instituições, pelas mãos dos pioneiros e através das ideias psicológicas trans-históricas – desde uma prática auxiliar até os dias de hoje. Essa narrativa não invalida as contribuições da autora, claramente interessantes no que tange as condições sociais do país e a psicologia na virada do século XIX para o XX, mas faz parecer que o caminho, de certa forma, já estava aí, bastavam serem cumpridas algumas exigências. Uma condução demasiado tranquila.

2.5- *Considerações Finais*

Tentamos, ao longo deste capítulo, levantar algumas indicações do que consideramos ser uma certa versão da história e da historiografia da psicologia no Brasil. A partir do volume *Primeiros Ensaios*, começamos a detectar uma série de escolhas textuais e de autores que favoreceriam uma certa narrativa direcionada à valores e concepções de uma história da psicologia no Brasil: neste livro, observamos o foco na formação profissional, na institucionalização da psicologia através do ensino e da pesquisa e, por fim, um certo foco nos “pioneiros da profissão”.

Desde personagem da época pré-1960 até a época da regulamentação da profissão, a escolha dos escritos favoreceu uma condução progressiva do desenvolvimento histórico da disciplina da psicologia: desde a “fase heroica”, como nomeou Lourenço Filho, até a regulamentação da profissão. Desta fase em diante, a escolha dos textos favoreceu o que depois será considerada a “idade de ouro”, ou, como irá ser reconhecida depois, “Movimento da historiografia da psicologia no Brasil” (ANTUNES, 2004, p. 7). Sobretudo, no mesmo volume, a autora reconhecerá que o crescimento da história da psicologia no país se deve a alguns fatores de destaque: ao versar sobre as publicações da área nos últimos anos, diz:

“Destaque deve ser dado ao Grupo de Trabalho de História da Psicologia da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia (ANPEPP0, criado em 1996, com a presença de seis membros (Campos, Massimi, Guedes, Gomes e Antunes, com a prestigiosa presença de Josef Brozek) e contando hoje com mais de 20 pesquisadores.” (ANTUNES, 2004, p. 8).

À exceção de Maria do Carmo Guedes e William Gomes³⁶, tratamos neste capítulo de quatro dos seis fundadores do GT de História da Psicologia da ANPPEP. Cremos, portanto, que temos alguma delimitação mínima da versão da história e historiografia da psicologia por este grupo proposta.

Esta delimitação da história e da historiografia da psicologia nos serve como forma de articular a inserção do texto de Rogério Centofanti nesta versão de narrativa histórica da psicologia no país. Sendo o texto um resgate histórico de uma figura hoje dotada de importância, essa contextualização nos servirá para perceber que após a publicação do texto de 1982, a consolidação desta versão da história da psicologia favorecerá o resgate do escrito de Rogério Centofanti, subseqüentemente sendo usado para articular a figura de Radecki como um pioneiro da história da psicologia no país.

Inclusive, é possível perceber como a noção de que os escritos dos *Primeiros Ensaios* constituem uma forma de retificar essa versão da história e historiografia da psicologia do Brasil quando personagens como William Gomes atribuem a fundação do Grupo de Trabalho em História da Psicologia aos estudos deste volume e à figura de Brozek: Em entrevista ao Blog da rede IberoAmericana de Psicologia, Gomes narra algumas das motivações para a criação do GT de História da Psicologia:

“O interesse e estudo sobre a história da psicologia no Brasil nos acompanha desde os meados do século XX, como mostram os escritos de Plínio Olinto em 1934, Anita Cabral em 1950, Lourenço Filho em 1955, Pfromm Netto em 1979, Rogério Centofanti de 1982, mais os estudos de Isaias Pessotti e de Antonio Gomes Penna. Então já havia se firmado entre nós uma tradição de estudos em História da Psicologia. Acredito que a concretização de um Grupo de Trabalho no tema deve-se a essa tradição e à nova configuração que a pós-graduação assumia no Brasil. Um dos frutos foi a criação da ANPEPP no início dos anos 1980, cujo I Simpósio foi em 1988, na cidade pernambucana de Caruaru. Tive o privilégio de participar deste memorável evento sob a liderança de Analucia Dias Schlieman e Aroldo Rodrigues. Acredito que a organização do GT consolidou esse movimento em História da Psicologia. Em torno desta consolidação eu destacaria o trabalho que Maria do Carmo Guedes vinha realizando na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), um exemplo foi a organização da “História da Psicologia” em 1986 publicado pela EDUC. No ano seguinte, Regina Helena de Freitas Campos, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) aparece com trabalho nos Anais do Seminário Nacional de História da Psicologia realizado no Rio de Janeiro. No final da década, 1989, Marina

³⁶Ambos tem uma atuação mais antiga na psicologia do país: tanto Gomes (2003) como Guedes (2009) são professores responsáveis por organizar publicações e formar alunos na área de história da psicologia, uma participação ativa, mas algo tangencial, diferente das produções de Campos, Massimi e Antunes que aqui levantamos.

Massimi, sob orientação de Isaias Pessotti, nos brinda com a tese “O ensino da Psicologia em instituições escolares brasileiras no século XIX” defendida na Universidade de São Paulo (USP). A primeira reunião do GT no VI Simpósio da ANPEPP em Teresópolis, em 1996, contou com a participação entusiasmada e musical do professor e historiador Josef Brožek (1913-2002). Brožek com seu violão, anedotas e muita historiografia nos empolgou bastante. Eu na época participava de outro GT, embora já lecionasse e escrevesse sobre história da psicologia. Assim não resisti à energia e vitalidade daquele grupo e acabei colaborando com a primeira publicação do GT, organizada pela Regina com contribuições de Brožek, Marina, Maria do Carmo, Mitsuko Antunes, nossa querida “Mimi” (PUCSP), Raul Albino Pacheco Filho (PUCSP), e Erlaine Laponez Guerra (UFMG). No VII Simpósio em Gramado RS passamos a contar com a colaboração perspicaz de Ana Maria Jacó-Vilela, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e no VIII Simpósio em Serra Negra com a presença simpática da baiana Nádia M. Rocha Dourado (Fundação Rui Barbosa). No meu juízo, o núcleo duro do GT foi constituído por esses colegas: Maria do Carmo, Regina, Marina, Mimi, Ana-Jacó, Nádia e esse humilde entrevistado.” (GOMES, 2012).

Tal citação serve para encerrar este capítulo. Partimos, agora, para o exame do texto de 1982, de Rogério Centofanti, tido várias vezes como um ensaio de extrema importância, e nele poderemos perceber como a figura de Waclaw Radecki será lida, interpretada, usada e reutilizada ao sabor de uma proposta de historiografia que busca esse tipo de produção: pioneirismos, instituições, ideias e linhagens históricas para explicar a atual psicologia do país.

3- “Radecki e a Psicologia no Brasil” – A operação histórica

O intuito deste capítulo é tentar mostrar como a tomada de Radecki em 1982 constituiu numa reconstrução do personagem que, pelos anos seguintes, seria continuamente reforçada e apropriada por uma narrativa que culminaria na celebração de monumentos da história da psicologia no país: os pioneiros, as instituições e as ideias. Radecki, através desse artigo de 1982, constituirá uma narrativa de pioneirismo que não só servirá a outros historiadores como também será considerada uma das primeiras narrativas históricas da psicologia no Brasil.

Algo que levantamos no capítulo anterior que também serve na análise deste texto é uma certa conotação de presentismo em algumas narrativas dentro desta versão de historiografia que já levantamos: algumas vezes, questões, problemas e personagens do passado serão levantados de modo a suprir narrativas correntes e atuais, e o personagem de Radecki será algo vítima de tal presentismo. Por agora, daremos um panorama do texto de Centofanti.

3.1 - Radecki e a Psicologia no Brasil

Publicado na revista *Psicologia: Ciência e Profissão* em 1982, o artigo de Rogério Centofanti se foca em dois principais eixos: o Laboratório de Psicologia da Colônia de Psicopatas do Engenho de Dentro, fundado em 1924 e convertido em Instituto de Psicologia em 1932, e a reconstituição da *Biografia* de Waclaw Radecki, focando em seus contatos e nos trabalhos por ele produzidos (Resumo, 1982). À exceção do resumo e dos agradecimentos, o artigo republicado em forma de capítulo de livro em 2004 é idêntico e segue a mesma linha.

Para a narrativa, o autor arregimenta três tipos de fontes que nos são de interesse: o relato de pessoas contemporâneas de Radecki (desde os trabalhos de Anita Cabral, Lourenço Filho e Plínio Olinto, que aqui já comentamos, até uma entrevista com Jayme Grabois, assistente de laboratório e aluno de Radecki, e o *Necrológio* escrito por Nilton Campos, seu outro assistente), uma *Biografia* (publicada na Hoja de Psicologia nº 12, boletim organizado por Radecki no Uruguai e cujo volume foi dedicado à ele, na ocasião de seu falecimento) e os trabalhos publicados pelo polonês (*Trabalhos de Psychologia Volumes I e II* e artigos avulsos publicados no Brasil).

O relato de contemporâneos nos interessa por estes revelarem minúcias e detalhes perdidos pela história da psicologia. Detalham, de modo sutil, a convivência de Radecki com seus pares psicólogos e interessados, e em alguns casos contribuem para uma certa compreensão do polonês que escapa da glorificação que sofrerá nos anos vindouros. Para isto, iremos articular

um exame de algumas destas publicações de modo a comparar sua impressão à época e sua impressão deixada nos livros de história da psicologia.

A *Biografia* é de particular interesse pois, novamente, sendo fruto de uma produção da época em que Radecki estava vivo, podemos utilizar esta para a comparação entre duas maneiras distintas de trabalhar o mesmo personagem, e nos será interessante para delimitar a operação histórica exercida sobre o personagem.

Por fim, os trabalhos publicados no Rio de Janeiro nos servem para exame pois, apartado da glorificação de Radecki como pioneiro da psicologia no Brasil, jaz ainda o mistério de seu sistema psicológico, o *Discriminacionismo Afetivo*. Este, deixado de lado por muitos comentadores, foi retomado em 2003 por Centofanti, numa tentativa de lhe dar uma intelegibilidade.

3.2- Um breve histórico de Waclaw Radecki

Seguindo com o texto de 1982, daremos um panorama da história de Radecki no Brasil e qual a sua importância. Não nos aprofundaremos nos detalhes pois se trata de um trabalho mais minucioso de historiador, e por agora queremos apenas apresentar alguns detalhes na descrição do personagem, por Centofanti, para que possamos situá-lo.

Waclaw Radecki nasceu em 1887 na cidade de Varsóvia no dia 27 de outubro, era filho de José Wenceslao Radecki e Alexandra Edwiges Siekierz. Seu pai morreu antes de seu nascimento, cabendo à mãe lhe cuidar. Uma peculiaridade foi que seu nascimento se deu na época onde a Polônia estava sob ocupação Russa, que marcaria sua educação como criança e adolescente polonês vigiado pela polícia do czar (2004, p. 180). Entre idas e vindas pela Europa, de 1907 a 1910 se inscreveria em diversas universidades (*Faculdade de Ciências em Florença, Universidade de Cracóvia, Faculdade de Ciências Naturais de Genebra*). Em 1908, em Genebra, começaria a estudar com Edouard Claparède, e em 1910 se tornaria assistente de seu laboratório. Em 1911, obtém título de doutor com a tese *Estudos sobre os Fenômenos Psicoelétricos*.

Voltaria à Polônia e se afiliaria à Universidade de Cracóvia, ajudando a organizar um laboratório e publicando alguns trabalhos (*Psicologia dos Sentimentos e Emoções, Elementos Psicobiológicos da Psicanálise, Psicologia da Associação das Representações e Psicologia da Vontade*) entre 1912 e 1914. Neste momento, estoura a Primeira Guerra Mundial, e participa do combate contra os russos até o fim da guerra. Após a libertação da Polônia, em 1918, Radecki

é nomeado para organizar e dirigir um laboratório na *Universidade Livre da Polônia* (2004, p. 181). Permaneceria até 1923 em seu país até seu traslado, por razões desconhecidas, para o Brasil.

Após breve estadia na cidade de Curitiba entre 1923 e 1924, Radecki muda-se para o Rio de Janeiro, contratado pela *Colônia de Psicopatas do Engenho de Dentro* para organizar o laboratório de psicologia como chefe de análises clínicas (2004)³⁷. Centofanti afirma que Radecki não apenas fora chamado para organizar o laboratório, como também aponta que ele fora responsável por organizar o material previamente adquirido por Gustavo Riedel, diretor da colônia. O autor afirma ainda que foi Radecki quem deu a este material a configuração de um laboratório de psicologia propriamente dito, fundando-o ele mesmo.

Radecki passou a morar na Colônia de Psicopatas com sua esposa, Halina Radecka. De 1924 a 1931, Centofanti narra intensa atividade do polonês, trabalhando no laboratório para a Colônia e desenvolvendo suas pesquisas. Ministrou diversos cursos na instituição, no laboratório e fora dele, o que lhe rendeu muitos colaboradores: Alberto Moore, Ubirajara da Rocha e Arauld Bretas (médicos militares enviados a Colônia para os cursos), Lucília Tavares (professora municipal) e Nilton Campos (médico da Colônia) e Gustavo de Rezende (psiquiatra da Colônia). Todos estes se uniram à Radecki após os cursos ministrados de 1925 em diante (pp. 185 – 186)³⁸.

Em 1927, Radecki realizaria viagem de estudos para a Europa e em 1928 promoveria mais cursos. Destes, os últimos colaboradores de Radecki surgiriam: Antônio de Bulhões Pedreira, Oswaldo Guimarães e Flávio Dias (médicos), Euríalo Cannabrava (advogado), Edgard Sanchez (filósofo) e, por fim, em 1929, Jayme Grabois (2004)³⁹. Grabois fora o principal contato que Centofanti utilizou para a manufatura do texto como fonte de história oral.

Entre 1928 e 1929, Radecki termina de editar seu *Resumo dos Cursos de Psychologia*, derivado dos cursos que deu na Escola de Aplicação e Saúde do Exército. Também publicaria o compilado: *Trabalhos de Psychologia*, reunindo em dois volumes as produções suas e de seus colaboradores no laboratório da Colônia. Em 1930, seus colaboradores publicam cinco livros sob a orientação de seu sistema do *Discriminacionismo Afetivo: Exame Psicológico da Criança* (Halina Radecka), *Psychologia do Pensamento* (Lucília Tavares), *Psychologia da Vida Afetiva*

³⁷ Op. Cit. p. 183.

³⁸ Op. Cit. pp. 185-186.

³⁹ Op. Cit. p. 187.

(Nilton Campos), *Psicologia das Sensações* (Arauld Bretas) e *Psicologia da Atenção* (Ubirajara da Rocha). Todos os livros de seus colaboradores têm como subtítulo *Ensaio crítico e analítico baseado no sistema do discriminacionismo afetivo de Radecki*, enquanto que o de sua esposa tem como subtítulo *Ensaio de aplicação prática do sistema do discriminacionismo afetivo de Radecki* (CENTOFANTI, 2004, p. 188). O termo *discriminacionismo afetivo*, por sua vez, surge apenas uma vez, na página 368 do *Resumo dos Cursos de Psicologia* (CENTOFANTI, 2003).

Centofanti conta que Waclaw Radecki iniciou uma movimentação, em 1930, no intuito de “[...] acionar todos os seus recursos, visando transformar o laboratório num Instituto de Psicologia” (2004)⁴⁰. E, em 1931, o Decreto-Lei nº 21.173 daquele ano promoveria a conversão do laboratório da Colônia de Psicopatas em Instituto de Psicologia (2004)⁴¹. Tal conversão foi aproveitada pelo polonês ao longo da Reforma Francisco Campos, articulando seus contatos políticos para a criação do Instituto dentro da reforma universitária que Campos promoveu (2004)⁴². Radecki seria o diretor, e seus colaboradores, os docentes. Em 1932, Radecki terminaria sua monografia intitulada *A Colocação da Psicologia no Sistema das Ciências*. Somada ao *Resumo dos Cursos de Psicologia*, estas duas publicações constituem o que é conhecido hoje em dia como *Tratado de Psicologia (Resumido)*.

Entretanto, o Instituto, que começou a funcionar apenas em 1932, viria a ser fechado no mesmo ano. Da mesma forma que fora criado, um Decreto-Lei (nº 21.999) de 1932 estabelecia o fim do Instituto de Psicologia, no dia 24 de outubro daquele ano. O Instituto, que havia aberto as portas em março, teve duração aproximada de sete meses apenas (CENTOFANTI, 2004, pp. 192 – 193). Conta Centofanti que, a partir deste ponto, o Instituto teria sido fechado por pressões de setores religiosos, da psiquiatria e por falta de dotação orçamentária necessária para manter tal instituição funcionando a longo prazo (2004)⁴³. Daí em diante, Radecki emigraria para a Argentina e para o Uruguai, onde continuaria com sua carreira, articulando contatos na região do Prata a partir de 1933 (2004)⁴⁴, onde faleceria em Montevideo em 1953.

Este breve histórico, todo resumido a partir do texto de 1982, visa dar ao leitor um panorama do personagem. A partir desta trajetória, destes feitos e dessa passagem entre 1923 e 1932, Radecki será atrelado fortemente ao laboratório e ao Instituto que criou. Talvez o que

⁴⁰ Op.Cit. p. 189.

⁴¹ Ibidem.

⁴² Op. Cit. p. 190.

⁴³ Op. Cit. p. 194.

⁴⁴ Op. Cit. p. 196.

chame a atenção seja a fundação de tal instituto em 1932, 30 anos antes da regulamentação da profissão de psicólogo e dos cursos de psicologia. Não à toa e não raro, este simbolismo de “anteceder” um marco tão importante tem sido lembrado por alguns historiadores brasileiros da psicologia.

Entretanto, cabe ainda uma breve revisão da conclusão de Centofanti. No subtítulo do texto, intitulado *O Significado de Radecki no Brasil*, as palavras do autor ajudam a delimitar a interpretação do personagem por ele fornecida:

“É muito provável que Radecki tenha sido o maior conhecedor que a psicologia no Brasil teve a oportunidade de acolher. Grandes nomes da psicologia mundial de seu tempo, estiveram aqui antes, durante e depois de sua estada, mas apenas de passagem. De um modo geral, até a década de trinta, a ausência de um centro universitário no País, como muito bem escreveu Annita Cabral (1950), determinava o autodidatismo de nossos próprios “descobridores”. Waclaw Radecki e Helena Antipoff foram as poucas exceções. (CENTOFANTI, 2004, p. 203).

A menção a Antipoff é particular por si só, mas a retomaremos adiante. O ponto é perceber como o autor alça Radecki ao patamar de uma figura de importância ímpar. Não fora apenas um psicólogo, mas o “*maior conhecedor que a psicologia no Brasil teve a oportunidade de acolher*”⁴⁵.

Adiante, o autor desfila os comentários que Lourenço Filho fizera sobre o polonês, desmerecendo-os como um “incansável preconceito” (CENTOFANTI, 2004, p. 203). Para ele, Lourenço Filho marginalizou Radecki por conta da autonomia do polonês: trabalhava “isolado” usando o seu sistema, com seus colaboradores, em seu laboratório. Para Centofanti, “[...] isso não agradava às pessoas que também atuavam em Psicologia no país”. (p. 204)⁴⁶.

O autor, ainda elenca seis atitudes (p. 204 – 205) do polonês que dão o significado de sua passagem: o fato de ter se naturalizado é a primeira, diferindo-o de outros estrangeiros que passaram pelo Brasil. A segunda, de que “Deve ter sido o mais promissor dos pioneiros na pesquisa pura em Psicologia no Brasil [...]”, o que dá ao personagem uma aura de pioneirismo que, como discutimos na seção anterior, à época de 1980, era algo não só esperado, como estimulado em alguns setores da psicologia no país. A terceira, “estabeleceu objetivos de longo

⁴⁵ Atentemos para o detalhe de que a frase não é localizada temporalmente. É possível que se interprete esta declaração inclusive como referente até os dias da escrita do artigo, visto que não há clara delimitação de período. Não concordamos nem discordamos dessa afirmação ou de suas implicações, mas gostaríamos de apontar para o vulto que ela pode tomar sob certas circunstâncias.

⁴⁶ Op. Cit. p. 204.

alcance, visando edificar uma Psicologia Científica no Brasil”, seria relevante: não só um residente naturalizado, como pioneiro em pesquisa pura, e pesquisa pura *científica*. Sua importância é claramente anexada, como já dissemos, ao laboratório, mas principalmente por este ser um fiador de *cientificidade* para a história da psicologia brasileira.

A quarta atitude seria a de que “preocupou-se realmente com a formação de um grupo de assistentes nacionais, que, depois do encontro, perderam o caráter do autodidatismo”⁴⁷⁴⁸. A quinta atitude destacada por Centofanti, refere-se que Radecki “Lutou pela criação de uma escola de psicologia em nível sério e pela profissionalização de psicólogo”⁴⁹ também é relevante: numa época de retomada e incentivo das narrativas de fundação da disciplina no país, o quão fortuito seria o (re)descobrimento de um personagem de tamanho vulto? Aqui, não se trata de discutir se Radecki fez ou não fez o que se alega, ou mesmo se foi ou não foi dessa forma. Nesse ponto, atentamos apenas para como o personagem foi construído nesse momento, de modo a indicar que a construção de uma determinada narrativa tem sua emergência mediante uma certa articulação.

A última atitude, por fim, seria a afirmação “Organizou um Instituto de Psicologia, a que dois assistentes (Jaime Grabois e Nilton Campos), de um modo ou de outro, deram continuidade” (CENTOFANTI, 2004, p. 204). Esta última pode ser discutida, mas tentaremos abarcar tal operação histórica por partes⁵⁰. Cabe aqui o penúltimo parágrafo do texto, que, ao nosso ver, condensa essa operação:

“Radecki é praticamente desconhecido entre nós e esta comunicação pretendeu, imperfeitamente, preencher essa lacuna antes que mais tempo passasse e sua figura se fizesse impossível de ser reconstituída. Mesmo no Rio de Janeiro, cenário desses acontecimentos, apenas alguns poucos profissionais mais velhos conhecem alguma coisa sobre sua passagem.” (CENTOFANTI, 2004, p. 206).

3.3- A (re)tomada – a primeira fase da operação histórica

Quando mencionamos a existência de uma operação histórica, não usamos no sentido de uma “manipulação” ou de uma “adulteração” da história. Como desenvolvemos no primeiro

⁴⁷ *Ibidem*.

⁴⁸ É curiosa a sutil modulação de discurso a partir do “... preocupou-se *realmente* [...]”. Um adjetivo interessante, visto que daria a entender que houve, em algum momento, alguém com uma motivação não tão real; ou ainda, que esta fora uma preocupação genuína do polonês, algo “pessoal”. Outra escolha de palavras que, nos pés de página do texto, iremos tentar apontar, para que o leitor perceba as sutilezas do discurso histórico aqui apresentado.

⁴⁹ *Ibidem*.

⁵⁰ Adiante, veremos como a continuidade do Instituto de Psicologia de Radecki através de Grabois ou Campos é algo que pode ser questionado.

capítulo, toda história parte de um lugar, e esse lugar torna possível certos discursos e impossibilita outros.

Portanto, quando aqui apontarmos a operação histórica⁵¹ relacionada à produção de Radecki, tentaremos apontar *de que lugar* partiu essa operação e o que esta operação *tornou possível*. Daí o motivo da extensa discussão do capítulo anterior sobre um certo movimento da história e historiografia do Brasil: o momento histórico no qual o texto de 1982 se situa permite certas interpretações por parte do autor; no caso, Centofanti.

Numa conjuntura de busca por história de forma tão heroica, é totalmente plausível que o personagem seja (re)lembrado como “pioneiro da pesquisa pura” e “maior conhecedor que a psicologia no Brasil teve a oportunidade de acolher”. Hoje em dia, nosso lugar permite que olhemos para trás e percebamos tais conjunturas, tais condições de possibilidade, e, assim, permite que possamos olhar criticamente para este tipo de movimento. Como já apontamos, alguns resgates do pioneirismo e das instituições são encontrados nos volumes que celebram os “fundadores” da profissão, como o *Dicionário Biográfico da Psicologia no Brasil: Pioneiros*.

Para mostrar a mudança nas modulações realizadas sobre o personagem de Radecki, voltaremos a alguns escritos do *Primeiros Ensaios*: Plínio Olinto, Anita Cabral e Lourenço Filho. Olinto, enquanto descrevia alguns laboratórios de psicologia da época, descreve o da *Colônia de Psicopatas*:

“Em 1923, Gustavo Riedel adquiria na Europa outro completo laboratório de Psicologia Experimental para a Colônia de Psicopatas do Engenho de Dentro. O diretor interino da Colônia entregou todo o material a Waclaw Radecki, que *o ficou montando e desmontando* até que, em 1932, constituiu um grupo de assistentes com o qual fez vários ensaios sobre aviadores. *Todas as pesquisas de Radecki tinham um fim em vista, que era a sua teoria psicológica do discriminacionismo afetivo*. Assim sendo, nesse laboratório Plínio Olinto não quis entrar.” (OLINTO, 2004, p. 27, grifo nosso).

Chamam a atenção três detalhes desse curtíssimo parágrafo sobre um Radecki. Em primeiro lugar, a ideia de que ficava montando e desmontando o laboratório. Não nos soa uma passagem que denote pioneirismo ou importância. Pelo contrário: interpretaríamos com um tom quase pejorativo: de 1923 a 1932, Olinto diz que Radecki montou e desmontou todo um completo laboratório para, por fim, fazer vários ensaios sobre aviadores⁵².

⁵¹ Ver página xx do primeiro capítulo.

⁵² Sobre esta passagem: Centofanti conta que os médicos militares Ubirajara da Rocha, Arauld Bretas e Alberto Moore vieram enviados pela Divisão de Aviação do Exército (não existia Aeronáutica na época) para assistir os

Outro ponto importante é a indicação de que todas as pesquisas tinham por fim seu sistema. Oras, se toda a produção de Radecki, tomada hoje como científica e pioneira, tinham por fim o desenvolvimento de seu sistema, o qual até hoje não temos uma compreensão mais precisa do que signifique, levanta-se o problema: Radecki é celebrado por pesquisas puras que realizou a partir de um sistema que, até os dias de hoje, permanece incompreendido, e seus herdeiros, como veremos adiante, não continuaram seu pensamento. Como pode, então, ser aclamado como um pioneiro se não compreendemos sua prática psicológica e experimental, esta pelo qual é tão lembrado e citado?

Anitta Cabral também faz uma menção breve a Radecki. Ao falar dos programas de psicologia à época de 1950 nos cursos de filosofia, lembra da *Faculdade Nacional de Filosofia*, onde Nilton Campos chefiava o ensino de psicologia. Ao comentar sobre o *Instituto de Psicologia*, à época funcionando na *Universidade do Brasil*, aponta:

“Junto à sua cadeira há, atualmente, um Instituto de Psicologia, que já tem uma história mais longa que a da própria faculdade, tendo sido dirigido nos seus inícios (1925 – 1932) pelo psicólogo polonês Waclaw Radecki, de quem o atual diretor foi assistente.” (CABRAL, 2004, p. 64).

A menção à Radecki é feita apenas quanto diretor do “Instituto de Psicologia” em seus “inícios”. Entretanto, como vimos, entre 1925 e 1932, funcionou o laboratório de psicologia da Colônia de Psicopatas, não seu instituto. Provavelmente a autora se referia ao laboratório como os “inícios” do Instituto da Universidade do Brasil, mas o texto é confuso nessa passagem. Sobretudo, Radecki é apenas mencionado brevemente. Não lhe é dada nenhuma importância específica.

Por fim, temos os textos de Lourenço Filho. No de 1955, cita Radecki duas vezes: dentre a colaboração dos “trabalhadores da Medicina” (2004, p. 80) e dentre a colaboração dos “especialistas estrangeiros” (2004)⁵³ à psicologia no Brasil. Na parte dos trabalhadores da Medicina, cita o Laboratório da Colônia de Psicopatas, e diz:

cursos de Radecki. Especificamente, nos *Trabalhos de Psicologia: Volume II*, encontramos um dos médicos, Ubirajara, explicando: “A organização da nova arma, a aviação, no Exército, com o aproveitamento imediato dos elementos já existentes, não permitiu a espera de demorada instalação de serviços médicos de inspeção e seleção de pessoal aeronavegante mais amplos do que os já existentes. Teve de recorrer-se ao que, de pronto, os outros departamentos governantes. O laboratório de psicologia da Colônia de Psicopatas representava o único centro científico, no país, onde se poderia fazer a tentativa de dar início imediato aos trabalhos práticos do exame psicofisiológico dos candidatos à aviação e dos aviadores”. (DA ROCHA, 1929, p. 227). Os ensaios com aviadores seriam, na verdade, avaliações clínicas para seleção de candidatos aptos. Estas e outras retificações estarão presentes num apêndice deste trabalho.

⁵³ Op. Cit. p. 93.

“Dispondo de farto material, fornecido pelas firmas Boulitte, de Paris, e Zimmermann, de Leipzig, êsse laboratório, sob a chefia do especialista polonês Waclaw Radecki (1887-1953) para isso contratado, congregou uma dezena de psiquiatras da nova geração: Nilton Campos, Gustavo Resende, Osvaldo Guimarães, Bulhões Pedreira e Flávio Dias, a que depois se juntaram estudiosos de outra formação, como Edgard Sanches e Euríalo Canabrava, bacharéis em direito, e Lucília Tavares, educadora. Extensas pesquisas aí foram feitas, muitas das quais estão publicadas. Também aí se deu, em 1928, a reparação de um grupo de médicos, entre os quais Ubirajara Rocha, Arauld Bretas e Alberto Moore, encarregados de instalar o serviço de seleção psicossomática dos candidatos ao exercício da aviação militar.” (LOURENÇO FILHO, 2004, p. 80).

Não se menciona, nessa passagem, qualquer importância particular a Radecki. Sugere-se que sua atuação foi mais central ao contratar os trabalhadores que fariam pesquisas em psicologia, mas não especificamente o que se fazia, ou mesmo como. Destaque especial para a não menção ao discriminacionismo afetivo nesta passagem, subtítulo dos livros publicados por boa parte dos acima citados. A falta de menção ao discriminacionismo se faz na passagem abaixo, onde Lourenço Filho disserta sobre a contribuição de Radecki enquanto especialista estrangeiro. Ao compará-lo com Ugo Pizzoli, o qual considera que teve uma influência “apenas sensível” (2004, p. 93) e a Henri Pierón, o qual deixou “intensa e profunda influência” (2004)⁵⁴, disserta sobre a influência de Radecki:

“Já o mesmo não ocorreu com o polonês Waclaw Radecki que, na direção do Laboratório de Psicologia do Hospital do Engenho de Dentro, no Rio de Janeiro, formou um grupo de pesquisadores de excepcional valor, *malgrado a insistência com que repisava os princípios de seu sistema de "discriminacionismo afetivo"*, mais cedo ou mais tarde abandonado por todos os seus discípulos; Radecki, que faleceu no Uruguai, em 1953, fêz imprimir no Brasil um Tratado de psicologia. “ (LOURENÇO FILHO, 2004, p. 93).

Dois características dessas menções despontam para nós. A primeira é a importância de Radecki apenas enquanto formou profissionais que figurariam como importantes nos anos seguintes da psicologia no Brasil. A segunda é o tom crítico com o qual se utiliza para descrever as atividades de Radecki.

Aqui, retomamos a pergunta que acima deixamos em aberto: Centofanti, em 1982, estabelece que Radecki foi figura de pioneirismo para a psicologia brasileira e promotor de um projeto de edificação de uma psicologia científica em solo brasileiro, projeto este calcado nos princípios do discriminacionismo afetivo.

⁵⁴ Op. Cit. 94.

Seu sistema, como sabemos, é desconhecido e pouco explorado: o próprio Centofanti afirma que “O discriminacionismo, embora de importância para a história das ideias psicológicas do Brasil, não foi o legado mais valioso que Radecki deixou” (CENTOFANTI, 2004, p. 204). O autor ainda escreveria um artigo, em 2003, intitulado *O Discriminacionismo Afetivo*, onde trabalha possibilidades para este sistema, mas com uma conclusão pessimista: “Que Radecki não realizou o discriminacionismo afetivo, ainda que na condição de uma tentativa de organização sistemática, parece não restar dúvida”(CENTOFANTI, 2003, p. 102). Chega ainda às últimas consequências ao final do artigo, onde alega que:

“Se é verdade que as teorias não são verdadeiras e nem falsas, mas férteis ou estéreis, o discriminacionismo afetivo mostrou-se estéril, não sendo capaz nem mesmo de convencer aos assistentes de Radecki, ficando no esquecimento. Seus principais assistentes escolheram outros caminhos: Nilton Campos o da fenomenologia e Jayme Grabois o da psicanálise.” (CENTOFANTI, 2003, p. 103).

Contemporâneos, como Plínio Olinto e Lourenço Filho, descrevem a atividade científica de Radecki de forma algo pejorativa (montando e desmontando um laboratório) e algo intransigente (insistindo em repisar os princípios de um sistema que não vingaria). Ou seja, interpretações da atuação de Radecki que não favoreceriam sua função de pioneiro.

Como Radecki pode, então, ser considerado um pioneiro de um pensamento psicológico científico, sendo que não deixou discípulos diretos, aparentou ter sido insistente com seu sistema (lembrando que os livros de seus colaboradores eram colocados sob a organização de seu sistema, sempre) e não era considerado de forma positiva pelos seus pares da época (visto que Ugo Pizzoli e Henri Piéron mereceram menções muito mais honrosas por parte de Lourenço Filho)?

Acreditamos, aqui ser um dos indícios da primeira grande operação histórica sobre Radecki: seu pioneirismo, versado nas páginas de 1982, é mais fruto de uma leitura posterior do autor do que algo que seus contemporâneos concordariam. Não se trata, entretanto, de dizer que Radecki *não foi* um pioneiro, como se quiséssemos corrigir essa passagem, mas sim de demonstrar como o lugar de um pioneiro surgiu *a posteriori*. À época e nas décadas subsequentes, Radecki não ganharia esses status tão facilmente. Possivelmente, nem seria possível ganhar, visto que até no texto de 1969, Lourenço Filho retoma mais uma vez Radecki, apenas para indica-lo como um dos especialistas estrangeiros que faziam parte do rol dos

primeiros autodidatas e profissionais que encabeçaram os cursos de psicologia da época (2004, p. 110). Nenhuma dotação de pioneirismo psicológico ou científico até aí⁵⁵.

Neste momento, algum historiador da psicologia versado nos textos e personalidades clássicas poderia lançar mão de Nilton Campos. Em 1953, à ocasião do falecimento de Radecki, Campos escreve um necrológico, publicado nos *Boletins do Instituto de Psicologia da Universidade do Brasil*. Sendo um necrológico, o texto é eminentemente elogioso. Pouparemos as citações em excesso por ser um texto breve, mas algumas “menções honrosas” são interessantes, como a passagem a seguir:

“Ao lamentarmos seu desaparecimento na cidade de Montevideú, concluindo uma vida penosa de homem da ciência pouco compreendido, cumpro apontá-lo como o instigador da experimentação psicológica em alto nível no campo virgem da América do Sul, fecundando-o com sua tenacidade e ideal de criar núcleos de cultores da psicologia teórica e experimental, transfundindo-lhe esse espírito de dedicação ao trabalho científico e removendo com sua fé inquebrantável todas as montanhas que lhe dificultavam a obra ingente de implantar a investigação psicológica na América do Sul.” (CAMPOS, 1953).

Curiosa, entretanto, é a ausência de um detalhe interessante: o discriminacionismo afetivo. Como dissemos, o necrológico é um texto eminentemente elogioso, e dele portanto não sobraria nenhuma intenção que não fosse celebrar, de alguma forma, o falecido polonês. Entretanto, a alegação de que Radecki teve como obra “implantar a investigação psicológica na América do Sul” tem seus limites. Como vimos, e como o próprio Centofanti sugere, o sistema de Radecki não vingou. E, sendo esta a base de sua atividade de pesquisa, é curiosa esta posição de pioneirismo⁵⁶.

Sobretudo, deste necrológico, queremos retirar outra interpretação. Como dissemos, fora publicado em 1953 nos *Boletins do Instituto de Psicologia da Universidade do Brasil*, onde Nilton Campos trabalhava. Mas, tal texto fora planejado para figurar entre os textos presentes na última *Hoja de Psicologia* (1953), uma série de boletins que Radecki organizava no Uruguai, com seus alunos locais. O último volume, de número 12, tinha sido em sua homenagem, daí o depoimento de Nilton Campos.

⁵⁵ Talvez, e ainda assim sutilmente, a dotação de uma importância enquanto divulgador/formador de psicólogos, algo modesta. Mas uma importância que dista claramente da anteriormente proposta, de caráter monumental e quase heroica.

⁵⁶ Entretanto, reforçamos a ideia de Radecki com uma importância mais como divulgador e professor do que como psicólogo de atuação pioneira: como o próprio Campos sugere, Radecki sempre agregou muitos psicólogos em torno de si.

Destoa, entretanto, em relação aos outros escritos: os outros alunos de Radecki mencionam à exaustão seu sistema e sua capacidade como professor. Ressaltam sua paixão pelo conhecimento psicológico e sua influência no pensamento deles, bem como sua atuação em outras áreas: como patriota na Polônia e fora dela, por exemplo. O sistema do discriminacionismo é várias vezes citado, inclusive quando se evoca a figura de Radecki como um “padre de las ciências psicológicas” (CAMBIAGGIO, 1953, p. 37). Valeria a comparação entre o texto de Nilton Campos e o de Delmira Cambiaggio: ambos evocam Radecki de maneira a celebrar sua trajetória, mas o fazem por razões distintas⁵⁷.

Até agora cobrimos os contemporâneos de Radecki e suas compreensões sobre o polonês, comparando-as com a narrativa de 1982. Entretanto, antes dessa narrativa, há espaço para dois comentários breves sobre a atividade do polonês: o texto de Pessoti e o de Netto. Apresentaremos ambos aqui por uma razão: destoam entre si acerca de uma interpretação sobre Radecki. Pessoti, ao lembrar do laboratório *da Colônia de Psicopatas* diz que “Esse laboratório foi o primeiro centro brasileiro de pesquisa pura em Psicologia, e dispunha de equipamentos trazidos de Paris e Leipzig. O primeiro diretor foi um polonês, Waclaw Radecki, que fazia estudos psicométricos em aviadores.” (PESSOTI, 2004, p. 124). Por sua vez, Netto tem uma tomada radicalmente diferente de quem fora Radecki e de sua atuação. A começar pelos laboratórios de psicologia da época, Netto estabelece que “A história dos laboratórios brasileiros de psicologia é muito imprecisa. Como até 1934 o país não contava com universidades para sediá-los, os laboratórios brasileiros foram criados junto às instituições de ensino normal e elementar e hospitais de alienados.” (NETTO, 2004, p. 153- 154).

Sobre o laboratório onde Radecki atuou: “[...] o laboratório da Colônia de Psicopatas do Engenho de Dentro, fundado em 1923, igualmente por iniciativa de [Gustavo] Riedel e sob a chefia, até 1932, do psicólogo polonês Waclaw Radecki, criador de uma psicologia um tanto abtrusa, o discriminacionismo afetivo.” (2004)⁵⁸. Vale a comparação: ao comentar sobre outros laboratórios existentes, especificamente o da Escola de Aperfeiçoamento Pedagógico de Minas Gerais, indica que sua direção estava na mão de Helena Antipoff, celebrada por ter sido assistente de Claparède (2004)⁵⁹ e ter criado outras experiências bem-sucedidas em psicologia.

Apontamos a disparidade das narrativas não com o intuito de criticar sem razão, mas de mostrar que textos contemporâneos – o de Pessoti em 1975 e o de Netto em 1981 – detém

⁵⁷ Algumas destas razões figuram no “Apêndice” deste trabalho.

⁵⁸ Op. Cit. p. 155.

⁵⁹ Ibidem.

concepções bem distintas sobre o personagem. Sendo textos que o mencionam marginalmente, a diferença na tomada de Radecki por ambos valeria mais alguns comentários, mas deixaremos apenas a discrepância em aberto.

Haveria ainda um comentário breve de Antônio Gomes Penna. Por volta de 1980, publica um artigo intitulado *Formação de Psicólogos no Brasil* na revista *Arquivos Brasileiros de Psicologia*. O intuito é claro: discutir um breve histórico da formação de estudantes de psicologia no Brasil e debater questões técnicas. Para esse breve histórico, Penna já aponta de início o problema da necessidade de um resgate histórico das instituições e personalidades: “O silêncio em torno de outras instituições e de outras personalidades marcantes em nossa curta história seria, contudo, grave injustiça. Impõe-se, pois, que se evite que ela seja cometida.” (PENNA, 1980, p. 545). E, após falar sobre a importância do *Instituto de Seleção e Orientação Profissional* (ISOP), versa sobre a importância de Radecki e do laboratório:

Entretanto, o processo de formação de psicólogos contou com outras instituições importantes e é nossa a tarefa de exaltá-las. A referência inicial beneficia o Velho Laboratório do Engenho de Dentro, implantado na Colônia de psicopatas durante a década de 20 por Waclaw Radecki. Antigo assistente de Claparède, Radecki teve papel extremamente relevante na implantação da psicologia científica em nosso meio e, particularmente, em sua defesa contra os que pretendiam vulgarizá-la em nível baixo. Coube-lhe montar o primeiro laboratório de pesquisas com a aquisição de instrumentos na Europa, fato que só se tomou possível graças à substancial ajuda fornecida pela família Guinle. A Radecki deve a psicologia a formação do primeiro núcleo de psicólogos altamente qualificados dentre os quais se incluiu Nilton Campos; posteriormente titular de psicologia geral da antiga Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, hoje, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Do grupo, creio que o único sobrevivente é o ilustre Prof. Jayme Grabois, de resto, um dos antigos diretores do Instituto de Psicologia. Vale ressaltar que foi do velho Laboratório do Engenho de Dentro que surgiu o Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. (Penna, 1980, p. 546.)

Notemos como emergem, na década de 1970, com Pessoti, e 1980, com Penna, a interpretação de Radecki como figura de necessário resgate. Tal resgate, de 1982, já virá a tona com ideias de alçar Radecki a uma posição de pioneiro, e não à toa: Centofanti cita o texto de Pessoti, de 1975, e essa passagem de Penna, de 1980. Curiosamente, não cita Netto, de 1981, que questionava a força e a importância de tais laboratórios, aclamados por Pessoti e Penna e cuja aclamação vemos em Centofanti. Como vemos, tal aclamação fundamentou uma interpretação de Radecki como importante para os laboratórios e a psicologia científica, como pioneiro da psicologia no Brasil e, agora, como uma possível raiz da formação de psicólogos, regulamentada ao longo das décadas de 1960 e 1970.

Como vimos, os contemporâneos de Radecki apresentavam uma compreensão de seu trabalho diferente da concepção de “pioneiro”. Após o texto de 1982, essa interpretação ganhará forma, e, por ser, até então, o único texto inteiramente sobre Radecki, tal interpretação persistiu até os dias de hoje. Cabe agora, portanto, a segunda etapa da operação histórica: do texto de Centofanti para os livros de história da psicologia no Brasil.

3.4- *Da (re)tomada ao pioneirismo – a segunda fase da operação histórica*

Se a primeira fase da retomada de Radecki para a história da psicologia dispõe do ambiente da época de recurso à história da disciplina de psicologia no Brasil, mediante o contexto da regulamentação da profissão, a segunda fase dispõe de um ambiente diferente: o do início do “movimento da historiografia da psicologia no Brasil”, anteriormente discutido e nomeado por Antunes.

As próximas menções a Radecki serão quase todas embasadas no texto de 1982. A mudança será tão radical que não se questionará o lugar que Radecki ocuparia. Pelo contrário, muitos autores ainda ampliarão algumas interpretações de Centofanti, por vezes tomando-o de modo claro como garantia plena das atividades que o polonês realizou em solo brasileiro.

Em 1988, encontramos uma menção a Radecki feita por Hannes Stubbe, professor alemão que lecionou na PUC-RJ, sobre Radecki. Especificamente, no contexto do *Seminário Nacional História da Psicologia no Brasil*, que aconteceu em 1987, e cujo texto se prestou a resumir o encontro e o que dele reverberou.

Muitas coisas são dignas de nota nesse Seminário: a presença de nomes importantes para a História da Psicologia no Brasil (Antônio Gomes Penna e Marina Massimi), a eleição de eventos, personalidades e demais vinculações com o ano: centenário de nascimento de Wolfgang Koehler e Radecki, 50 anos da morte de Alfred Adler, dentre outras. Sobretudo, a retomada de Radecki nesse texto, da seguinte forma, logo na abertura:

“W. Radecki, que tem suas origens na escola funcionalista de Claparede, iniciou suas atividades em psicologia experimental no Brasil em 1923. Ele não apenas organizou *o mais moderno laboratório de psicologia experimental daquela época na América Latina* (no Engenho de Dentro, Rio de Janeiro), como coordenou em 1950 o I Congresso Latino-Americano de Psicologia, em Montevideú. Provavelmente foi ele o editor da *primeira revista de psicologia brasileira* (Annaes da Colonia de Psychopathas no Engenho de Dentro, 1928). *Pode ser reconhecido ainda como o primeiro psicólogo clínico da América Latina.*” (STUBBE, 1988, p. 113, grifos nossos).

Não há dúvidas, para nós, de um salto qualitativo em relação à primeira fase dessa longa operação histórica e a segunda. Se na primeira Radecki foi, aos poucos, sendo interpretado de especialista estrangeiro com uma psicologia abtrusa e um sistema no qual insistia em seus princípios para um pioneiro edificador de um projeto de psicologia científica, a partir do texto de 1982 ele debuta no rol dos pioneiros da história da psicologia no Brasil, e as atribuições de qualidade, características e feitos tomarão um novo vulto: mais e mais moderno laboratório, primeira revista de psicologia (onde figuravam apenas seus colaboradores dentro de seu sistema) e primeiro psicólogo clínico (apesar de antes ser apenas lembrado por experimentos com aviadores).

Trata-se, na nossa opinião, de todo um conjunto de possibilidades que se abriu após a década de 1980. Se Centofanti escreve seu texto numa época onde os trabalhos em história da psicologia, na versão que aqui estudamos, eram quase inexistentes, já para o final da década esse quadro se transformará. Aqui, observaremos como um determinado campo da história da psicologia, através de sua solidificação, primeiros trabalhos e demais ensaios, contribuirão para a promoção cada vez maior de narrativas de pioneirismo. E o exemplo de Radecki, com sua evolução no tempo, serve-nos de exemplo ideal.

Em 1985, Penna publica um texto extenso examinando os *Anais da Colônia de Psicopatas* que Radecki publicou. Após a análise de cada texto dos volumes, em especial de um que tratava especialmente do laboratório, Penna estabelece que:

”De tudo quanto se conseguiu apurar resta a convicção da extraordinária fecundidade do prof. Radecki cuja saída do país rumo à Argentina em 1932 acabou sendo o maior golpe sofrido pelo desenvolvimento dos estudos psicológicos no Brasil. O Dr. Oswaldo N. de Souza Guimarães tinha razão quando assinalou que o Laboratório foi Radecki.” (PENNA, 1992, p. 54).

Penna toma, mais uma vez, Radecki através de sua importância como formador, visto que o trata como “Professor Radecki”. Entretanto, apesar de examinar cada texto dos *Anais da Colônia* e de estabelecer que fora de importância para o desenvolvimento da disciplina no país, tem ciência de que uma compreensão do “discriminacionismo afetivo” estava longe de ser completa. No volume *História da Psicologia no Rio de Janeiro*, de 1992, o autor repassa apontamentos e fontes de importância para o estudo histórico da disciplina no estado do Rio de Janeiro. Ao comentar o livro que Nilton Campos escreveu sob o sistema, *Psicologia da Vida Afetiva*, menciona que “[...] nele, efetivamente, não se encontra uma exposição do que seria o ‘discriminacionismo afetivo’, como sistema psicológico”. Tampouco em seu *Tratado de Psicologia*, “quer no capítulo em que se analisa atividade discriminatória, quer no capítulo

sobre a vida afetiva” (1992, p. 17). Radecki é dito ser importante *peelo que realizou*, mas, em alguns pontos, parece ser importante *apesar do que realizou*: pouco se compreende o que fez, mas não se põe em questão a importância desses feitos.

O próximo exemplo é possível ser encontrado no livro de Marina Massimi, de 1990: *História da Psicologia Brasileira: Do Período Colonial até 1934*. Neste, observamos, nas últimas páginas, a incursão breve da autora sobre o *Laboratório da Colônia de Psicopatas*. No capítulo que versa sobre *O Surgimento da Psicologia Científica*, coloca o laboratório na seção *Desenvolvimento da psicologia científica no âmbito da medicina brasileira*. Massimi faz uma breve passagem de apenas três parágrafos, não sem antes apontar que o laboratório fora um “importante centro de pesquisa” (MASSIMI, 1990, p. 66).

Já Mitsuko Antunes, em seu *A Psicologia no Brasil: Leitura Histórica de sua Constituição*, de 1998, é mais incisiva nos elogios. Ao escrever sobre o laboratório, a autora desfila uma narrativa repleta de feitos e alegações de importância: tais como a extensa produção do laboratório⁶⁰ ser “um imenso avanço em direção ao reconhecimento da autonomia científica e prática da psicologia no Brasil”⁶¹, ter sido “uma das primeiras referências, no Brasil, da perspectiva psicoterápica, num momento em que tal campo de ação, quando existira, limitava-se à psiquiatria”⁶², ou sua contribuição à organização do trabalho “claramente definida particularmente no que se refere à utilização de testes para fins de seleção e orientação profissional”⁶³ (2001, p. 48 – 49). A figura do próprio Radecki também não escapa de ser enaltecida:

⁶⁰ Note-se que, para falar da produção, a autora cita o texto de Antônio Gomes Penna, de 1985, que comentamos acima.

⁶¹ Essa alegação provavelmente segue a tese da autora sobre a autonomização da psicologia como disciplina no Brasil por volta da década de 1930. Mencionamos brevemente essa tese no capítulo 2.

⁶² Este é um problema mais complexo. Ainda que Radecki realizasse exames clínicos (e não experimentos, como mencionamos em pé de página neste capítulo), é difícil conceber Radecki como uma referência em psicoterapia. Um exame breve de seu *Introdução à Psicoterapia*, de 1926, revela que sua visão da psicoterapia é “funcional”: “Muito de propósito, não discutimos o valor nem as indicações psicoterapêuticas nos diferentes estados nosológicos, pois o objetivo da psicoterapia que analisamos deixa perceber que pode ser aplicada a todo indivíduo que não apresenta uma higidez mental perfeita. Uma generalização não pretende a exclusividade do método nem a cura de todos os estados mórbidos mentais” (p. 75). Ainda no livro *Psicopatologia Funcional* (1935/1963), escreve que “[...] assim, a psicoterapia funcional não é somente *psicanalítica*, pode pretender também ser considerada *psicosintética*” (p. 156). Por fim, no livro *A Obra Psicológica de Radecki* (1935, de Alfredo Cáceres), o autor escreve que “As aplicações do Discriminacionismo à Psicoterapia tem sempre um caráter distintivo, que consiste em um “prisma” funcional do sistema” (p. 106). Em resumo, a visão de Radecki da psicoterapia era muito mais de uma ferramenta que de um fim em si mesmo para a psicologia, dificultando assim o lugar de “primeira referência nas práticas psicoterápicas do Brasil”. Estas e outras retificações poderão ser encontradas no Apêndice deste trabalho.

⁶³ Radecki era particularmente crítico do uso dos Testes. Vide seu capítulo do *Tratado de Psicologia* (1933), *Psicotécnica*, onde empreende extensa crítica ao uso indevido deles.

“Um destaque especial deve ser dado à importância da presença de Radecki nesse laboratório e, por decorrência, na História da Psicologia no Brasil. Foi ele o autor de grande parte dos trabalhos produzidos no laboratório. Quando não colaborador ou orientador. Foi ele quem ministrou inúmeros cursos e conferências, com influência significativa na divulgação e difusão da Psicologia no país. Suas contribuições constituem-se quase na totalidade da produção do laboratório, devendo-se a ele também, provavelmente, a marcante cultura psicológica presente nos trabalhos produzidos, em que são frequentes citações e referências a: Ribot, Claparède, William James, Janet, Forel, Babinski, Bernheim, Kraepelin, Bleuer, Minkowski e Kretschmer, dentre outros. Devendo-se salientar a significativa presença da Psicanálise⁶⁴.” (Antunes, 2001, p. 49).

A autora termina por reafirmar que o laboratório foi uma das mais “importantes instituições que geraram condições para o estabelecimento da Psicologia no Brasil, quer pela consolidação desta área do saber como ciência, quer em relação ao reconhecimento de sua autonomia teórica e prática”. (2001)⁶⁵. Radecki e o laboratório, agora, figuram entre fatores que foram *condições* para o desenvolvimento de toda a disciplina no Brasil. Mais um reforço na segunda fase desta operação histórica que estamos acompanhando, que se iniciou com Centofanti o resgatando e Penna o aclamando.

Ao comentarem o texto de Lourenço Filho de 1955, os autores do *Historiografia da Psicologia Moderna* mencionam a aparição de Radecki no escrito. Entretanto, um detalhe curioso desponta: Lourenço Filho cita Radecki em dois momentos (na contribuição de trabalhadores da medicina e na contribuição de especialistas estrangeiros), e os autores do comentário do texto falam de Radecki apenas quando está na primeira categoria, entre os trabalhadores da medicina. A segunda aparição, na seção dos especialistas estrangeiros, não é apontada. Coincidentemente, é a mesma que critica Radecki por “repisar os princípios de seu sistema” e de não ser tão influente como Ugo Pizzoli ou Henri Pierón. (MASSIMI E BROZEK, 1998 pp. 211 - 212.)

Até aqui, cobrimos a entrada de Radecki nos livros de história da psicologia através da narrativa de 1982 (auxiliada em algumas partes por Penna), e como essa narrativa foi transformada e (re)tomada pelos historiadores. Tais tomadas e reconhecimentos servirão para a

⁶⁴ Antônio Gomes Penna, em seu volume “História da Psicologia no Rio de Janeiro”, contou as referências que Radecki faz de autores em seu “Tratado de Psicologia”, como forma de tentar compreender o pensamento do polonês: Wundt é citado 49 vezes, James 33, Claparède 27, Ebbinghaus 14 e Freud apenas 15 vezes. No “A Obra Psicológica de Radecki”, Cáceres, aluno do polonês, conta que o discriminacionismo afetivo pode parecer com a psicanálise, mas se difere dela, especialmente do freudismo. Se aproximam enquanto buscam fatos, mas a psicanálise (especialmente a freudista) abandonaria os fatos, enquanto que a psicoterapia de fundo discriminacionista “faz sempre tentativas de organizar e adaptar” o que foi encontrado (p. 107).

⁶⁵ Op. Cit. p. 49.

última fase da operação histórica do personagem por nós identificada: as novas narrativas em cima de Radecki e sua entrada no rol de pioneiros da psicologia no país. A partir de 2001, os livros que resgatam a história da disciplina no país, e que se baseiam nas narrativas-base da idade de ouro da história da psicologia brasileira, encontram um lugar confortável para o polonês.

Talvez o mais interessante, no entanto, seja as derivações desse pioneirismo. Já vimos como pode se atribuir a Radecki toda sorte de títulos: primeiro psicólogo clínico da América Latina, edificador de uma ciência psicológica, maior conhecedor de psicologia que o Brasil já acolheu, precursor de abordagens psicoterápicas e de testagem, etc. Entretanto, haverá mais um passo: a proposição de linhagens dos psicólogos brasileiros de hoje em dia até Radecki, através de diversas vias.

3.5- Do pioneirismo às linhagens – a terceira fase da operação histórica

Em 2001, finalmente, Radecki debuta, oficialmente, entre os pioneiros da psicologia brasileira. Com verbete escrito por Antônio Gomes Penna, o *Dicionário Biográfico da Psicologia no Brasil: Pioneiros* marca o nome de Radecki (pp. 314 – 316). Curiosamente, Halina Radecka, esposa de Radecki, também figura entre os nomes dos pioneiros. Mas talvez o mais curioso seja Penna ao dizer que “Radecki legou-nos o sistema do Discriminacionismo Afetivo”. Trinta e quatro anos após o texto de Centofanti e tal legado permanece, em muitos pontos, um mistério.

Em 2004, seu nome figura no volume *História da Psicologia no Brasil: Novos Estudos*, novamente ajudando a amparar a ideia de ter auxiliado na autonomização da psicologia como ciência e profissão (ANTUNES, 2004, pp. 118 – 119), legando ao laboratório da colônia – e, subsequentemente, à figura de Radecki – a posição de ter proporcionado um “significativo rol de pesquisas” de várias temáticas (seleção e orientação profissional, fadiga em trabalhadores menores de idade, seleção de aviadores, psicometria) além de ter dedicado-se à “formação de pesquisadores” (ANTUNES, 2004, p. 119).

Em 2007, temos a reedição do texto de 1982, *Radecki e a Psicologia no Brasil*, dentro do volume *Primeiros Ensaio*s. Comentamos este livro à exaustão pela profundidade de material a ser extraído dele, e isto nos leva à conclusão de que tal reedição não é senão uma forma de reforçar certas posições dessa versão da história da psicologia brasileira. O título de “primeiro ensaio” a um texto desses, que abriu tantas interpretações e informações sobre o personagem, é algo digno de nota, e reforçamos a perspectiva da emergência desse tipo de interpretação

através de uma certa concepção de como se produz e para que serve a história da psicologia. Por fim, Radecki ainda figuraria de coadjuvante no volume *Dicionário Histórico de Instituições de Psicologia no Brasil 2011*, nos verbetes sobre a *Colônia de Psicopatas do Engenho de Dentro* e do *Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)*. Este último, cobriremos a partir da ideia das “linhagens” que surgiriam de Radecki.

No ano 2000, surge um artigo intitulado *Psicólogos estrangeiros no Brasil*. Neste artigo, a figura de Radecki é discutida dentre a de outros estrangeiros que contribuiriam para o cenário da psicologia brasileira: Helena Antipoff, Emílio Mira y Lópes, dentre outros. Passa-se em revista a vida de Radecki, inclusive o detalhe de que teria conhecido Antipoff na Europa, pois foram ambos assistentes de Claparède. Segundo a autora, o que chama a atenção na vida de Radecki é seu “completo desconhecimento pela instituição psi” (JACÓ-VILELLA, 2000, p. 46). Para ela, tal desconhecimento é curioso, visto que “se verifica que podemos construir uma linhagem hipotética iniciada com Radecki que se estenderia até os psicólogos formados hoje em dia”.

A base dessa proposição é a de que Radecki deu aula e fez parte da formação de Nilton Campos e Jaime Grabois, dois diretores e professores do Instituto de Psicologia da Universidade do Brasil, que por sua vez foram professores de Antônio Gomes Penna e Eliezer Schenider, ambos professores do *Instituto de Psicologia da Universidade do Brasil*, que viria a se transformar no IP da UFRJ na década de 1960. Há, para a autora, três vias de estabelecimento desta linhagem: pela via institucional, pela via teórica e pela via da formação de psicólogos.

A primeira via, institucional, trata exatamente do descrito acima. Após sair do laboratório da Colônia de Psicopatas, Radecki foi para a Argentina e depois para o Uruguai. O laboratório seria absorvido, anos depois, em 1937, pela recém-fundada *Universidade do Brasil* (CENTOFANTI, 2004, p. 198; FERREIRA, 2011, p. 317 - 319). Esta, por sua vez, teria o *Instituto de Psicologia* funcionando anexado à *Faculdade Nacional de Filosofia* (Schneider, 1992, p. 134) e, por fim, convertido no *Instituto de Psicologia* entre 1964 e 1967, onde saiu do Centro da cidade do Rio de Janeiro para o Campus Praia Vermelha, anexado ao *Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH)* da UFRJ até os dias de hoje. Entretanto, esse enquadre de linhagem pela via institucional é menos estável do que parece.

Em outro estudo nosso (FONSECA E FERREIRA, 2015), trabalhamos a história do laboratório de psicologia do IP da UFRJ. Fechado no início da década de 1990, remontaria ao laboratório da *Colônia de Psicopatas* justamente por esses trânsitos: funcionou de 1924 a 1932,

tendo sido convertido em *Instituto de Psicologia* e fechado no mesmo ano; em 1937, é incorporado à *Universidade do Brasil* em um segundo *Instituto de Psicologia*, que foi mudado de lugar e função em 1967, num terceiro Instituto. Em nosso estudo, demonstramos como as funções do laboratório para à instituição eram diferentes: se para Radecki foi o fiador da conversão de laboratório em Instituto, o mesmo não se pode dizer da *Universidade do Brasil*: fontes da época contam que o laboratório fora engavetado por Nilton Campos. Possivelmente não era utilizado: ao investigar os *Boletins do Instituto de Psicologia*, de 1951 a 1973, não encontramos indícios de seu uso, tendo o instituto tomado rumos diferentes. Nilton Campos, nos *Boletins*, ocasionalmente escrevia sobre fenomenologia, nunca mais mencionando o sistema de Radecki. Por fim, na *Universidade Federal do Rio de Janeiro*, o laboratório foi utilizado para prática de ensino, sendo fechado em 1990 após diversas circunstâncias, dentre elas o baixo interesse no uso das peças e instrumentos. A via institucional não realizaria a possibilidade de uma “linhagem”, mas, apesar disso, é sugerida.

A segunda via dessa linhagem hipotética é a teórica: “Haverá laços, articulações, decorrências teóricas na produção dessas três gerações? [...]” (JACÓ-VILELLA, 2000, p. 47)⁶⁶. Outra via que questionaríamos: Nilton Campos não menciona o discriminacionismo afetivo de Radecki nem no necrológio do polonês (1953) como nos boletins do Instituto de Psicologia, onde escrevia sobre fenomenologia (FONSECA E FERREIRA, 2015) e jamais mencionara o nome de Radecki até o necrológio de 1953 (PENNA, 2015 p. 272). Grabois, por sua vez, também não pareceu afeito ao sistema: conta Penna que nem mencionava o *Tratado de Psicologia*, mas que

“Grabois, honra seja feita, até falava sobre Radecki, mas só para contar o anedotário e dizer que ele só fazia pesquisa, gostava de olhar a noite e de trabalhar nu, com a mulher. Era só isso que Grabois falava de Radecki, nunca de sua contribuição ao campo da psicologia em nosso país” (PENNA, 2015, p. 31).

Por fim, a terceira via proposta por Jacó-Vilella seria a de formação de psicólogos:

“Uma outra possibilidade de verificação dessa linhagem através da vertente da transmissão efetiva de determinadas concepções poderia ser com relação à oficialização de curso superior de formação de profissionais psicólogos, o grande objetivo final de Radecki. É instigante observar, com Centofanti (1982), que a psicologia demorará ainda trinta anos para ser oficializada, o que só ocorre com a Lei 4.119, de 27 de agosto de 1962. E é instigante também constatar que será necessária a presença e atuação de outro estrangeiro – Mira y Lopez – para

⁶⁶ A autora se refere às gerações Waclaw Radecki, Jayme Grabois/Nilton Campos e Eliezer Schneider/Antônio Gomes Penna.

que se reinicie a discussão sobre o tema, o que aguça ainda mais a curiosidade sobre a relação Radecki – Campos. Este, ocupando posição de destaque no meio psi nos anos cinquenta – época em que há duas grandes instituições, a cátedra de Psicologia da Faculdade Nacional de Filosofia e o ISOP – só se insere no processo quando Mira o deslança através do ISOP. Seu objetivo, contudo, será principalmente evitar a formação de psicólogos “despreparados” para o exercício da prática psicoterápica⁶⁷.” (JACÓ-VILELLA, 2000, p. 47).

Como última forma de sobreviver nas narrativas da história da psicologia, aqui Radecki aparece não só como mestre de mestres e um quase “catedrático” da psicologia, mas como “avô” dos cursos de psicologia. Essa concepção retorna nas mãos de Jácó-Vilella quando, unida a Centofanti, escreve novo artigo, desta vez sobre o laboratório da Colônia de Psicopatas.

Abrindo o texto, incluso no volume *Instituições e Psicologia no Brasil* (2007), estabelecem os autores que

“Sem sombra de dúvida, o Laboratório de Psicologia na Colônia de Psicopatas do Engenho de Dentro, no Rio de Janeiro, sob a direção do psicólogo polonês Waclaw Radecki (1887 – 1953) foi uma das experiências mais significativas da Psicologia no Brasil, *no período que se convencionou a chamar de pioneiro*. Sua relevância está indiscutivelmente condicionada à formação e ao empreendedorismo de Radecki, pessoa polêmica sob vários aspectos, mas dotada de incansável capacidade realizadora.” (CENTOFANTI E JACÓ-VILELLA, 2007, p. 179, grifo nosso).

Eis a terceira fase da operação histórica sobre Radecki. De figura polêmica a herói da psicologia nacional, e de herói a pioneiro, agora veremos o último acréscimo de narrativa em cima do personagem. A sugestão de que Radecki seria início de uma “linhagem” pela via da formação de psicólogos aqui ganha corpo e delimitação quando os autores sugerem, através de um subtítulo, que a experiência falida de conversão do laboratório em Instituto de Psicologia seria o “Embrião dos cursos de Psicologia” (p. 186). Centofanti já havia indicado que o curso de psicologia, planejado por Radecki em 1932, era bastante parecido com os cursos da década de 1980: “Grosso modo, o curso profissional que Radecki e seus assistentes planejaram em 1932 não era muito diferente dos que encontramos hoje nas faculdade de Psicologia espalhadas pelo país.” (2004, p.192). Há uma clara *transformação* de semelhança para *herança*.

E é apresentando esta miríade de concepções sobre o personagem que encerramos este capítulo. Na próxima seção, encerraremos com as considerações finais sobre nosso estudo, onde

⁶⁷ A autora aqui se refere à uma rusga entre Campos e Mira y Lopez sobre os modos de regulamentação da profissão de psicólogo. Para maiores detalhes, ver Baptista (2010) e “Os trinta anos de regulamentação” (1992). A regulamentação da profissão de psicólogo no Brasil se deu em 1962 mas teve uma acalorada discussão ao longo da década de 1950.

tentaremos passar em revista dois pontos principais sobre nosso trabalho: um comentário sobre a historiografia subjacente que cria e promove pioneiros e quais questões que tal historiografia suscita e a construção do personagem de Radecki e as de diversas narrativas sobre a história da psicologia do Brasil possíveis a partir dessa construção.

4- Considerações Finais

Chegamos ao final deste estudo, que, como dissemos na introdução, se pretendeu enquanto crítica historiográfica da história da psicologia no Brasil a partir do exemplo de Radecki. Dispomos de ferramentas conceituais e teóricas e examinamos o campo da história da psicologia no Brasil para, enfim, examinarmos o personagem. Mostramos como ele, à sua época, era menos versado e celebrado do que quando fora resgatado em 1982, num momento de resgate, memória e reconhecimento da disciplina da psicologia no país. Após esta retomada, o personagem circularia entre certas narrativas sobre a história da psicologia no Brasil, de modo a, por fim, servir como fio da meada de linhagens diversas que se pretendiam explicar a situação dos psicólogos de hoje em dia.

Nas concepções das quais partimos no primeiro capítulo, a historiografia é o que torna a história um discurso crítico. O cuidado no uso de certas categorias históricas nos permite, por um lado, escapar da teleologia das narrativas que buscam legitimar o campo atual usando o passado, e, por outro, compreender que, em última instância, toda história seria uma operação, com seus limites e possibilidades estabelecidos a partir do lugar ocupado pelo historiador.

Portanto, ao emprendermos estas considerações finais, não pretendemos terminar a crítica como forma de desmerecer ou invalidar o trabalho de alguns psicólogos que escreveram a história da psicologia no país. Nosso intuito é apontar limites e possibilidades através dessa crítica, de modo a apontarmos as conjunturas de emergência dessas narrativas que criticamos e como poderíamos empreender outras narrativas, tentando escapar do perigo de um discurso teleológico e o tornando mais problematizador o processo de construir a história.

4.1- Considerações sobre a historiografia da psicologia no Brasil

Tentamos traçar algumas tendências de escrita da história no Brasil porque pareceu importante tentar compreender como os psicólogos que escreveram a história da disciplina encaravam o discurso histórico. A princípio, já esclarecemos que se trata de uma historiografia bem diferente da qual partimos, mas isso não implica em descartarmos o que foi escrito por estes psicólogos. Cabe, entretanto, críticas construtivas à algumas versões dos que escreveram a história da psicologia no Brasil. E, talvez, a primeira característica que nos chame a atenção seja o personalismo, na figura da busca pelos pioneiros.

O foco na atividade pessoal de alguns poucos e excepcionais indivíduos é uma espécie de marco de nossa historiografia presente, visto que os pioneiros não só são buscados como

constantemente retomados. O exemplo de Radecki não é só bastante pertinente para esta alegação como também deflagrador de outros processos de criação de pioneiros: não só sua esposa, Halina Radecka, também consta em nosso rol de pioneiros da psicologia no Brasil, e assim como Radecki quase nada se sabe sobre seu trabalho. O leitor atento pode retomar na passagem da vida de Radecki que fizemos no capítulo anterior para notar duas ou três menções diretas à Radecka, e quase sempre está atrelada ao seu marido. Pouquíssimo se sabe sobre a personagem em si, mas isso não impediu que o processo de criação de pioneiros a alçasse a um lugar especial em nosso volume de “Pioneiros”.

Outra personagem ligada à Radecki que recentemente alçou lugar de pioneirismo foi Lucília Tavares. A professora municipal, cujo nome completo ou idade de nascimento nos são desconhecidos, figura entre a quinta edição das *Pioneiras da Ciência no Brasil*⁶⁸, custeada pelo *Conselho Nacional de Pesquisa* (CNPq). De autoria de Jacó-Vilella e baseando-se amplamente do texto original de Centofanti, Tavares desponta por ser uma mulher trabalhando na década de 1920 com psicologia e por ter escrito um livro. E, desta informação, outra celebração de um esforço pessoal: Lucília Tavares aparece como “autora do que até agora se conhece como o primeiro livro de psicologia publicado no Brasil por uma mulher: “*Psychologia do Pensamento*”⁶⁹.

Tais críticas da historiografia da psicologia no Brasil podem ser feitas a partir da questão institucional. Toda essa história dos acontecimentos sobre os pioneiros tem a serventia de ajudar a contar a história da disciplina no país. Mais especificamente, uma história que os próprios psicólogos buscam para si, no intuito de reiterar uma certa condição do presente. As linhagens de Jacó-Vilella são, nas palavras da autora, uma tentativa de “construir uma linhagem hipotética iniciada com Radecki que se estenderia até os psicólogos formados hoje em dia”. Ou seja, uma tomada do passado para justificar ou explicar o presente.

Cabe aqui a inserção de uma informação: já dissemos como o *Conselho Federal de Psicologia* se interessa pela história da disciplina. Seja no início dos primeiros trabalhos, seja após os anos 2000, o CFP aparece fortemente no resgate das memórias da disciplina no Brasil. Tanto o volume dos *Pioneiros* de 2001 como o *Primeiros Ensaios* são, ambos, financiados pelo *Conselho*. Chamou-nos a atenção o comentário dessa participação na introdução do *Pioneiros*:

⁶⁸ Disponível em <http://www.cnpq.br/web/guest/pioneiras-da-ciencia-do-brasil5>.

⁶⁹ *Ibidem*.

“Para nós, do Conselho Federal de Psicologia, o apoio, incentivo e investimento no resgate do passado da Psicologia brasileira têm implícito esse gosto de futuro. Com os olhos encharcados de futuro, miramos o passado. Reconhecemos, no nosso passado comum, o patamar para a projeção de perspectivas de mudanças. Sabemos que a desinformação sobre o passado tem forte poder de restrição nas iniciativas do presente, implicando repetições, mimetismos e desenvolvimento tosco. Sabemos que tal desinformação tem levado muitos a se sentirem sempre começando do zero suas iniciativas de transformação.” (2001, p. 12).

Não podemos deixar de retornar às discussões sobre história das ciências do primeiro capítulo: o gênero de história que se dedica à uma condução por demasiado natural dos acontecimentos pode levar à solução de problemas atuais e à criação de uma concepção de história acrítica. A denúncia, aqui, é de uma clara teleologia nesse tipo de narrativa da história das ciências: volta-se ao passado para justificar o presente, e tão somente isto. Não se pensa o que, em nosso presente, nos fez voltar ao passado resgatado.

Soa-nos que o resgate dos pioneiros tem função análoga. Ao retornarmos ao passado “com os olhos cheios de futuro”, estaríamos buscando exatamente o que, naquele passado, justificaria o presente. Mais do que isso, visando uma concepção de disciplina, no nosso caso, a psicologia, que construímos desde o resgate dos pioneiros e instituições até o presente, projetamos uma narrativa teleológica que não escapa a essas intenções. E isso pode se tornar um problema no momento em que perdemos o cuidado com uma escrita crítica da história. Essa condução por demasiado segura dos pioneiros até os psicólogos formados hoje em dia tem um claro limite presentista. Ainda seguindo Videira, a História das Ciências no século XX em diante assumem um teor claramente crítico:

“A História da Ciência no século XX pode ser resumidamente apresentada como tendo realizado um deslocamento de um lugar, onde era considerada primordialmente como responsável pela legitimação de imagens da ciência – o que a tornaria dependente da ciência – para outro, no qual o ponto em questão é a análise crítica de todo e qualquer domínio científico.” (Videira, 2007, p. 127).

Acreditamos que, ao levantar essas críticas, podemos estar ajudando o campo da história da psicologia do Brasil a caminhar para a ocupação desse lugar mais crítico da disciplina da psicologia no país.

Estas são as contribuições que faremos no que toca a história da psicologia no Brasil. Entretanto, queremos aqui esclarecer um ponto: falamos sempre de uma historiografia da psicologia, o que poderia abrir interpretações de um campo unificado, ou mesmo de uma estrutura histórica que possibilitou esse tipo de entendimento. Não poderíamos assumir essa

hipótese por este ser um campo de estudos não só recente como plural e diverso: múltiplas abordagens, muitos autores de diferentes partes do país e com abordagens diferentes (ainda que algumas narrativas, como a da autonomização da profissão e a da história das ideias psicológicas sejam unificadas). Aqui, deixamos claro que nos referimos apenas ao autores que tratamos anteriormente.

4.2- Considerações sobre o personagem de Waclaw Radecki e seus usos

Demonstramos como sucessivas tomadas e retomadas em cima do único texto de 1982 foram dando feição à atividade de Radecki. Gostaríamos de interpretar esta atividade pela transformação de Radecki numa unidade, uma *caixa-preta*, sucessivamente retomada para calçar alegações em torno do laboratório e da psicologia da época.

O uso da ideia de uma caixa-preta serve para uma análise dos estudos sociais da ciência onde os fatos científicos serão, muitas vezes, encarados como caixas-pretas: unidades sobre as quais não precisa saber nada, mas que fundamentam toda uma rede de articulações e funcionamento de uma estrutura de argumentação. Artigos científicos ocasionalmente funcionam desta forma ao renderem a quem o cita um artifício valiosíssimo na argumentação: quando se fundamenta uma determinada alegação y baseado num conhecimento ou fato científico x, é necessário que se questione antes o fato científico x para que se critique a alegação y.

Como exemplo, Latour usa a ideia de *modalidades* as sentenças que modificam ou qualificam outra (p. 40). Por exemplo, consideremos as alegações “1- Os novos mísseis soviéticos direcionados para os silos dos mísseis *Minuteman* tem precisão de 100 metros”; “2- Se [os novos mísseis soviéticos tem precisão de 100 metros], isso significa que os mísseis *Minuteman* não estão mais seguros, sendo essa a principal razão da necessidade do sistema MX.”; e “3- Os defensores do sistema MX no Pentágono permitem taticamente o vazamento da informação de que [os novos mísseis soviéticos tem precisão de 100 metros]”. Notemos que a sentença 1 está presente, entre colchetes, nas sentenças 2 e 3. Entretanto, qualificada de formas *distintas*: não se pode acreditar na sentença 1 se coexistirem as sentenças 2 e 3. Trata-se de modalidades diferentes: as positivas e as negativas. Segundo Latour (1992, p. 42):

“Chamaremos de *modalidades positivas* as sentenças que afastam o enunciado de suas condições de produção, fortalecendo-o suficientemente para tornar necessárias algumas outras consequências. Chamaremos de *modalidades negativas* as sentenças que, ao contrário, levam um enunciado às suas condições de produção, e explicam com detalhes porque ele é forte ou fraco, em vez de usá-lo para tornar mais necessárias algumas outras consequências.”

Podemos dizer, aqui, que o ocorrido com Radecki na história da psicologia no Brasil foi um processo de transformação em *caixa-preta*. O polonês, após tomado pelo texto de 1982, foi subsequentemente sofrendo modalidades positivas sucessivas que o afastaram muito de suas condições de produção, tornando-o uma unidade difícil de ser contestada. Das modalidades positivas, apresentamos muitas: edificador de um projeto de ciência psicológica, dotado de um empreendedorismo e de uma cansável operosidade, responsável pelo embrião dos cursos de psicologia, dentre muitas outras. Carecem, nessas narrativas, modalidades negativas que mostrem como o personagem poderia ser mais instável, e pode se dizer que, no capítulo anterior, mostramos modalidades negativas que fizeram Radecki caminhar de unidade estável a uma sentença algo mais instável: abrimos, portanto, uma caixa-preta.

Qual é a importância dessa interpretação? Talvez esteja no primeiro princípio metodológico na investigação que Latour propõe: “O destino de fatos e máquinas está nas mãos dos consumidores finais; suas qualidades, portanto, são consequência, e não causa, de uma ação coletiva” (p. 423). As qualidades de Radecki não são causa da ação de historiadores sobre sua figura, como forma de retomar sua importância; pelo contrário, são consequência da atuação desses mesmos historiadores em cima do personagem de Radecki. Assim o interpretamos: não resgatado pela sua importância, mas tornado importante após seu resgate.

Nossa intenção não é, deliberadamente, “desconstruir” Radecki, ou mesmo desestabilizar sem razão o personagem. Pensar nas condições de produção de um fato para os estudos sociais das ciências é mais interessante do que investigar este mesmo fato em sua versão mais acabada. O olhar em cima de Radecki através dos textos que dotam o personagem de sucessivas modalidades positivas marcaram as condições de produção dele. Uma investigação dessa produção *em ação*, enquanto é produzida, mostra como muitas dessas modalidades são mais vacilantes do que aparentam.

Três estudos que temos podem aprofundar esta questão. O primeiro se trata do *Uma história sociotécnica do laboratório do Instituto de Psicologia* (FONSECA E FERREIRA, 2015). Ao propor uma história de um laboratório já fechado, discutimos como este foi, desde a *Colônia de Psicopatas* até o *Instituto de Psicologia* da UFRJ, servindo a diversos propósitos: para Radecki, serviu de base para a fundação de seu instituto na *Colônia*. Na *Universidade do*

Brasil, não detectamos evidências de sua utilização, e no atual Instituto de Psicologia serviu até que uma confluência de fatores levassem ao seu fechamento⁷⁰.

Ao retomarmos o laboratório em suas diferentes etapas, tentamos mostrar como seu uso dependeu dos agentes que dele se serviam na época. Ao contrário da narrativa que já examinamos, o laboratório de Radecki não só não constituiu herdeiros (Campos e Grabois não seguiram com a psicologia experimental de seu mestre) como não mais serviu para fundamentar práticas psicológicas como fora em 1924. Entretanto, a importância histórica do laboratório persiste através da análise sociotécnica: no estudo, tentamos demonstrar como este serviu e por quais motivos serviu, suscitando questões sobre o modo de buscar a figura do laboratório como lugar de importância da produção da psicologia no Brasil.

Podemos citar ainda como este mesmo laboratório pode ser encarado através de um jogo de negociações de articulações de Radecki à época de sua fundação. Entretanto, no estudo *Traduções e Translações: Um exemplo de Sociologia da Tradução para a História da Psicologia* (FONSECA, 2014), propomos analisar a fundação do laboratório e sua posterior conversão em *Instituto de Psicologia* como uma rede de associações. O polonês negociou com diversos atores: o Exército, os médicos da *Colônia*, seus colaboradores, com a *Fundação Gaffré-Guinle*, ministrou cursos, tudo isto para formar uma articulação forte o suficiente para sustentar o laboratório.

As narrativas como a de Centofanti fundamentam as ações de Radecki muito em seus feitos, mas nossa tentativa de retomar esta passagem pela via sociotécnica tenta trazer à tona estes muitos atores que formam este arranjo. Sobretudo na conversão do laboratório, quando tal arranjo mostrou-se não tão estável a ponto de manter-se a longo prazo, e então o Instituto se fechou: aqui citam-se motivos, como pressão dos setores da psiquiatria, setores católicos e falta de orçamento, quando desde início esses tipos de fatores “sociais” foram deixados de lado, quase como se a sociedade influenciasse “de fora” o empreendimento de Radecki.

Por fim, os dois estudos acima tratam de “abrir” a caixa-preta e pensar possibilidades de análise para Radecki. Entretanto, um terceiro estudo, *Yes, nós temos Wundt: Radecki e a Psicologia no Brasil* (FONSECA, ROSA E FERREIRA, no prelo) tenta discutir como a colocação da figura de Radecki como pioneiro se assemelha à colocação de Wilhelm Wundt como “pai” da psicologia experimental, apesar de apenas recentemente sua obra ser retomada

⁷⁰ O laboratório, que herdou algumas peças da época de Radecki, já estava ultrapassado e servia apenas à práticas didáticas. A falta de dotação orçamentária também ajudaria no enfraquecimento de sua função.

e suas relações com a Filosofia serem apontadas como cruciais para seu pensamento. Aqui, a consequência de Radecki como uma caixa-preta é tomada em comparação com a figura de Wundt, que sofreu um processo parecido ao figurar até os dias de hoje em alguns livros básicos da história da psicologia como figura de pioneirismo e importância crucial.

4.3- Conclusão

Encerramos, por aqui, nosso estudo. O intuito foi, no início, levantar questões e problemas da historiografia, e sugeri-los à história da psicologia no Brasil. Através do exemplo de Radecki, tomando-o sob diferentes perspectivas, acreditamos ser possível emergirem críticas construtivas sobre o campo da história da psicologia no país.

Por sua recenticidade, é possível que tais críticas sirvam a outros colegas historiadores e à compreensão da psicologia em nosso país, dentro de seu desenvolvimento histórico. Esperamos ter sido algo conclusivos neste empreendimento, e que estas críticas fomentem debates e novas produções críticas no campo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Mitsuko Aparecida Makino. **História da Psicologia no Brasil: Primeiros Ensaio**s. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004. 228p.

_____. **A Psicologia no Brasil: Leitura histórica de sua constituição**. São Paulo: Ed Educ. 2001. 136p.

_____. A psicologia científica no Brasil no século XX: Desenvolvimento científico e profissional. In: MASSIMI, Marina, GUEDES, Maria do Carmo, MASIERO, André Luis (Orgs). **História da Psicologia no Brasil: Novos Estudos**. São Paulo: Ed. Educ., 2004. P. 109 – 123.

_____. A consolidação da psicologia no Brasil (1930 - 1962): Sistematização de dados e algumas aproximações analíticas. In: **Psicologia da Educação**, São Paulo, 22, 1º sem. de 2006, pp. 79-94.

BATISTA, Marisa Todescan Dias da Silva. A Regulamentação da Profissão Psicologia: Documentos que explicam o processo histórico. In: **Psicologia: Ciência e Profissão**. Brasília, v. 30, n. esp. pp. 170-191.

CÁCERES, Alfredo. **La obra psicológica de Radecki (1910 – 1935)**. Montevideo: Alfar. 1935. 125p.

CAMPOS, Nilton. Necrológio Waclaw Radecki (1887 - 1953). In: **Boletim do Instituto de Psicologia**. Rio de Janeiro, v. 3, n. 3, p.1-3, abr. 1953.

CENTOFANTI, Rogério. Radecki e a Psicologia no Brasil. In: **Psicologia: Ciência e Profissão**. Brasília, v. 3, n.1, 1982. pp. 2-50.

_____. Radecki e a Psicologia no Brasil. In: ANTUNES, Mitsuko. (Org.). **História da Psicologia no Brasil: Primeiros Ensaio**s. Rio de Janeiro: EdUERJ. 2004. pp. 177-208.

_____. **O discriminacionismo afetivo de Radecki**. Memorandum, v. 5, pp. 94 – 104. Disponível em: <http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/artigos05/centofanti01.htm>. Acesso em: 13 fev. 2016.

CENTOFANTI, Rogério; JACÓ-VILELLA, Ana Maria. O laboratório da Colônia de Psicopatas do Engenho de Dentro. In: CAMPOS, Regina Helena de Freitas; VIEIRA, Rita de Cássia (Orgs.). **Instituições e Psicologia no Brasil**. Rio de Janeiro: Nau, 2007. pp. 179-192.

CUKIERMAN, Henrique. **Yes, nós temos Pasteur**: Manguinhos, Oswaldo Cruz e a história da ciência no Brasil. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Faperj, 2007. 427p.

DE CERTEAU, M. A operação histórica. In: LE GOFF, Jacques, NORA, Pierre (Orgs.). **História**: Novos problemas. Rio de Janeiro: Francisco Alves. 1988, p. 17 – 48.

DUBY, Georges. O historiador hoje. In: LE GOFF, Jacques (Org.). **História e nova história**. Lisboa: Teorema. 1986. pp. 5-20.

ENTREVISTA com William Barbosa Gomes. 2012. Disponível em <http://ripehp.com/2012/06/03/entrevista-com-william-barbosa-gomes-coordenador-do-grupo-de-trabalho-em-historia-da-psicologia-da-associacao-nacional-de-pos-graduacao-e-pesquisa-em-psicologia-anpepp/>. Acesso em: 13 fev. 2016.

FERREIRA, Arthur Arruda Leal. Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IP/UFRJ). In: JACÓ-VILELLA, Ana Maria (Org.). **Dicionário Histórico de Instituições de Psicologia no Brasil**. Rio de Janeiro: Imago. 2011. pp. 317-319.

FIGUEIREDO, Luis Claudio M.; DE SANTI, Pedro Luiz Ribeiro. Prefácio. In: _____. **Psicologia**: Uma (nova) introdução. São Paulo: Educ. 2014. 104p.

FONSECA, Luiz. **Traduções e Translações**: Um exemplo de Sociologia da Tradução para a História da Psicologia. 2014. Acesso em: 13 fev. 2016. Disponível em: <http://www.14snhct.sbhc.org.br/arquivo/download?ID_ARQUIVO=1803>.

FONSECA, Luiz; FERREIRA, Arthur Arruda Leal. Uma história sociotécnica do laboratório do Instituto de Psicologia. In: BOCK, Ana Mercês Bahia. (Org.). **Práticas e Saberes Psi**: Os novos desafios à formação do psicólogo. Florianópolis: Edições do Bosque. 2015. pp. 10-27.

FONSECA, Luiz; DA ROSA, Hugo Leonardo Rocha Silva; FERREIRA, Arthur Arruda Leal. Yes, nós temos Wundt: Radecki e a psicologia no Brasil. **Revista Thesis**. No prelo.

FOUCAULT, M. **A hermenêutica do sujeito**. Trad. Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. 1a Ed. São Paulo: Martins Fontes. 2004. 510p.

GOMES, William Barbosa. **Pesquisa e Prática em Psicologia no Brasil**. 2003. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/museupsi/ppnb.htm>>. Acesso em: 13 fev. 2016.

HOJAS DE PSICOLOGIA. Montevideo: Cepur, v. 12, 1953.

KUHN, Thomas S. **A tensão essencial**. São Paulo: Unesp, 2011. 408 p.

LATOUR, Bruno; WOOLGAR, Steve. 1997. **A vida de laboratório**: a produção dos fatos científicos. Rio de Janeiro: Relume Dumará. 1988. 318p.

LATOUR, Bruno.. O fluxo sanguíneo da ciência: Um exemplo da inteligência científica de Joliot. In: LATOUR, Bruno. **A Esperança de Pandora**. Bauru: Edusc, 2001. p. 97 – 132.

_____. Máquinas. In: **Ciência em Ação**: Como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora. São Paulo: UNESP, 1997. pp. 169 – 238.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 7. ed. Campinas: Unicamp, 2013. 504 p.

_____, Jacques. A História Nova. In: LE GOFF, Jacques, NORA, Pierre. **A História Nova**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. As mentalidades: uma história ambígua. In: LE GOFF, Jacques. **História**: novos objetos. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

MARIA do Carmo Guedes. In: **Psicologia**: Ciência e Profissão. Brasília, v. 29, n. 2, 2006. p. 432.

MARTINS, Roberto de Andrade. Ciência versus historiografia: os diferentes níveis discursivos nas obras sobre história da ciência. Pp. 115-145, in: ALFONSO-GOLDFARB, Ana Maria; BELTRAN, Maria Helena Roxo (orgs.). **Escrevendo a História da Ciência: tendências, propostas e discussões historiográficas**. São Paulo: EDUC / Livraria de Física, 2005.

MASSIMI, Marina. **História da psicologia brasileira: Da época colonial até 1934.** São Paulo: Ed. Epu. 1990. 84p.

_____. A construção da psicologia (saberes e ciências psicológicas) na cultura brasileira: uma perspectiva histórica. In: LOURENÇO, Érika; ASSIS, Raquel Martins; CAMPOS, Regina Helena de Freitas (Orgs.). **História da psicologia e contexto sociocultural: Pesquisas contemporâneas, novas abordagens.** Belo Horizonte: PUC Minas. 2012. pp. 55-70.

MASSIMI, Marina; BROZEK, Josef (Orgs.). **Historiografia da Psicologia Moderna: Versão Brasileira.** São Paulo: Loyola. 1998. 440p.

MASSIMI, Marina; CAMPOS, Regina Helena de Freitas. **Josef Brozek (1913 - 2004): História e Memória.** 2004. Disponível em: <<http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/artigos06/nota01.htm>>. Acesso em: 13 fev. 2016.

PENNA, Antônio Gomes. **História da Psicologia no Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: Imago, 1992. 160p.

_____. Formação de psicólogos no Brasil. In: **Arquivos Brasileiros de Psicologia.** v. 32, n. 1, 1980. Rio de Janeiro. pp. 545-548.

_____. Waclaw Radecki (1887 – 1953). In: CAMPOS, Regina Helena de Freitas (Org). **Dicionário Biográfico da Psicologia no Brasil: Pioneiros.** Rio de Janeiro: Imago. 2001. pp. 314-316.

_____. Breves contribuições à história da psicologia aplicada no Rio de Janeiro. In: FERREIRA, Arthur Arruda Leal; PENNA, Marion Merlone Santos. **Antônio Gomes Penna: Convivências, Histórias e Memórias.** Rio de Janeiro: Nau. 2015. pp. 265-278.

RADECKI, Waclaw. **Tratado de Psychologia (Resumido).** Buenos Aires. 1933.

_____. **Psicopatologia Funcional.** Buenos Aires: Editorial Instituto de Psicologia. 1963.

RADECKI, Waclaw. REZENDE, Gustavo. **Introdução à Psychoterapia.** Rio de Janeiro: Ed. Scientifica Brasileira. 1926.

SOARES, Antônio Rodrigues. A Psicologia no Brasil. In: **Psicologia: Ciência e Profissão**. Brasília, s/v, n. 0, 1979. pp. 5-59.

STUBBE, Hans. História da Psicologia no Brasil. In: **Arquivos Brasileiros de Psicologia**. Rio de Janeiro, v. 40, n. 1, 1988. pp. 113-117.

Trabalhos de Psicologia: Volume II. Rio de Janeiro, 1929.

TRINTA ANOS DE REGULAMENTAÇÃO. In: **Psicologia: Ciência e Profissão**. Brasília, v. 12, n. 2, 1992. pp. 4-9.

VIDEIRA, Antônio Augusto Passos. História e historiografia da ciência. **Escritos**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p.111-158, 2011. Disponível em: <http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/revistas/Escritos_1/FCRB_Escritos_1_6_Antonio_Augusto_Passos_Videira.pdf>. Acesso em: 02 fev. 2016.

APÊNDICE – Dossiê Radecki

Para esta parte do trabalho, iremos empreender uma abordagem diferente. Ao final do nosso estudo, discutimos como Radecki se constituiu numa espécie de *caixa-preta*: redescoberto por Centofanti em 1982, o polonês foi tomado pelos comentadores posteriores como uma certeza indiscutida. Todo o nosso percurso anterior se dedicou a demonstrar essas operações de transformação, e nesta seção faremos diferente: a ideia é “abrir” a caixa-preta.

Como estabelecemos, muito de Radecki ainda permanece, de certa forma, um mistério. Entretanto, ao longo de mais de dois anos de pesquisa, foi levantado material o suficiente para questionar, reiterar e até corrigir algumas passagens, detalhes, datas e eventos sobre a vida de Radecki. Como o intuito da dissertação era uma discussão mais historiográfica, este material será aqui aproveitado para tentar abrir essa caixa-preta.

Para tanto, tentaremos aqui realizar uma operação histórica por nossa conta: questionaremos as narrativas que temos a partir dos documentos que conseguimos obter de modo a demonstrar como algumas das escolhas realizadas por Centofanti e os demais comentadores podem ser vistas por outros ângulos. E partiremos, então, de fontes alternativas às já utilizadas anteriormente.

Com relação à vida de Radecki na Europa, é muito complexo obter qualquer tipo de material: cartas, relatos, livros etc. Tanto pela barreira da língua polonesa como pela dificuldade de levantar este tipo de material do início do século XX. Muito provavelmente já se perdeu, e será uma surpresa se ainda existir material desse tipo. Entretanto, conseguimos contato com um biógrafo polonês e com a Universidade de Cracóvia, que nos renderam informações que levaram a um jornal que explica o motivo da saída de Radecki da Polônia para o Brasil.

Com relação à vida de Radecki já em solo brasileiro, temos farto material disponível na figura dos livros que o polonês publicou, bem como os escritos em história da psicologia no Brasil e, por fim, uma compilação de cerca de 80 jornais de época, entre 1923 e 1933, dos quais conseguimos extrair informações que ajudam a precisar o traslado de Radecki pelo Brasil, bem como sua atuação profissional e algo de sua impressão tida pela sociedade e pelos intelectuais da época.

Por fim, com relação à sua imigração para a Argentina e para o Uruguai, dispomos de material também abundante. Graças a uma pesquisa realizada na cidade de Montevideo – onde Radecki faleceu – pudemos ter acesso à arquivos e bibliotecas que os historiadores da psicologia

no Brasil ainda não tiveram pleno acesso. Isto nos rendeu desde volumes pouco explorados – como a monografia *Os Fenômenos Psicoelétricos*, por exemplo – como os boletins que Radecki publicou no Uruguai e detalhes de seus últimos anos de vida.

Portanto, munidos destas novas informações, vamos partir para explorar essa caixa-preta de modo a provocar uma nova narrativa de Radecki no futuro. Acreditamos, entretanto, que por mais que possamos sugerir correções a partir de datas, livros, jornais e fascículos, será apenas um acréscimo a partir de novas fontes e não um fechamento de sua história, visto que a reorganização deste material por outros historiadores poderia gerar um documento diferente deste.

A vida na Europa

Examinar a vida de Radecki em solo polonês é importante para a história da psicologia no Brasil pois muito do que se celebra deste personagem aqui advém de sua atuação prévia na Europa. Entretanto, como indicamos, alguns aspectos de sua biografia lá foram omitidos ou deixados de lado, aspectos estes que também farão diferença em sua vida no Brasil. O fio condutor desta seção será, prioritariamente, a *Biografia* (1953) anteriormente mencionada, sendo posteriormente citadas todas as fontes que acrescentam algo a esta narrativa.

Nascido em 27 de outubro de 1887, Waclaw Radecki era filho de José Wenceslao Radecki, estudante de medicina, e Alejandra Edwiges Siekierz, aluna do Conservatório de Varsóvia. Seu pai faleceu antes de seu nascimento, tendo contraído tuberculose de um paciente, o que resultou na educação inteiramente por parte de sua mãe. Desde cedo, a *Biografia* sugere um teor político na vida de Radecki, pois indica que seu pai teria sido fundador do *Partido Socialista Polonês*, e que sua mãe o educou dentro de um ideário patriótico polonês. Tais informações ganham mais sentido se levando em consideração o contexto do país: a Polônia ficou sob domínio de outras nações, com o território dividido entre o império russo, alemão e a Áustria até 1918, fim da Primeira Guerra Mundial, onde alcançaria sua independência (período conhecido como “Segunda República Polonesa”). A *Biografia* indica os problemas dessa ocupação quando Radecki, ainda jovem, teve sua formação em escolas de ocupação russa, onde teria sofrido por sua origem polaca, “castigos diários por sua conduta patriótica” (p. 3).

Em 1905, completa 18 anos e participa da conturbada vida política polonesa, onde acaba por se ferir e contrair tuberculose. Viaja para a França por questões de saúde e retorna à seu país, onde é expulso de sua escola por “haver conspirado contra o czar” (p. 3). Em seguida, parte para Cracóvia e se inscreve como ouvinte na *Universidade Jagiellona de Cracóvia*,

iniciando estudos em psicologia e onde a *Biografia* cita o que teria sido um de seus primeiros trabalhos: “Em que critério se pode apoiar para tornar independente o psicológico do filosófico-religioso e ampará-lo na Biologia” (p. 4). Esta é uma menção interessante pois é creditada a um Radecki de apenas 16 anos de idade⁷¹, estudando livremente psicologia ainda nos anos escolares e produzindo um texto desse tipo. Acreditamos que a *Biografia* tem limites, e este é possivelmente um deles: entrelaçar acontecimentos com certas doses de “heroísmo”.

Teria voltado a Varsóvia logo em seguida a pedido do Partido Socialista, e em meio à atividade política, segue seus estudos de música e de psicologia. Entretanto, “antes de cair nas mãos da polícia czarista, consegue escapar ao estrangeiro” (p. 4), em 1907, onde parte para a Itália. Até 1908, se inscreve como ouvinte e, posteriormente, estudante regular da Faculdade de Ciências Naturais e também executa atividades como violoncelista em Florença. Entretanto, em 1908, parte para Genebra, onde inicia seus estudos com Edouard Claparedè. Esta é uma passagem importante para Radecki, pois o contato com Claparedè irá influenciar seus escritos, sendo recorrentemente citado em seus textos. Após se matricular na Faculdade de Ciências Naturais e Medicina de Genebra, e em 1910 é nomeado assistente de laboratório de Claparedè. Segundo a *Biografia*, se filia a sociedades políticas polonesas de Genebra, que o enviam a outras cidades: Munique, Paris, Bonn etc. Esta é uma famosa passagem da vida de Radecki, celebrada por Centofanti (1982) e outros historiadores brasileiros, pois, nesta ocasião, Radecki teria travado contato com outros laboratórios de psicologia da Europa, de psicólogos como Kraepelin, Kulpe, Toulouse e outros (p. 4 – 5).

Em 1911, termina sua tese de doutorado, *Os Fenômenos Psicoelétricos* (1911), publicando-a e, em seguida, sendo nomeado docente livre da *Universidade de Genebra* (p. 5). Logo em seguida, em 1912, volta à Polônia, na cidade de Cracóvia, para o *Congresso de Psicologia, Psiquiatria e Neurologia*, onde apresenta sua tese. Permanece na cidade e se filia à Universidade local, onde organiza um laboratório de psicologia. Segundo a *Biografia*, desenvolve dois trabalhos (*Psicologia dos sentimentos e da emoção* e *Elementos psicológicos em psicanálise*) e organiza duas publicações (*Psicologia da associação das representações*, de

⁷¹ Aqui, uma breve confusão de idades e datas: A *Biografia* menciona Radecki chegando ao último ano do ensino básico de colégio em 1905, “ano da revolução”, onde participa de atividades políticas, viaja para a França e volta para ser expulso em seguida. (p.3). Na página seguinte (p.4), menciona a inscrição na *Universidade Jagiellona de Cracóvia* como ouvinte e o seu “primeiro trabalho” aos 16 anos. Tendo nascido em 1887 e sido expulso no último ano de colégio em 1905, já tinha no mínimo 18 anos de idade, e não apenas 16. Não temos meios de detectar ou mesmo de sugerir algum erro/manipulação por parte dos editores da *Biografia*, mas reforçamos nossa hipótese de acontecimentos plausíveis com uma dose de grandeza – às vezes sutil, às vezes mais perceptível.

1912, e *Psicologia da Vontade*, de 1914). Entretanto, em 1914 se inicia a Primeira Guerra Mundial, e a Polônia se encontra próxima ao estouro do conflito.

É neste ponto que, novamente, a vida política de Radecki se apresenta. A *Biografia* cita inúmeras participações de Radecki em diversos estágios do conflito e em diversas frentes, cujo trabalho de Centofanti (1982, p. 181) dedica apenas um breve parágrafo sobre. Não nos interessa confrontar versões ou mesmo estabelecer a maior (ou menor) veracidade da *Biografia*; sobretudo, nos interessa demonstrar como um evento de vulto como a *Primeira Guerra Mundial* certamente afetou a vida de Radecki, não tendo sido levado em consideração pela história da psicologia no Brasil. Em nossa historiografia, o homem que em uma narrativa (*Biografia*, 1953, p. 5 – 6) se desloca para Varsóvia, participa de *Comitês Cidadãos*, ministra cursos em uma *Universidade Livre Polaca* e ainda dirige uma seção de refugiados (sendo, neste ínterim, creditado por salvar 60 mil polonês de serem exterminados pelas tropas russas) se transforma no homem que, na outra narrativa – a brasileira, que se utiliza da mesma fonte – “retomou suas atividades patrióticas lutando contra o exército russo de dominação e posteriormente contra o exército alemão” (Centofanti, 1982, p. 181). Duas maneiras díspares de se tratar o mesmo período, duas formas distintas de se realizar uma operação histórica.

Não à toa se percebe uma diferença enorme de tons nas duas narrativas: a *Biografia* se interessa pelo heroico professor, recém-falecido à época de sua escrita, enquanto que a história da psicologia do Brasil pula seus feitos e se interessa pela psicologia, como notamos quando, ainda no mesmo parágrafo, Centofanti retoma as atividades de Radecki, que teria organizado outro laboratório na Universidade Livre da Polônia, que posteriormente se tornaria uma Faculdade de Psicologia e tendo Radecki como decano (*Biografia*, p. 6). À história da psicologia no Brasil, interessa o Radecki psicólogo, fundador de laboratórios e instituições de ensino e pesquisa, criador de um sistema original e autoral, figura de pioneirismo da ciência psicológica.

Após publicar, em 1919, o volume *Psicologia do Pensamento* e, em 1920, *Psicologia do Exército*, Radecki ainda se uniria mais uma vez ao exército de seu país para combater a invasão russa junto ao regimento de cavalaria, que seria resolvida após firmada a *Paz de Riga*, tratado que firmou as fronteiras entre os países e que seria quebrado durante os eventos da *Segunda Guerra Mundial*. A partir deste ponto, a *Biografia* menciona que Radecki teria realizado uma viagem de estudos pela Europa e, em 1923, “resolve transladar-se ao Brasil” (1953, p. 7). Centofanti segue com este aparente salto de três anos, onde menciona que, “por motivos ignorados” (1982, p. 181), mudou-se para Curitiba, no Paraná.

Temos, no entanto, algumas evidências que os motivos seriam um tanto mais específicos. Centofanti menciona numa breve nota de rodapé que Radecki teria sido pressionado pelo meio na época, pois já estaria com sua segunda esposa, Halina Radecka, enquanto ainda estavam vivas sua primeira esposa e a filha do primeiro casamento. Poderíamos atestar esta informação através da dedicatória encontrada na sua tese, *Os Fenômenos Psicoelétricos*, onde consta “Para minha filha, Lila”: Radecki teria deixado uma filha para trás, o que tornaria a hipótese de Centofanti mais embasada.

Porém, isso não explicaria os três anos sem atividade mencionada pela *Biografia*. O leitor atento percebeu que Radecki, mesmo nos anos mais conturbados de atividades, tanto políticas como acadêmicas, não deixava de estar ativo em alguma frente: na *Primeira Guerra*, teria também ministrado aulas na faculdade livre; como decano e membro da *Faculdade de Psicologia da Universidade Livre*, teria também se alistado ao regimento de cavalaria contra os russos. Até mesmo sua lista de trabalhos publicada ao fim da *Hoja de Psicologia* onde se encontra a *Biografia* consta um hiato de publicações entre 1920 e 1923. O que parece explicar esse hiato teria sido o envolvimento de Radecki com um caso de acusação de abuso e estupro.

Segundo o jornal polonês “Národ”⁷², de 23 de junho de 1920, Radecki teria influenciado sua paciente através de métodos hipnóticos de modo a ganhar sua afeição e se aproveitar dela, posteriormente tentando forçá-la a se prostituir e em seguida vendê-la. A vítima, cuja identidade foi protegida, teria tentado o suicídio devido ao sofrimento gerado pelo suposto abuso de Radecki. É importante citar que o ocorrido teria acontecido em Geneve, enquanto Radecki trabalhava como assistente de laboratório. O jornal aponta que uma comissão especial da *Universidade Livre de Genebra* o acusou formalmente após a *Corte Local* julgar os crimes. Aparentemente, apenas a acusação de influência por meios de hipnose foi provada, visto que a acusação de prostituição da vítima foi considerada sem provas e a de tentar vendê-la considerada infundada.

O jornal termina por apontar que, como o crime já teria ocorrido antes e em outro país, a pena de 8 anos de trabalho pesado (*hard labour*) não poderia ser facilmente aplicada, portanto clamando para que a notícia fosse replicada em outros jornais de modo a deter as ações de Radecki em solo polonês, já que sua prisão poderia ser, na prática, impossível de ser realizada. Tal notícia é importante pois revela um bom motivo para Radecki emigrar da Europa para o

⁷² Este jornal foi obtido através do contato direto com a biblioteca da *Universidade de Varsóvia*, em seu acervo. Obtivemos uma cópia digitalizada e traduzimos em solo brasileiro.

Brasil, preenchendo os “motivos ignorados” de Centofanti com uma hipótese plausível: os três anos de hiato de produção provavelmente teriam sido de ostracismo e problemas legais, motivando a saída do país para outro continente de modo a livrar-se do estigma de abusador.

Com essa hipótese em aberto, encerramos a parte que comentamos a biografia de Radecki em solo europeu, aproveitando também para nos desvincularmos um pouco da *Biografia* que estávamos seguindo até agora. É importante apontar que, sempre que possível, estabelecemos a possibilidade da nossa narrativa em cima de uma revisão e construção do documento histórico, nunca tomando-o como plena verdade. Aqui, tentamos mostrar como parte da vida política pode ser colocada no foco da narrativa historiográfica brasileira, e adiante mostraremos que, ao contrário do que supôs Centofanti em seu texto original de 1982, Radecki teve vida política – e social – ativa para além do laboratório.

3.1.2 – Radecki no Brasil

A fundamentação da seção anterior foi a *Biografia* de Radecki, publicada por seus alunos no ano de seu falecimento. Fundar a seção que fala da vida de Radecki na Europa em cima de tal narrativa foi estratégica: serviu para apontarmos como a história da psicologia no Brasil experimentou um Radecki fruto de uma operação histórica específica. O heroico professor e patriota da *Biografia* é lido, pelos brasileiros, como um psicólogo exímio, que frequentou os mais importantes laboratórios de psicologia da sua época e que já trazia consigo a semente de seu sistema psicológico, contribuindo amplamente com o cenário psicológico da época. (Centofanti, 2004/1982; Stubbe, 1987; Massimi, 1990; Penna, 1992; Jacó-Villela, 2000; Antunes, 2001; Penna, 2001; Antunes, 2004; Centofanti e Jacó-Villela, 2007). Sobretudo, tal leitura surge do texto original de Rogério Centofanti, fonte básica para todas as menções e operações sobre Radecki, direta ou indiretamente. Na próxima seção, passaremos em revista detalhadamente estes textos.

Longe de apontar qual operação histórica é a mais acurada, adequada ou correta, utilizamos essa narrativa para mostrar o uso que se faz de um documento pelo historiador. Inclusive, a própria *Biografia* faz seus usos de acontecimentos e fontes para legitimar sua versão, e ambas contém um elemento em comum: o teor monumental, heroico e quase hagiográfico sobre Radecki, tido como fundador de laboratórios, detentor de um sistema psicológico original e ainda responsável por uma linhagem de psicólogos no país.

Portanto, já podemos adiantar algo recorrente nas informações que temos sobre Radecki: após seu resgate e reconstrução nos anos 1980, muitas informações serão trabalhadas

em prol desse tom heroico, que no Brasil irá ganhar ares de pioneirismo. Isto torna nosso trabalho especificamente complexo: não iremos nem reescrever o que já foi escrito, tampouco apenas reler ou comentar. Através do exame destes textos, conseguiremos, lançando mão de informações novas, apontar os limites nessa operação histórica, limites estes que levarão aos problemas que levantaremos no próximo capítulo. Esta seção é talvez a mais importante, pois detém as informações mais caras à história da psicologia no Brasil. Então aqui empreenderemos um trabalho mais metucioso e cuidadoso.

Da chegada no Brasil até o Laboratório da Colônia

A partir deste momento, já podemos lançar mão de mais bibliografia e fontes primárias em maior quantidade, já que o ano de 1923 marca a chegada de Radecki ao Brasil (*Biografia*, 1953, p. 7). É neste período que começam a surgir menções ao nome de Radecki na mídia brasileira, sendo a mais antiga encontrada um pequeno texto na primeira página do jornal “Commercio do Paraná”, de 08 de maio de 1923. Tratava-se de um anúncio sobre um concerto, onde o “distinto musicista dr. Waclaw Radecki” executaria no violoncelo, com um quarteto de cordas, músicas de câmara e diversas sonatas.

Esta informação é importante pois, como veremos mais adiante, os jornais indicam que Radecki teria tentado alguma inserção da sociedade civil através de seus cursos de psicologia, quase todos livres para o público, bem como suas conferências diversas e demais publicações. Além das aparições por conta da música, como o exemplo acima, a pesquisa em jornais indicou uma vida pública que não se restringiu às atividades relacionadas à Psicologia. Os textos midiáticos mostram, de fato, que Radecki teve seu nome vinculado não somente aos cursos de psicologia que ministrava mas também às atividades de sarau e apresentações de violoncelo, bem como atuando na comunidade polaca no Brasil.

Como mencionamos, Centofanti diz que “por motivos ignorados, trasladou-se para o Brasil, em companhia de Halina, sua segunda mulher.” (2004, p. 181). Para Centofanti, Halina tinha um irmão residindo no Paraná, daí a escolha do país e da cidade de residência. No entanto, esta informação pode ser contrastada com outras versões: segundo Eliezer Schneider⁷³, Radecki teria escolhido o Paraná para “travar contatos com parentes da coletividade polono-brasileira” (1992, p. 132). Esta hipótese será melhor trabalhada adiante com o estudo de alguns jornais,

⁷³ Eliezer Schneider (1916-1998) foi professor do Instituto de Psicologia da Universidade do Brasil e, posteriormente, da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Foi contemporâneo de Jayme Grabois e Nilton Campos, ambos alunos de Radecki na Colônia de Psicopatas.

mas indica que Radecki teria contatos previamente estabelecidos com a colônia polaca no Brasil.

Entre 1923 e 1924 existem muitas informações obtidas pela pesquisa sobre os deslocamentos e atividades de Radecki no Brasil. Teria realizado, ao final de maio, um concerto de música de câmara junto com músicos locais da cidade de Curitiba, como anunciado no jornal “Commercio do Parana” nos dias 08 e 23 de maio e comentado no dia 29. Na mesma época, teria realizado, nos dias 28 e 30 de maio, conferências sobre psicologia na Universidade do Paraná, com o detalhe do uso do “galvanômetro do gabinete de Física da Universidade”.

Encontramos indícios de uma viagem de Radecki para São Paulo, corroborados pelo relato de Centofanti (2004, p. 182), que informa a publicação da conferência *Métodos psicanalíticos em Psicologia*. Tal conferência, conforme anunciada pelo “Correio Paulistano” (dias 21 e 22 de junho), foi realizada entre os dias 21 e 30 de junho de 1923, assim como a conferência *Objetos e Métodos da Psicologia Contemporânea*. Haveria ainda uma terceira conferência, *Vida Afetiva*, também ocorrida entre esses dias, como informa o extenso artigo do “Correio” do dia 30 de junho. Há nesse artigo um resumo das conferências de Radecki, tecido com elogios e mostrando duas declarações interessantes: uma de que Radecki pretendia “fundar um curso de psicologia teórica e aplicada” e um laboratório de psicologia experimental”. O artigo do dia 30, especialmente, traz uma reflexão das ideias e proposições de Radecki, descrevendo desde suas inspirações científicas e filosóficas, seus métodos de estudo de psicologia e ainda narra uma demonstração com o galvanômetro. Adiante, dissertaremos mais sobre este artigo.

Há outro traslado de Radecki, desta vez para o Rio e sem detalhes até então, ainda em 1923. Foi por um breve período de julho, possivelmente após a passagem por São Paulo, onde proferiu uma ou duas conferências sobre os fenômenos psico-elétricos na Academia Brasileira de Ciências, conforme os jornais “Correio da Manhã” (13 e 18 de julho de 1923) e “O Jornal” (18 de julho de 1923). O mais interessante desta conferência teria sido a presença de Manoel Bomfim, como indicado pelo “Correio” do dia 13. Aqui, levanta-se a possibilidade de Radecki ter travado contato com Bomfim já em 1923.

Esta visita é a que Penna (2001, p. 314) sugere como sendo uma “curta visita ao Rio de Janeiro” feita por Radecki, onde teria encontrado Manoel Bomfim e conhecido um livro seu. Esta informação é importante pois, de acordo com a literatura (Centofanti, 2004/1982, p. 182), o contato destes dois só teria sido realizado em 1924, quando Radecki, já no Rio de Janeiro,

teve conhecimento de um livro de Manoel Bomfim e, por meio deste, encontrado o autor. Na verdade, os dois textos citados divergem quanto ao livro de Bomfim: enquanto o primeiro fala que Radecki teve conhecimento do *Noções de Psicologia*, de 1917, Penna afirma ter sido o *Pensar e Dizer*, publicado em 1923. Incongruências à parte⁷⁴, teria sido a partir do encontro com Bomfim que sucederam os eventos que levariam Radecki a trabalhar na Colônia de Psicopatas do Engenho de Dentro. No entanto, podemos aprofundar esta versão com alguns breves acréscimos⁷⁵.

Após estas viagens, Radecki teria voltado para Curitiba, onde ainda residia. O jornal “O Dia” daquela cidade anuncia ainda um curso de psicologia e outro de música ministrados por Radecki em agosto de 1923, assim como um concerto no dia 29 de dezembro de 1923, de acordo com o jornal “A República”. Porém, em 1924, o jornal “O Dia”, ao longo de janeiro (dias 01, 08, 15 e 17) anuncia concertos de Radecki na cidade. Em fevereiro (dias 10, 22, 24 e 27), há o anúncio de uma homenagem ao polonês: um concerto para sua despedida de Curitiba, a ser realizado no dia 27 daquele mês. Podemos supor que, após as viagens de 1923, Radecki travou contatos com os psiquiatras e médicos cariocas, incluindo Manoel Bomfim, o que o levou a preparar sua mudança para o Rio de Janeiro. Para corroborar tal hipótese, há o anúncio do jornal “Correio da Manhã” do dia 30 de março de 1924, anunciando a chegada do “Professor Radecki” ao Rio de Janeiro, que “veio contratado pela Fundação Gafreé-Guinle para chefiar o laboratório de psicologia do serviço de Profilaxia Mental da Colônia de alienados do Engenho de Dentro”. É possível, portanto, que ele já tivesse uma indicação para trabalhar num possível laboratório já existente na colônia.

Todas essas informações convergem para um problema existente com relação à Radecki e o laboratório da Colônia de Psicopatas: as informações existentes atualmente na bibliografia da história da psicologia no Brasil são incongruentes entre si. Mais precisamente, podemos citar três nomes propondo três datas distintas para a fundação/funcionamento do laboratório, e deste

⁷⁴ À guisa de curiosidade, o leitor atento percebe que o jornal que citamos corrobora a versão de Antônio Gomes Penna, o que pode contribuir para uma futura retificação deste desencontro de informações.

⁷⁵ Aqui, uma menção à *Biografia*: Esta alega que Radecki saiu de Curitiba ao Rio de Janeiro para trabalhar no Laboratório da Colônia de Psicopatas a convite: “[...] é chamado pelo Ministério do Interior e da Saúde Pública à Capital Federal, oferecendo-lhe organizar e dirigir o o Laboratório de Psicologia da Colônia de Alienados do Engenho de Dentro” (1953, p. 7). É bastante provável que esta passagem não tenha ocorrido desta forma, mas atentamos ao modo que Rogério Centofanti a trata, alegando que “[...] Mas isto [o convite ministerial] não aconteceu.” (2004/1982, p. 183, nota de rodapé). Talvez, mais complexo que provar, na escrita da história das ciências, que algo aconteceu, se baseando em evidências, seja provar que algo *não aconteceu*, sobretudo sem utilizar evidências. Fica registrada nossa crítica.

problema derivam alguns autores tomando estas informações desencontradas e derivando delas interpretações próprias.

Como já dito, Radecki trabalhou na *Colônia de Psicopatas do Engenho de Dentro* (ou Serviço de Alienados). No entanto, esta é uma passagem ainda confusa na história da psicologia no Brasil, sobretudo por causa do laboratório da colônia, mencionado inúmeras vezes por alguns historiadores. Caberia aqui algumas retificações e questionamentos sobre esta história, de modo a possivelmente esclarecer alguns pontos.

A participação de Radecki na Colônia de Psicopatas girou, como já adiantado diversas vezes, em torno do laboratório que lá funcionou, e este foco é ampliado nas narrativas existentes. Conforme a introdução deste texto, as primeiras menções a Radecki e o laboratório da Colônia encontram-se nos textos de Plínio Olinto, Anita Cabral e Lourenço Filho. Mais precisamente, Olinto (2004, p. 27) indica que Gustavo Riedel, diretor da colônia, adquiriu os materiais para o Laboratório em 1923, e o diretor interino da Colônia “entregou todo o material a Waclaw Radecki”. Cabral (2004, p. 64) indica que Radecki chefio um “Instituto de Psicologia” de 1925 a 1932, onde na verdade haveria apenas o laboratório mencionado por Olinto. Já Lourenço Filho (2004, p. 93; 2004, p.110) indica que Radecki foi diretor do laboratório.

Rogério Centofanti, por sua vez, sugere uma alternativa. Ele conta que Riedel, inspirado pelo movimento higienista, angariou recursos com a *Fundação Gaffré-Guinle* para a compra de instrumentos e salas na colônia, almejando criar um Serviço de Profilaxia Mental (1982, p. 182). No entanto, até 1924, o laboratório não teria funcionado de fato:

“Mas os planos de Riedel para os instrumentos que adquiriu eram muito mais modestos do que a realidade, com o tempo, veio a determinar. Tanto que não existia, no organograma da colônia, um laboratório de psicologia. Radecki foi contratado como chefe de análises clínicas. A idéia de utilizar o instrumental adquirido para a constituição de um laboratório de psicologia, propriamente dito, nasceu com a ida de Radecki para a Colônia. Tudo isso foi aleatório e, em 1924, “a feliz circunstância de estar no Brasil favoreceu a indicação do professor Waclaw Radecki para organizar e dirigir o laboratório de psicologia recém-fundado” (Guimarães, 1928). Na verdade, fundado por ele próprio.” (CENTOFANTI, 1982, p. 183).

Ou seja: na versão de Centofanti, contesta-se claramente a fundação do laboratório em 1923, sugestão de Olinto, em prol de uma versão onde não só teria sido fundado em 1924 como fundado pelo próprio Radecki. Nossas informações de jornais, acima expostas, já mostram o

problema nesta alegação, visto que em 1924 Radecki chegava ao Rio já contratado como chefe de laboratório, segundo o jornal “Correio da Manhã”.

Os comentadores, por sua vez, contribuem mais ainda para a confusão de informações. Massimi (1990), se baseando no texto original de 1982 de Centofanti, o descreve como “centro importante de pesquisa” da época, e credita sua fundação em 1923 a Gustavo Riedel, diretor da Colônia, deixando a Radecki a função de ter “ampliado suas atividades quanto à pesquisa e aos cursos de especialização para os médicos da Colônia” (p. 66). Que se note, aqui, que, para a autora, Radecki ampliou um laboratório prévio, mesmo citando o trabalho que Centofanti, que sugere exatamente o oposto. Já Antunes (1999, 2004), se baseando no texto de Antônio Gomes Penna de 1992, também credita sua fundação a Riedel e também em 1923, citando como exemplo de função do laboratório a fala de um dos médicos da colônia, Oswaldo de Souza Guimarães:

“... atualmente, todo instituto destinado ao estudo, cura e profilaxia das moléstias mentais deve ter, como auxiliar indispensável, um laboratório de psicologia, a cargo de um psicólogo profissional. Este torna-se, então, valioso colaborador do médico, para eficiência de tal instituto.” (GUIMARÃES, apud PENNA, 1992, p. 31).

Esta fala se encontra no texto de Antônio Gomes Penna (1992) sobre a produção do laboratório da colônia. No entanto, Penna extrai essa informação de um livro de anais publicado pela própria colônia em 1928, já com a participação de Radecki na chefia e condução do laboratório, enquanto que o texto de Antunes diz que a finalidade do laboratório era, desde o início, a descrita na passagem acima – ou seja, desde 1923, antes de Radecki chegar em 1924. No entanto, é provável que a influência de Radecki tenha modificado os rumos do laboratório para além de suas atribuições iniciais. Penna cita, inclusive, outros trechos do texto em questão (intitulado *O Laboratório de Psicologia*⁷⁶) onde Guimarães descreve a atuação de Radecki no laboratório:

“Trabalhava como operário em ásperos trabalhos manuais, ora como hábil mecânico, em paciente montagem de delicadas máquinas, ora fabricando, adaptando e aperfeiçoando aparelhos, muitos dos quais de sua invenção.” (GUIMARÃES, apud PENNA, 1992, p. 32).

⁷⁶ Esse texto se encontra no livro intitulado “Anais da Colônia de Psicopatas, Volume I”. Em nossa pesquisa, tivemos acesso apenas ao Volume II. Sabe-se que Rogério Centofanti examinou uma cópia do Volume I, tendo-a encontrado em um sebo por acaso. Nossa cópia do Volume II encontra-se em posse de um colaborador deste trabalho, que também o encontrou em um sebo. Isso demonstra uma pequena dose da dificuldade que é encontrar informações sobre Waclaw Radecki no Brasil, apesar de seu status de “pioneiro”.

Antunes usa a fala de Guimarães para justificar a fundação do laboratório por Riedel, em 1923, antes de Radecki estar no Rio. Porém a fala é de 1928, claramente ligada à atividade de Radecki no laboratório. Logo, se o laboratório existia antes de Radecki, certamente não era com os mesmos ares que descreve Guimarães, pois fica evidente que Radecki era uma figura central nele, inclusive supostamente criando instrumentos. E mesmo sendo uma fala retroativa, rememorando os princípios do laboratório e suas atribuições iniciais, a atividade de Radecki, segundo o próprio Guimarães, era sensível, levando o laboratório para outros rumos que não apenas o de auxiliar dos profissionais de medicina.

O próprio texto de Penna amplia o problema por conta própria. Penna (1992, p. 15) estabelece que a vasta experiência de Radecki “conferiram-lhe credenciais para ser contratado, por volta de 1924, para a chefia do laboratório de psicologia da Colônia de Psicopatas do Engenho de Dentro”. Adiante, no entanto (p. 32), alega que “conseguiu o Dr. Gustavo Riedel que o laboratório entrasse em funcionamento no início de 1925”. Agora fica a questão: se o laboratório foi fundado em 1923, provavelmente era subutilizado ou mesmo não utilizado, adquirindo uso para a colônia apenas posteriormente e indo de encontro com o que Massimi e Antunes propuseram em suas narrativas de gradiosidade; porém, se iniciou seu funcionamento em 1925, já o iniciou chefiado por Radecki, o que significa que a maior parte do empreendimento do laboratório fora direcionado aos esforços do psicólogo polonês, redirecionando talvez seu uso para a colônia. O mais curioso é que Penna conhecia o trabalho de Centofanti, tendo acesso a ele (p.15).

A incongruência nas datas, entretanto, não parece um problema para os autores. Todos, não obstante a (im)precisão nas datas ou no traslado de Radecki, não medem as interpretações sobre o significado desse laboratório ou de Radecki nele. Essa pequena confusão de datas, aparentemente menor para as narrativas em história da psicologia no país, revela um certo descuido com a construção de uma narrativa crítica. Não nos importa, aqui, o erro da data em si: adiante, iremos trazer informações que mostram como determinar isso é complicado. Entretanto, o uso constante de informações interpretadas e reinterpretadas gera um efeito curioso: do texto original de Centofanti, metucioso na alegação da fundação do Laboratório em 1924, sobra apenas a participação de Radecki nesse episódio, se transformando numa espécie de *caixa-preta*.

Entretanto, a tal importância da instituição parece ser uma espécie de fetiche. Na edição do *Dicionário Histórico de Instituições de Psicologia no Brasil*, a confusão de datas acima citada figura em três entradas distintas do Dicionário. Waclaw Radecki é mencionado três vezes

ao longo do volume: uma na entrada sobre o *Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro* (UFRJ)⁷⁷, uma na entrada sobre o *Instituto Municipal de Assistência à Saúde Nise da Silveira*⁷⁸ e outra numa entrada sobre o *Laboratório de Psicologia da Colônia de Psicopatas do Engenho de Dentro*. Na entrada referente ao Instituto de Psicologia da UFRJ, Ferreira (2011, p. 318) credita a fundação do laboratório planejada por Riedel e dirigida por Radecki, para isto citando o texto de Rogério Centofanti. Na entrada sobre o Instituto Nise da Silveira, Oliveira (2011, p. 336) credita a fundação do laboratório em 1923, chefiado por Radecki, não citando nenhuma fonte conhecida por nós⁷⁹. Por fim, como mais curiosa menção, a entrada sobre o *Laboratório da Colônia de Psicopatas do Engenho de Dentro*, Centofanti (2011, p. 355) diz que “[...] a inauguração, que data de 1924, com a contratação de Waclaw Radecki para dirigi-lo, só entrou em operação no início de 1925”.

A *Colônia de Psicopatas do Engenho de Dentro* tem, para uma história da psicologia no Brasil, importância através da figura do seu laboratório e de seu diretor/fundador/organizador Waclaw Radecki. Este, por sua vez, lhe sustenta uma narrativa nobre, donde surgem raízes institucionais, pioneiras e repletas de ideias científicas. O que sustenta esse fetiche institucional, personalista e permeado pelo conhecimento psi difuso através dessas instituições e pioneiros é o total desencontro de datas de criação, responsáveis pela fundação ou mesmo intuítos e usos do laboratório. Três datas distintas coexistindo no mesmo volume, de importância histórica para o campo da psicologia no Brasil e sua memória, reiteram que o laboratório em si ou suas articulações com a época ficam em segundo plano, sobrando a narrativa nobre que dele deriva.

Por fim, para cessar a discussão sobre o laboratório, daremos nossa brevíssima contribuição, visto que nossas pesquisas assim o permitem. Nossas pesquisas com os jornais sugerem alguns pontos que ajudam, por um lado, a organizar um pouco essas informações e, por outro, a levantar mais alguns problemas. A começar pela data mais tardia, 1925, podemos desconsiderá-la pois a menção da contratação de Radecki para o laboratório da colônia, como indica o jornal “*Correio da Manhã*” de 30 de março de 1924, indica um laboratório já existente.

⁷⁷ O Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IP-UFRJ) tem raízes distantes no Laboratório de Psicologia da Colônia. Mais precisamente, através de dois alunos de Radecki: Nilton Campos e Jayme Grabois. Para mais detalhes, ver Ferreira (2011) e Fonseca e Ferreira (2015), este último sendo um estudo de nossa autoria sobre a história do laboratório do IP-UFRJ e suas relações com o laboratório da Colônia.

⁷⁸ Onde outrora fora a Colônia de Psicopatas do Engenho de Dentro, hoje funciona o supracitado Instituto Nise da Silveira.

⁷⁹ Nas fontes citadas no texto, entretanto, é possível que existam menções aos trabalhos aqui citados, visto que uma delas é uma dissertação de mestrado sobre a Colônia de Psicopatas do Engenho de Dentro.

Portanto, a contratação em 1924 procede, mas o funcionamento do laboratório poderia ter sido anterior. Quanto à hipótese de Centofanti temos o mesmo problema, pois o jornal indica que o laboratório já existiria. Centofanti ainda alega que Radecki teria sido contratado como chefe de análises clínicas, e apenas após sua chegada na colônia é que o cabedal de instrumentos previamente adquiridos por Gustavo Riedel teriam sido reformulados em um laboratório (2004, p. 183). No entanto, o jornal “*Correio...*” coloca que Radecki teria sido “... contratado pela Fundação Gaffré-Guinle para chefiar o Laboratório de Psicologia dos Serviços de Profilaxia Mental da Colônia de Alienados no Engenho de Dentro”.

De todo modo, ainda sob um erro de atribuição por parte do jornal, a menção a Radecki indo para o Rio de Janeiro no início do ano de 1924 sugere que o laboratório possivelmente já existia antes dele, e não fora montado por ele. Nos resta, portanto, a hipótese de Olinto, que sugere que Radecki “ficou montando e desmontando” (p. 27) o laboratório, e que deste laboratório não quis fazer parte. Possivelmente sobraria sua hipótese como mais provável, pois Radecki chegaria apenas em 1924 na Colônia para chefiar um laboratório já existente.

Partindo desta hipótese mais específica que levantamos cruzando as informações supracitadas, acreditamos que o mais provável tenha sido um laboratório previamente montado que Radecki veio a chefiar no início de 1924. Este é um ponto importante a ser ressaltado pois, das principais críticas que pretendemos fazer com este trabalho, a maioria parte da historiografia feita acerca de Radecki surge dos relatos de sua atuação nesta colônia. A maneira como Radecki relacionou-se aqui foi muitas vezes descrita de forma quase heróica: uma extensa produção acadêmica, um laboratório fundado convertido em instituto e um sistema amadurecido. Porém, nenhum destes é descrito em detalhes ou mesmo aberto, permanecendo como uma *caixa preta* ao longo da história da psicologia brasileira: Radecki foi uma figura importante para a psicologia brasileira devido ao seu sistema e ao instituto que fundou de acordo com os historiadores brasileiros, mas após o fechamento deste instituto as linhas sobre ele escritas se findam e sobram apenas “um significativo rol de pesquisas”, uma “extensa contribuição à psicologia” e “um avanço na autonomização da psicologia no Brasil” (Antunes).

Percebemos aqui como o laboratório foi colocado como condição da atuação de Radecki e como sua produção fora extremamente dependente deste para ser volumosa e significativa⁸⁰. Entretanto, Radecki partiu de um cabedal de instrumentos adquiridos por Riedel, algumas salas

⁸⁰ Antunes, sobre a colônia, diz que esta “produziu extensa contribuição à Psicologia por meio de seu fértil laboratório” (1999, p. 47). Sobre a psicologia científica no Brasil, Antunes, em outro texto, fala novamente da Colônia: “Um laboratório de particular relevância foi o da Colônia de Psicopatas do Engenho de Dentro, criado em 1923.” (2004, p. 118).

no dispensário nº 2 e sua função como chefe de análises clínicas para orquestrar o que seria a tal produção significativa. Com o laboratório já em funcionamento, Radecki passa a morar na Colônia. Como descreveu Oswaldo Guimarães, Radecki dedicou-se ao laboratório não só ao organizá-lo mas também ao fazê-lo funcionar: improvisava ferramentas e instrumentos⁸¹. O laboratório, fundado ou não por Radecki, iniciado em 1923, 1924 ou 1925, teve sua intenção muito provavelmente profundamente moldada pelo polonês, sem no entanto interferir em sua produção, quase sempre ligada ao laboratório. Dois grandes monumentos (produção intelectual e instituição de pesquisa/ensino) atreladas de maneira dúbia a um “pioneiro” da psicologia no país.

Mas não apenas no laboratório consistiu a produção de Radecki. Como conta Centofanti, de 1924 a 1931, uma das mais importantes atividades de Radecki foi angariar aliados e colaboradores para a sua produção. Isto nos demanda entrar na segunda parte da vida de Radecki no Brasil: sua circulação e produção no Brasil tanto acadêmica como social. E, nesta parte, irá se revelar uma faceta nova sobre Radecki: como demonstraremos, e indo de encontro com os discursos de importância acerca do laboratório de psicologia da Colônia de Psicopatas, Radecki não só exibe menos importância que o sugerido como revela uma faceta dedicada apenas à sua dificuldade em ser aceito nos círculos acadêmicos do país. Contrabalanceando isto, sua vida e atuação social serão intensas, como esperamos demonstrar a seguir.

Do laboratório ao Rio de Janeiro e Brasil afora

Seguindo o início de nossa retomada de Radecki pelos jornais, notamos que iniciam em 1924, sendo *provavelmente* contratado pela Colônia nesta época. No entanto, ao longo deste ano, a atividade de Radecki nos jornais desapareceria até o ano de 1925, quando voltaria a aparecer ao divulgar cursos de psicologia: um pela *Liga Brasileira de Higiene Mental* anunciado no jornal “O Paiz” de 26 de junho de 1925 e outro entre os meses de setembro e outubro, conforme o jornal “Correio da Manhã” dos dias 23 e 29 de setembro e 02 de outubro. Haveria ainda o anúncio de dois novos cursos em novembro, no jornal “O Paiz” de 1 de novembro, um teórico de psicologia geral e aberto ao público, e um prático, específico para os

⁸¹Sobre isto, temos dados que corroboram este relato. Antônio de Bulhões Pedreira, médico, descreve no “*Trabalhos de Psicologia*” um experimento realizado no laboratório da Colônia com um taquistoscópio. Este, no entanto, não era elétrico, como o que emitia pontos de luz utilizado nos clássicos experimentos gestaltistas: consistia num anteparo com semidisco giratório que, através do controle de rotação, permitia a visualização momentânea do conteúdo desejado (um cartão com palavras) através da fenda no semidisco. Este aparato emula o funcionamento do taquistoscópio normal, que controla a emissão dos estímulos visuais através do tempo que a luz fica acesa, e parece ter sido improvisado.

que atenderam aos cursos anteriores, a ser realizado no laboratório da colônia, cuja turma inicial continha Nilton Campos entre os alunos.

Duas informações, aqui, nos aparecem como importantes. A primeira se trata de uma retificação: Rogério Centofanti (2004, p. 182-183), sobre a atuação de Radecki na Colônia e seus cursos, questiona uma menção de Henrique Roxo, onde indiretamente, Radecki, segundo Roxo, faria parte da *Liga Brasileira de Higiene Mental*. Centofanti questiona essa passagem como improvável, mas os jornais indicam o contrário: nos cursos supracitados entre outubro e novembro de 1925, a chamada do jornal era, precisamente, “Liga Brasileira de Higiene Mental: Dois novos cursos de Psicologia”. Radecki, portanto, provavelmente trabalhava para a Liga⁸². A segunda se trata de uma breve adição: Segundo o texto de Centofanti de Jacó-Vilella, foi no ano de 1925 que Nilton Campos se juntou à Radecki, através de um curso ministrado pelo polonês. Possivelmente foi no curso anunciado em 01 de novembro pelo “O Paiz”, visto que Campos figurava entre os alunos.

Tais menções a cursos são inúmeras nas pesquisas realizadas em jornais de época, e faremos as menções apenas daquelas de maior relevância. Como visto até agora, Radecki aparecia regularmente em jornais, o que sugere algum esforço de sua parte em fazer com que fosse notado. Por outro lado, Radecki poderia ter chamado atenção sem maiores esforços. Não obstante a origem de suas aparições públicas, elas não se resumem só à psicologia.

Radecki também promoveu cursos no laboratório, na *Liga Brasileira de Higiene Mental*, na *Escola de Enfermeiras Alfredo Pinto*, na *Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro*, na *Escola de Aplicação do Serviço de Saúde do Exército*, na *Faculdade de Direito de Curitiba* e apresentou trabalhos no *Congresso de Higiene em Belo Horizonte* (Centofanti, 1982).

Destes cursos, Radecki conseguiu como colaboradores recorrentes: Nilton Campos, médico recém-formado (já citado); Arauld Bretas, Ubirajara da Rocha e Alberto Moore, militares enviados pela Diretoria de Aviação do Exército para assistir um curso de psicologia ministrado por Radecki no laboratório; Gustavo de Rezende, psiquiatra e médico da colônia; Lucília Tavares⁸³, professora municipal indicada pela Secretaria de Educação para se

⁸² Ambos os cursos ocorreram sob os auspícios da Liga Brasileira de Higiene Mental, do qual Radecki parecia, ao menos indiretamente, fazer parte: em 18 de novembro de 1925 publica-se no folhetim “O Jornal” o anúncio da Liga, comunicando o funcionamento dos seus novos consultórios, dentre eles o de Radecki, oferecendo serviços de psicologia.

⁸³ Lucília também figurava na lista de inscritos nos cursos de Radecki que citamos em 1925, numa turma de professoras municipais.

aperfeiçoar no laboratório; Euríalo Cannabrava, advogado de Belo Horizonte; Edgar Sanchez, professor de Filosofia do Direito em Salvador; e, por fim, Jaime Grabois⁸⁴.

Esta lista nos será útil futuramente pois muitos destes publicaram livros sob a orientação de Radecki e subsidiados ao sistema que ele criou, o Discriminacionismo Afetivo. Cabe também a lista para elucidar a quantidade de negociações, aliados e colaborações que Radecki acumulou em vida: sobre a produção, esta foi diversificada.

O ano de 1926 foi especialmente prolífico para Radecki. Antônio de Bulhões Pedreira, um dos colaboradores de Radecki na Colônia, redigiria um extenso artigo de capa no jornal “O Paiz”, de 25/26 de janeiro de 1926, criticando, sobretudo, o mau uso dos “tests” e da “psicotécnica”. Ainda em fevereiro daquele ano, o ministro do interior e da justiça, Affonso Penna Junior, visitaria a Colônia de Psicopatas, da qual Radecki fazia parte da comitiva anfitriã. Por fim, o primeiro volume publicado em solo brasileiro foi em co-autoria com Gustavo de Rezende, intitulado *Introdução à Psicoterapia*, no ano de 1926. Tal volume foi anunciado no “Correio da Manhã” de 10 de abril de 1926 e devidamente resenhado na edição do dia 29 de maio d’O Paiz mesmo ano, tecendo críticas favoráveis ao escrito. Para o resto do ano de 1926, Radecki ainda anunciaria n’O Paiz, entre 11 e 25 de setembro (dias 11, 12, 18, 19, 22, 24 e 25), um mesmo curso de psicologia para ser ministrado na *Faculdade de Medicina*, cujo assistente era Nilton Campos. A última menção a Radecki neste ano seria uma breve aparição numa solenidade da comunidade polaca carioca, em comemoração ao armistício (O Jornal, 11 de novembro de 1926)⁸⁵

O ano de 1927 é mais ocupado. Este é o ano que em Radecki realiza outra celebrada passagem de sua vida: a viagem para a Europa (Centofanti, 2004; Campos, 1953; *Biografia*, 1953). Os jornais brasileiros corroboram esta viagem tanto mencionando sua chegada ao Brasil (Diário Nacional, 23 de setembro de 1927; O Imparcial, 23 de setembro de 1927) como não anunciando mais nenhum curso ou aparição pública. Para nós, a ausência de Radecki nos jornais cariocas indica um ano atribulado, pois normalmente suas menções nos veículos da época se

⁸⁴Grabois foi uma das principais fontes de Rogério Centofanti para o texto que usamos de base, tendo sido entrevistado e gerado boa parte dos relatos sobre a vida de Radecki.

⁸⁵O texto do jornal encontra-se quase ilegível em alguns poucos pontos, mas a chamada anuncia a comemoração do armistício da Primeira Guerra Mundial (à época apenas Guerra Mundial, e recente na memória do mundo ocidental). Também contamos com a menção de Radecki tanto visualmente detectável a olhos humanos como pelo software de busca que encontrou o jornal: o nome “Waclaw Radecki” é perfeitamente legível na página, ainda que os detalhes da solenidade não o sejam.

cruzam com seus anos de divulgação, e seus anos de publicação de livros/cursos/palestras/viagens são aqueles em que o polonês menos figura nas manchetes.

O ano de 1928 foi mais presente, com menções em jornais. Três anúncios n’O Paiz (28 e 29 de abril e 2 de maio) sobre um curso de Psicologia na *Faculdade de Medicina*, e outros onde Radecki teria outras obrigações com a sociedade polaca carioca: uma sobre a *Exposição Geral da Polônia* a ser realizada no ano seguinte, mencionada n’O Paiz de 20 de junho de 1928; outra comemorando os dez anos da independência da Polônia n’O Paiz, 12 e 13 de novembro de 1928. Nesta última, é creditado como “presidente da Sociedade Polônia nesta capital”.

1928 também foi o ano em que ministrou, na *Escola de Aplicação de Saúde do Exército*, cursos de psicologia. Que culminaram no *Resumo dos cursos de Psychologia* (1928), contendo 17 fascículos e sendo base para o futuro *Tratado de Psychologia*. Esta é a primeira produção de Radecki em solo brasileiro que elucidaria parte de seus pensamentos psicológicos

Em 1929, Radecki iniciou o ano ministrando cursos em Belo Horizonte (“O Jornal, 7 e 12 de julho de 1929) e ainda ajudando a fundar a *Sociedade Polono-Brasileira* no Rio de Janeiro. Esta é uma informação que pode ser encontrada tanto no jornal “Correio da Manhã” de 25 de julho de 1929 como no site *Josef Pidulski Institute of America*, que, apesar de ser um site em língua polaca, transcreve o documento datilografado da fundação da Sociedade Polono-Brasileira, donde cita-se que “O Prof. Radecki, brasileiro de procedência polonesa, salientou os valores ideais que cultivava sempre a nação polonesa e também imigrante deste país”⁸⁶

Chegamos em 1930, ano em que os jornais, mencionam apenas tangencialmente Radecki. Até agora, nosso uso dos jornais foi inspirado tanto pela história mais “viva” que estes apresentam como pelo teor “alternativo” que estes sugerem. Como demonstramos à exaustão na seção em que debatemos o que era a incursão de Radecki no laboratório da *Colônia de Psicopatas*, os jornais fornecem não só fontes além das que são comumente utilizadas (livros, artigos, resenhas e entrevistas) como são um tanto quanto fora do eixo das narrativas históricas monumentais livrescas⁸⁷. Todas as menções aos feitos e atividade na sociedade polaca carioca revelam uma atuação política distinta: Radecki herdou seu afã patriótico de sua formação e aqui

⁸⁶<<http://www.pilsudski.org/archiwa/dokument.php?nonav=1&nrrar=701&nrrzesp=11&sygn=4&handle=701.180/2132>>

⁸⁷ Temos plena ciência de que jornais muitas vezes enaltecem ou engrandecem personagens, acontecimentos e demais passagens. Entretanto, nossa escolha parte do teor “alternativo” de sua narrativa em termos da história da psicologia no Brasil. Sobretudo, almejamos articular jornais, livros, relatos e narrativas em prol de um comentário particular nosso. Como dissemos, pouco almejamos a Verdade última das narrativas, mas àquela narrativa que mais articule pontos e passagens e que, possivelmente, se aproxime de uma “verdade”. Agradecemos esta via ao mesmo colaborador citado anteriormente, sem o qual não seria possível esta possibilidade de narrativa.

o exerceu através da participação na *Sociedade Polono-Brasileira*. Esta era a atuação política que Centofanti não detectou em solo brasileiro, e que o fez ceifar, da narrativa da *Biografia*, o teor político do polonês.

O inserimos aqui pelo simples motivo de que se misturam suas atuações políticas e suas atuações patrióticas. Como demonstramos, reconhece-se a atuação de Radecki pela sua pátria além do Brasil, o que já nos basta para justificar a inserção destas informações neste capítulo, como também para articular as seções da *Biografia* que sugerem tais passagens. Sobretudo, agora temos em mãos evidências que vão contra com a ideia de Centofanti de que a vida política de Radecki “não se fez mostrar durante sua estadia no Brasil”. Se fez, significativamente.

Entretanto, 1930 não foi um ano marcado apenas pelas incursões na *Sociedade Polono-Brasileira*. É neste ano que seus colaboradores irão publicar seus livros, os quais irão ser mencionados posteriormente, até o ano de sua morte, como parte de sua “Escola”: *Exame Psicológico da Criança*, de sua esposa Halina Radecka (1930/1947); *Psicologia do Pensamento*, de Lucília Tavares (1930); *Psicologia das Sensações*, de Araul Bretas (1930) e *Psicologia da Vida Afetiva*, de Nilton Campos (1930)⁸⁸.

Já em 1931, na edição de 6 de junho de 1931 da “Revista da Semana”, é possível encontrar uma foto de reunião da *Sociedade Polono-Brasileira Kosciuszko* onde aparece sentado no lado direito da foto. Tal sociedade existe até os dias de hoje como congregação da presença polaca no Brasil. Essa aparição, bem como a atividade na *Sociedade Polono-Brasileira*, consistia desde a reunião do povo polonês em solo carioca como também atividades culturais e políticas sobre o estado da Polônia no pós guerra. Tendo sido liberta da dominação russa em 1915, os poloneses em território brasileiro muito se preocupavam com a situação de seu país de origem, o que motivou a criação da Sociedade e das reuniões. Como tínhamos antecipado, isso demonstra que Radecki teve uma ativa vida política também em solo brasileiro, e esta faceta se mostrará novamente em solo uruguaio.

Entretanto, o que talvez seja a menção mais inusitada e inesperada a Radecki veio do jornal “O Paiz” de 09 de junho de 1926. Em entrevista ao jornal acerca do movimento modernista, Manoel Bandeira, ao criticar o movimento parnasianista e suas produções, alega que “Um poema [parnasianista] parecia uma ficha experimental do professor Radecki”. Ainda

⁸⁸Em alguns volumes, se sugere a existência de dois outros volumes: “*Psicologia da Atenção*”, de Ubirajara da Rocha e *Psicologia da Imaginação*”, de Euríalo Canabrava. Ambos provavelmente não foram publicados, pois não os encontramos, ao contrário de todos acima citados, como tampouco se encontram listados nos livros da “Escola Radecki” presentes na “*Hoja de Psicologia*” nº 12, nosso guia de publicações até agora.

que isso não diga algo sobre Radecki de maneira objetiva, serve como modo de interpretar o personagem: Radecki teria atingido um certo nível de reconhecimento na sociedade carioca, mas qual tipo de reconhecimento permanece uma incógnita, pois, se de um lado temos os jornais tecendo elogios desmedidos à Radecki (prática comum entre os jornais da época), por outro lado exemplos como o de Manoel Bandeira denotam uma certa figura pública algo controversa.

Se levarmos em consideração o que sobrou de relatos de seus contemporâneos, como Lourenço Filho, que relegou curtos trechos sobre Radecki em sua retrospectiva da psicologia brasileira, e Plínio Olinto, que reduziu as atividades do *Laboratório da Colônia* a ter Radecki “montando e desmontando” a aparelhagem, temos um reconhecimento público possivelmente razoável, mas, no entanto, sem possibilidade de atestar qualquer tipo de boa fama ou “importância”, usando os termos dos historiadores brasileiros. Contudo, uma representação midiática de Radecki associada à “ficha experimental” denuncia o tipo de trabalho com o qual estava envolvido na colônia, isto é, a psicologia “experimental” praticada em laboratório. O comentário de Manoel Bandeira ao passo que poderia simplesmente indicar o uso de uma imagem para se criticar o movimento parnasianista, poderia denunciar uma controvérsia acerca do personagem.

O Instituto de Psicologia e a Retirada do Brasil

Entre 1931 e 1932, Radecki envolveu-se na conversão do Laboratório da Colônia em um Instituto de Psicologia. Nos próximos parágrafos, versaremos sobre este empreendimento, que, como já citado anteriormente, é o empreendimento pelo qual Radecki é lembrado pelos historiadores da psicologia no país e promovido ao status de “pioneiro” por conta desta passagem.

O Instituto de Psicologia que Radecki dirigiu, surgido a partir da conversão do antigo Laboratório de Psicologia (como informado no Decreto-Lei nº21.173), foi fruto de uma articulação de Radecki com seus colaboradores, como narra Centofanti (1982). A conversão do Laboratório em Instituto vem desde o momento em que Radecki transformou o espaço em um centro de produção, angariando colaboradores como os médicos militares Arauld Bretas, Ubirajara da Rocha e Alberto Moore, bem como a professora Lucília Tavares e Euríalo Cannabrava. Essas colaborações vão ser importantes pois, ao longo do funcionamento do Laboratório, observaremos uma produção grande, desde livros a artigos, mas principalmente diversas conferências, citadas nas sessões anteriores.

Entre o Decreto-Lei que permitiu legalmente a existência do *Instituto de Psicologia*, em 19 de março de 1932, e sua inauguração, tivemos a decorrência de cerca de dois meses. Mais precisamente, como indica o “Correio da Manhã” de 12 de maio de 1932, na chamativa manchete: “Levantando as cortinas da Ciência Experimental da Alma”, seguido por “Inaugurou-se, ontem, o Instituto de Psicologia, que será um dos ramos da nossa futura Faculdade de Educação, Ciências e Letras”, indicando que o Instituto iniciou suas atividades dia 11 de maio daquele ano. A manchete descreve o Instituto em detalhes, e narra a presença de autoridades e políticos, os quais prestigiaram o discurso de inauguração de Radecki. Dentre os presentes, presidiu a mesa de abertura Lourenço Filho, que também teve seu discurso.

Algo que merece menção é o discurso de Radecki, realizado frente a políticos e autoridades da psicologia da época⁸⁹. Não temos acesso à transcrição deste, mas a notícia menciona que Afrânio Peixoto teve de tomar a palavra para desfazer um “equivoco” na fala do polonês. Enquanto este “aludia nos tremendos obstáculos que teve de arrostar para introduzir entre nós os seus métodos de investigação psicológica”, houve um mal-estar na plateia que ouvia. É possível que o discurso de Radecki tenha sido mal-recebido pelos demais, reforçando seu caráter um tanto quanto assertivo, bem como uma possível - e agora, provavelmente já sedimentada - rusga entre os intelectuais da época e Radecki. Retomamos o modo como Olinto e Lourenço Filho se referiram a Radecki, e este evento sugere que haveria mais do que apenas “preconceito”, como sugere Centofanti (p. 203).

Sabemos que o Decreto-Lei nº 21.999 de 24 de outubro de 1932 levou ao fechamento do Instituto, e que, depois desses eventos, Radecki deixaria o Brasil em 1933, para viver no Uruguai, até sua morte. Entretanto, certas informações oferecem outras versões dos acontecimentos. A *Biografia* menciona que Radecki deixou para trás “o mais perfeito e até luxuoso Instituto de Psicologia” (1953, p. 8), onde teria viajado para o Uruguai a um convite do Governo local. Enquanto não podemos atestar a existência de tal convite, sabemos que o Instituto de Psicologia não era provavelmente nem “luxuoso”, muito menos “perfeito”. Com o abrupto fechamento, é capaz que Radecki tenha ficado ressentido de não conseguir levar adiante seus projetos, o que o teria levado a abandonar o Brasil.

Ainda em 1933, o jornal “Diário Carioca” do dia 12 de fevereiro menciona Radecki como parte da Congregação da Faculdade de Filosofia, com sede nova na Rua da Carioca, nº

⁸⁹ Para citar algumas: Lourenço Filho, Afrânio Peixoto e Gilberto Moura Costa (representando a figura de Francisco Campos, que assinou o decreto-lei que converteu o laboratório em instituto), entre outros.

41, 3º andar. Entretanto, como consta no *Diário Oficial da União* do dia 27 de maio de 1933, que Radecki foi exonerado “por abandono do emprego” do cargo que exercia na Colônia. Mais para o fim do ano, no dia 28 de novembro, ‘O Jornal’ publicaria extenso artigo de Euríalo Canabrava. Este, numa tentativa de defender Radecki, estabeleceu que o polonês sofreu com más interpretações:

“A sua franqueza, as suas rudes maneiras e o seu desprezo, que sempre afetou pelos pequenos burgueses da cultura, trouxeram-lhe a infatigável animosidade dos que consideravam ilegítimos os seus processos de atuação sobre o meio e os nossos homens” (CANABRAVA, 1933).

. Esta passagem, assim como o texto, releva um tom afetoso de Cannabrava para Radecki, e segue com inúmeros adjetivos. Mas nos serve para atestar que o polonês não trasladou para o Uruguai num processo pacífico, mas sim algo tumultuado possivelmente e com algumas tensões com a intelectualidade carioca, tendo, nas palavras de Euríalo, alguém que “mordeu o pó da derrota e provocou contra si tantas opiniões autorizadas”.

Fechamos esta sessão, que se devotou a ampliar a compreensão destes curtos cinco meses (maio a outubro), deste Instituto que Radecki organizou e que brevemente durou. Afora as controvérsias que demonstramos, seja no trato de Radecki com seus iguais, seja na efetividade do Instituto, tendo funcionado por tão pouco tempo, encontramos na historiografia da psicologia no Brasil um movimento diferente. Seja na figura do Laboratório, celebrado no *Dicionário Histórico de Instituições de Psicologia no Brasil* (2011, p. 355-356), no livro *Instituições e Psicologia no Brasil* como “uma das experiências de psicologia mais significativas do Brasil” (2007, p. 179), ou na figura do próprio Radecki, como aparece no *Dicionário Biográfico da Psicologia no Brasil* (2001, p. 214-215), Radecki e seus “feitos” são continuamente lembrados pelos historiadores da psicologia no Brasil, ainda que diversos pontos dessa trajetória sejam algo obscuros ou incertos. Alguns desses momentos chegam a passar por uma breve romantização, como o evento da ida para o Uruguai, o que denota uma necessidade de um trabalho mais preciso no mapeamento dos acontecimentos e sua relevância.

Porém, não podemos nos adiantar e dizer que Radecki foi uma espécie de “pioneiro” da psicologia no Brasil, como sugerem muitos de nossos colegas historiadores previamente citados. Como já indicamos, seu Instituto e seu laboratório foram absorvidos por outras instituições (Universidade do Brasil em 1937, que seria convertida na Universidade Federal do

Rio de Janeiro em 1967), mas nem seu sistema nem sua prática experimental e laboratorial subsistiram: pelo contrário, existem apenas em relatos heróicos de sua extensa produção.

Portanto, sugerimos a partir de agora que o personagem Radecki sofreu muitas operações históricas até então, e não será diferente em sua vida no Prata. Nos dez anos que permaneceu no Brasil (de 1923 a 1932), de intensa produção acadêmica, Radecki pareceu delinear suas produções, como indicou Centofanti (1982). A partir deste delineamento, os próximos anos (1932 até seu falecimento em 1953 e algumas publicações póstumas por Halina até 1960) serão marcados por um forte senso de unidade de sua obra, de onde surgirá o nome *Escola Radecki* ao fim dos livros publicados e reeditados de 1932 em diante.

3.1.3 – Radecki na Bacia do Prata

Para o traslado de Radecki no Brasil ao Uruguai, voltaremos a dispor da *Biografia*. Entretanto, aqui lançamos mão não apenas de um documento avulso, como foi o provável uso que Rogério Centofanti fez ao escrever seu texto: nosso uso da *Biografia* parte de uma pesquisa de campo extensa no Uruguai, onde pudemos levantar material o bastante para, mais uma vez, promover uma reconstrução dos documentos históricos através de uma rede de articulação entre eles mesmos e suas possibilidades de acordo com outras variáveis: atividades de Radecki no Uruguai e limites e ausências em suas narrativas.

O traslado de Radecki para o Uruguai veio após o fechamento do Instituto, como já cobrimos. A *Biografia* cita um convite do Governo Uruguaio (p. 8), o qual não temos outras evidências de que aconteceu. Em seguida, a partir de 1933, Radecki inicia um esforço duplo: conduzindo novos colaboradores, e com a ajuda de sua esposa, Halina, observamos uma atuação tanto na Argentina como no Uruguai, onde coordena dois Centros de Estudos.

Antes da fundação dos Centros, no entanto, Radecki teria trabalhado com a comunidade de psiquiatras de ambos os países. Realizaria conferências na Argentina em 1933 e em Montevideo em 1934. Seus principais colaboradores são Victor Delfino e Camilo Payssé, ambos responsáveis pela tradução de seu *Tratado de Psicologia* para o espanhol: mesmo tratado escrito em terras brasileiras.

Curiosamente, pesquisadores de Radecki no Brasil costumam ter acesso apenas à estas edições argentinas, que são as de 1933 e de 1961. A de 1933 é uma especial edição em capa

dura azul, contendo imagens e demais diagramas ilustrando o conteúdo escrito, enquanto que a edição de 1961 é uma edição simples, contendo texto simples, sem imagens⁹⁰.

Em um texto sobre a história da Psicologia no Uruguai, encontramos um capítulo dedicado a Radecki. Este estabelece que Radecki teria sido contratado pela *Universidad de la República*, posteriormente nomeado como *Professor Ad Honorem* da *Faculdade de Medicina* (GAMBINI, 1999, p. 80). Foi assim onde iniciou as citadas conferências anteriores, bem como um curso de 52 aulas intitulado *Psicologia Individual, General y Colectiva*. Ainda segundo Gambini, Radecki teria também se filiado a um *Laboratório de Psicologia da Aeronáutica*, onde ajudou na organização e se utilizou para ministrar seus cursos e demais desenvolvimentos de atividades. Um relato posterior, de 1950, informa que, com o auxílio de Radecki, “foi completada a confecção de aparatos” (SUREDA, 1950, p. 418).

A partir deste ponto, e até 1945, Radecki empreenderia em várias frentes: Publicaria o *Psicopatologia Funcional* com Camilo Payssé em Montevideo a 1934 e o *Manual de Psiquiatria* com René Arditi Rocha em Buenos Aires a 1937. No entanto, publicaria apenas três textos próprios, além de uma reedição de seu *Test de Inteligência para Adultos*, que teria desenvolvido na Colônia de Psicopatas, na Revista de Psiquiatria do Uruguai no nº 29-30 de 1940 e, em 1941, na mesma Revista, o trabalho *A Continuidade da Vida Intelectual*, no nº 31, este sendo a comunicação que levou para o *Congresso Mundial de Psicologia de Copenhague* de 1932, representando os trabalhos da Colônia. Este é um indício de que, no fim da vida, Radecki publicaria bem menos e seria responsável por organizar mais contatos, conferências e demais empreendimentos, mas outras questões sugerem tal baixa produção.

Já demonstramos como Radecki mantinha uma intensa vida política no Brasil, e no Uruguai não teria sido diferente. No entanto, com o deflagrar da Segunda Guerra Mundial em 1939, Radecki se articula com a comunidade polonesa local e atua politicamente em prol de seu país e compatriotas. Gambini (1991, p. 80) cita a participação de Radecki na *Universidade Central Americana*, criada no decorrer da Guerra para oferecer cátedras a professores estrangeiros exilados, onde ocupou a *Cátedra Polônia*. A *Biografia* narra parte desta atividade política (p. 8-9) e, ainda na *Hoja de Psicologia* nº 12, uma homenagem da *Comunidade Polaca*

⁹⁰ Por curiosidade, citamos: Dos quatro exemplares que tivemos acesso, dois foram no Brasil, Rio de Janeiro, e dois no Uruguai, Montevideo. Os existentes em terras cariocas são a edição de 1933, bem conservada na biblioteca do IPUB-UFRJ e o de 1961, nas mãos de nosso inestimável colaborador, que pela terceira vez nos auxiliou. As edições consultadas em Montevideo são as mesmas, com a diferença que a de 1933, repleta de imagens e diagramas, encontrava-se quase destruída pela ação do tempo, e a de 1961 razoavelmente bem conservada. Ambas, entretanto, habitavam a mesma estante do “Fundo Histórico” da Biblioteca da Faculdade de Psicologia da UDELAR (Universidad de la República), na estante do topo, cuja porta esquerda do armário abria com dificuldade.

do Uruguai à Radecki, que seria “um vigia constante, disposto a ajudar e amparar sempre a todos seus compatriotas” (p. 43). Tal faceta política que trouxemos nesse estudo aqui se demonstra importantíssima: A produção de Radecki foi de fato deixada de lado em prol da atividade política.

É daí que surge o arbítrio de lidar com a vida de Radecki desde sua chegada, em 1933, até 1945. Passados os seis anos de aclimatação e estabelecimento de contatos, os seis anos seguintes foram conturbados para a vida do polonês, que só em 1945 conseguiu articular tais contatos e fundar o “Centro de Estudos Psicológicos de Montevideo”. A 29 de Janeiro de 1945, com Radecki como fundador, 37 pessoas assinam e “se reconhecem como discípulos da Escola Psicológica do ‘Discriminacionismo Afetivo’, fundada pelo criador deste sistema, Prof. Dr. Waclaw Radecki” (Anônimo, 1948, p. 4), como consta na Ata de Fundação do Centro, que obtivemos em nossa pesquisa. A Ata ainda consta diversas informações interessantes sobre o funcionamento do Centro, tendo sido publicada em 1948.

Fica claro, na Ata, que o Centro foi um empreendimento de Radecki mas, dessa vez, partido de um interesse também de seus alunos, após as conferências e cursos ministrados. Diz a Ata que “Este conjunto de pessoas, conscientes da magnitude e seriedade de tal obra, se reuniram para aprovar os Estatutos em Assembleia em 29 de Janeiro de 1945.” (p. 3). O Centro compreendia também um curso de *Psicologia Geral*, cuja ementa conseguimos levantar. Contendo 80 classes, o curso introduzia os alunos aos métodos da psicologia, bem como Psicologia da Vida Intelectual, Vida Afetiva e Vida Ativa, os três pilares do *Tratado de Psicologia*. No entanto, este curso compreende apenas dos dois primeiros anos do curso completo, pois a *Ata de Fundação* revela que o curso, em sua totalidade, teria 4 anos. Nos dois últimos, se ministraria Psicologia Social, Psicopedagogia, Psicologia Jurídica, Psicologia Médica e Psicologia Social Aplicada. O Centro de Estudos Psicológicos também oferecia o serviço de “Consultório Psicagógico”. Segundo a Ata, um laboratório estaria também em formação, anexo ao Consultório, que era chefiado por Radecki.

O Centro de Estudos foi responsável por dois grandes empreendimentos que temos notícia: As *Hojas de Psicologia*, publicação interna do grupo, e a organização do *I Congresso Latinoamericano de Psicologia*. Com relação às *Hojas*, tinham o formato de um Boletim, normalmente cobrindo o período de seus meses de produção do Centro de Estudos. Tal publicação se iniciou no segundo semestre de 1947, e terminou com a última Hoja sendo publicada no segundo semestre de 1953, findando a publicação com o falecimento de Radecki.

Esta última Hoja, inclusive, é inteiramente dedicada a Radecki e sua memória, e é uma das fontes principais para nossa reconstrução neste estudo.

No entanto, talvez a informação mais importante que as *Hojas de Psicología* nos trazem é a de que Radecki mantinha um segundo *Centro de Estudios* em Buenos Aires. Radecki fixou residência em Montevideo, cruzando o Mar del Plata para a Argentina apenas na ocasião de conferências e cursos no citado Centro argentino. Quem chefiava este Centro era Halina, que lá provavelmente ficou e fixou residência, presidindo e dirigindo o segundo *Centro de Estudios*. Sobre este, temos apenas uma comunicação de Delmira Cambiaggio, na *Hoja de Psicología* nº 1, indicando que o funcionamento e estrutura eram basicamente as mesmas que o Centro de Montevideo. Segundo Delmira, após uma reforma educacional na Argentina em 1936, profissionais e professores que assistiram a um curso de Psicologia da Criança de Radecki tiveram de buscar aperfeiçoamento e demais complementos às suas formações, e portanto formaram uma comissão que redundaria na criação de tal Centro (1947, p. 6). Em Julho daquele mesmo ano, o *Centro de Estudios Psicopedagógicos* seria fundado, posteriormente renomeado *Centro de Estudios Psicológicos*. Halina teria seguido na direção deste Centro, o que pode ser corroborado na *Ata de Fundação do Centro de Estudios de Montevideo*: Dentre os assinantes listados, não consta o nome de Halina Radecka (1948, p. 4).

As *Hojas de Psicología* seguem publicando os estudos, comunicações e atividades do Centro, mas, já na de nº2, de 1948, aparece a chamada para o *Congresso Latinoamericano de Psicología*, que seria realizado em 1950. Todas as Hojas subsequentes conterão uma chamada para o Congresso e para trabalhos, descrevendo as articulações que Radecki realizou para culminar no evento. Havia ainda o indicativo de criação de uma comissão permanente, visando a organização dos futuros *Congressos Latinoamericanos* (*Hoja de Psicología* nº 3-4, 1948/1949, p. 14). Este tema seria trazido novamente na edição posterior (*Hoja de Psicología* nº 5, 1949, p. 7-8) e, na última *Hoja de Psicología* antes do Congresso (nº 6, 1950), as publicações estavam em um ritmo lento. É provável que a organização do Congresso tenha consumido esforços tamanhos do grupo, de modo que é sensível até mesmo a diminuição de publicações de Radecki no citado boletim.

A *Hoja de Psicología* de nº 7 (1950) é inteira dedicada ao *I Congresso Latinoamericano de Psicología*, que foi realizado entre os dias 20 e 27 de julho na cidade de Montevideo. Teve o protetorado do Vice-Presidente do Uruguai, César Mayo Gutiérrez, tendo sido inaugurado no Palácio Legislativo do Senado, em seguida decorrido no Salão de Atos do Ministério de Saúde Pública. Teve 116 inscritos, com delegações da Argentina, Brasil, Colômbia, Peru, México,

Chile e Equador. Foi criada uma comissão organizadora para a preparação para o *Congresso Mundial de Psicologia* em Estocolmo, em 1951. Mas, o que chama a atenção no Congresso é uma presença forte de Radecki e sua escola de pensamento. Das 33 comunicações (1950, p. 419-422), pelo menos um terço delas apresenta ideias diretas do *Discriminacionismo Afetivo* no corpo do texto. A influência de Radecki foi grande, tanto por ter ele mesmo organizado o Congresso, como por ter a maior delegação: de 120 pessoas citadas entre os associados, colaboradores, correspondentes, sócios e protetores do congresso, 58 são de Montevideo apenas (1950, p. 21-24).

O Congresso ainda rendeu a Radecki mais frutos: conseguiu apoio local para uma futura conversão do seu *Centro de Estudos Psicológicos de Montevideo* em uma *Faculdade Livre de Psicologia* (*Hoja de Psicologia* nº 7, 1950, p. 16-17). No mesmo volume (p. 33), consta ainda que o *Centro de Estudos Psicológicos de Buenos Aires*, “por resolução da Assembleia Geral de seus membros, foi convertido em Instituto de Psicologia”.

A partir de 1951, Já não veremos mais publicações de Radecki. Suas atividades começarão a diminuir por conta de sua saúde debilitada. O último trabalho que viria a publicar foi no *Congresso Latinoamericano*, intitulado *Estudo Criteriológico da Autodefesa no Psíquico*. Já fraco, encontramos o relato de sua viagem na *Hoja de Psicologia* nº 8-9 (1951, p. 5-8), que consta sua estadia no *XIII Congresso Mundial de Psicologia de Estocolmo*. Um relato interessante, pois releva uma multiplicidade de assuntos e aplicações, bem como tal multiplicidade como “revelado uma grande divergência de critérios seguidos individualmente pelos psicólogos e uma acentuada despreocupação com uma sistematização metodológica” (p. 6). Radecki ainda tentaria, no entanto, pleitear que o próximo *Congresso Mundial de Psicologia* fosse realizado no Uruguai, mas o presidente do evento, David Katz, declinou o convite por já se ter marcado o próximo para o Canadá.

Aqui é que surge algo incerto: Centofanti já havia sinalizado que Radecki teria deixado uma filha na Polônia (1982, p. 181), e atestamos tal informação ao examinar a dedicatória de sua tese, *Os Fenômenos Psicoelétricos* (“À minha filha, Lila”, 1911). Na *Hoja de Psicologia* nº 12, surge um texto em memória a Radecki escrito por Ladislao Mazurkiewicz⁹¹, intitulado no texto como ex-Ministro da Polônia. Ladislao exalta a atividade política de Radecki, mas conta em tom solene que, “ciente de aproximar-se o fim de sua peregrinação pelo mundo”, o polonês viaja para seu país de origem. Lá, ao ficar por três semanas, se despede de sua pátria

⁹¹ Esta seria uma grafia castelhana. A grafia polonesa é certamente diferente.

lamentando as invasões russas anteriores. Ladislao conta que Radecki retornou mais enfermo, mas “também afetado pelo fato de não ter podido encontrar sua filha desaparecida durante a guerra” (1953, p. 54-55). A identidade de tal filha é um mistério, assim como a relação de Radecki com ela, mas sabemos que a dedicatória de sua tese *Fenômenos Psicoelétricos* é à sua filha, “Lila”. É possível, portanto, que tal viagem à Polônia tenha ocorrido na ocasião do *Congresso Mundial de Psicologia*, pois sabemos que, após 1951, Radecki voltaria a Montevideo e lá faleceria dois anos depois.

A penúltima *Hoja de Psicologia*, nº 10-11 (1952) já não apresenta tanto fôlego como as anteriores. Nas primeiras páginas, há o indicativo de um possível *II Congresso Latinoamericano de Psicologia*, reforçando a candidatura de Curitiba para sede do evento. Entretanto, tal indicativo é pessimista: o documento narra que uma série de desentendimentos e problemas entre a *Comissão Coordenadora*, dirigida por Radecki, e o representante brasileiro, Gabriel Munhoz da Rocha, responsável por um *Comitê Regional de Recepção*. Tais desentendimentos - listados como uma dificuldade de Radecki ministrar um curso de Psicologia Geral (exigência para que o Congresso ocorresse em Curitiba), uma diferença de intenções na gestão de um laboratório sugerido por Radecki (outra exigência de Radecki), problemas na divulgação do congresso, problemas na circulação de listas de inscritos e, por fim, a discussão das atribuições de Radecki como presidente da *Comissão Coordenadora* por parte de Gabriel Munhoz, Presidente do Comitê de Recepção - levaram a um impasse, onde a *Comissão Organizadora* “teve que resignar-se a suspender os trabalhos preparatórios e adiar a realização do II Congresso Latinoamericano de Psicologia” (p. 4-5). Aqui, novamente, constatamos como a figura de Radecki apresentada certas nuances que indicam não ser sempre alguém de fácil trato.

Já no fim deste volume aparece o aviso: durante a impressão da penúltima *Hoja de Psicologia*, houve a notícia de seu falecimento, o que redirecionou o volume final, nº 12, em sua homenagem. Uma *Biografia*, aqui já amplamente discutida, assim como comentários e demais homenagens, seja da *Sociedade Polaca do Uruguai*, do ex-ministro polonês, o Necrológio de Nilton Campos para Radecki (publicado no Brasil nos Boletins do Instituto de Psicologia no mesmo ano), uma memória de Delmira Cambiaggio, dentre outros. Chama a atenção o discurso de Maria Esther Domingues, reproduzido na *Hoja de Psicologia* e originalmente publicado no nº 104 da *Revista de Psiquiatria do Uruguai*.

Rugas pessoais à parte, a última impressão que salta aos olhos é a ausência de falas, discursos ou homenagens vindas de Halina Radecka. Sabemos que estava em Buenos Aires,

coordenando o Centro de Estudos Psicológicos convertido em *Instituto de Psicologia*, e sabemos também que publicou, em 1960, um livro intitulado *Psicologia Social*, bem como coordenou reedições do *Tratado de Psicologia* e do *Manual de Psiquiatria* na mesma época. Nosso estudo, por falta de documentos ou evidências (e também de quaisquer outras bases para articular uma interpretação crítica destas possibilidades ausentes), se encerra indicando que a influência de Radecki na Argentina ainda apresenta-se como solo fértil de pesquisas posteriores sobre o polonês.

Conclusão

Aqui, neste Apêndice que encerramos de maneira abrupta, tentamos fazer a nossa operação histórica do personagem. Acreditamos que o trabalho histórico não necessariamente se finda com fontes “melhores” ou mais “verdadeiras”, mas aqui apostamos que nossa articulação seja um pouco mais estável.

A proposta, entretanto, é menor uma correção e mais um questionamento. Através das fontes alternativas de jornais, volumes não explorados e outros documentos, articulamos uma possibilidade ainda ausente para uma narrativa possível de Radecki. Dessa forma, deixamos como uma espécie de provocação a possibilidade de outras narrativas. Como, entretanto, essa operação histórica não era nosso objetivo principal, a deixamos como um material de leitura secundário para o leitor interessado em (uma possível) história de Radecki. Esperamos que ela tenha servido para problematizar a caixa-preta na qual o polonês se transformou no Brasil.

Referências específicas do Apêndice

Jornais:

- 1920

Naród, 23/06, 1920;

- 1923

Comércio do Paraná, 08, 23, 28, 29 e 30/05/1923;

Correio Paulistano, 21, 22 e 30/06, 1923;

Correio da Manhã, 13 e 18/07/1923;

O Jornal, 08/07, 1923;

O Dia, 01/08/1923;

A República, 24/12/1923;

- 1924

O Dia, 01, 08, 15, 17/01/1924;

O Dia, 10, 12, 14 e 27/02/1924;

Correio da Manhã, 30/03/1924

-1925

O Paiz, 26/06/1925;

Correio da Manhã, 23 e 24/11/1925;

O Paiz, 01/11/1925;

- 1926

O Paiz, 25 e 26/01/1926;

Correio da Manhã, 10/04/1926;

O Paiz, 06/06/1926;

O Paiz, 29/08/1926;

O Paiz, 11, 11, 18, 21, 22, 24 e 25/09/1926;

O Jornal, 11/11/1926;

- 1927

Diário Nacional, 23/07/1927;

O Imparcial, 23/07/1927;

- 1928

O Paiz, 28 e 29/11/1928;

O Paiz, 26/05/1928;

O Paiz, 20/06/1928;

O Paiz, 12/12/1928;

- 1929

O Jornal, 07 e 12/07/1929;

Correio da Manhã, 25/07/1929;

- 1931

Revista da Semana, 06/06/1931;

- 1932

Correio da Manhã, 12/05/1932;

- 1933

Diário Carioca, 12/01/1933;

O Jornal, 28/11/1933.

Documentos levantados no Uruguai

CENTRO DE ESTUDIOS PSICOLOGICOS: Ata de Fundación. Montevideo: CEPUR, 1948.

PROGRAMA DEL CURSO DE PSICOLOGIA GENERAL (80 CLASES).
Montevideo: CEPUR, s/d.

HOJAS DE PSICOLOGIA. v. 1, 2, 3-4, 5, 6, 7, 8-9, 10-11, 12. 1947 – 1953.
Montevideo: CEPUR.